Sophia no Ler Escrever

De santo em santo até ao fim do mês

Ontem, comemorou-se o Santo António de Lisboa e, no Porto, iniciam-se hoje as comemorações do São João que, de acordo com os programas divulgados pelos organizadores, promete se bem mais do que um cumprir de calendário das festividades pagãs. A seguir será o São Pedro, num mês de Junho marcado por feriados e com os primeiros calores do Verão. Na noite de quarta para quinta-feira, a popular Alfama, que apesar dos maus tratos ainda resiste, recebeu os foliões. E, no diada assinatura do acordo de adesão do nosso país à CEE, os preçosforam à europeia, com a sardinha (unidade) a custar 30 escudos e a demonstrar que não há Santo que nosvalha para combater a crise. **Pág. 11**

Diário de Lisboa

ANO 65 N.º 21 782 — Sexta-feira, 14 de Junho de 1985 — Preço 40$00

Soares vai demitir-se

Fuga para a frente: Mário Soares antecipa-se à decisão de Eanes, sublinhando a sua disponibilidade para participar na solução da crise, e propõe aos portugueses que «contem com ele»

●Cavaco Silva recebido esta tarde em Belém

Com a ida de Cavaco Silva, esta tarde, a Belém, o Presidente da República dá início ao processo tendente a encontrar uma saída para a crise governamental aberta pelos sociais-democratas. Ontem, depois de os ministros e secretários de Estado do PSD terem solicitado a sua demissão, Mário Soares fez uma intervenção televisiva em que anunciou a sua intenção de se demitir, para facilitar ao Presidente da República a procura de uma solução. Mário Soares, que responsabilizou a direcção social-democrata pelos graves custos que esta crise terá para o País, anunciou, no entanto, que não irá partir em cruzada contra o PSD. Desconhece-se ainda quando formalizará a sua demissão, mas tudo indica que essa data será conjugada com o Presidente da República, que deverá convocar a todo o momento o Conselho de Estado e iniciar nova ronda de consultas aos partidos políticos. Eanes tem, a partir de hoje, dia 14, exactamente um mês para dissolver a Assembleia da República.

Pág. 4

Tudo na primeira pessoa

Anunciando a sua intenção de se demitir passadas pouco mais de 24 horas sobre a assinatura do tratado de adesão à CEE, Mário Soares toma a iniciativa de pôr nas mãos de Eanes a solução para a crise de Governo, e abre, ao mesmo tempo, a guerra eleitoral contra a actual direcção do PSD.

Esta, acusada pelo Primeiro-Ministro de ter tomado «uma decisão irresponsável que, em termos nacionais, não tem perdão», é também criticada por pretender agora gerir — «esbanjar», no dizer de Mário Soares — a situação de relativo desafogo em que as finanças nacionais se encontram, finalmente, em resultado da apertada política de austeridade de Ernâni Lopes.

Obrigado por Cavaco Silva a abandonar a aposta política em que acreditou e a que se mantém fiel — a coligação entre os dois maiores partidos portugueses — o Primeiro-Ministro aceita, contrariado, voltar à «estaca zero», mas afirma-se igualmente, talvez mais do que nunca, como homem providencial por onde passam, inevitavelmente, as soluções futuras.

O discurso em que anuncia a sua demissão tem já, aliás, o sabor de um discurso de campanha, significativamente redigido, na sua maior parte, na primeira pessoa do singular: «Como noutras ocasiões, o País sabe que pode contar comigo. Com o vosso apoio, vamos conseguir»...

Soares considera que não tem inimigos senão entre os defensores «dos radicalismos de sinal contrário», pensa que os portugueses reconhecem nele o melhor intérprete da estabilidade e da modernização e tenta alargar, no momento exacto em que anuncia que o seu governo já não tem sentido, a estrada que o poderá levar a Belém.

Resta saber se o quadro legislativo resultante de eleições gerais antecipadas — que o Presidente Eanes poderá provocar — satisfará os legítimos projectos do Primeiro-Ministro demissionário.

DL

ONU reconhece no Ano Internacional da Juventude

Jovens têm sido ignorados

O Ano Internacional da Juventude foi proclamado pela ONU com o objectivo de sensibilizar a opinião pública para a situação dos jovens. No âmbito do seu programa estão a proceder-se a estudos em todas as regiões do planeta que têm por finalidade a definição dos meios que podem levar à resolução dos problemas enfrentados pela juventude assim como permitir um melhor aproveitamento das potencialidades dessa camada etária.

Foi em 1979 que a Assembleia Geral das Nações Unidas decidiu designar 1985 como ano internacional da juventude. O processo de planificação teve início em 1981 quando a ONU adoptou um programa específico, aprovado pelos 24 Estados membros constituídos em Comité Consultivo para o AIJ, visando objectivos no plano regional e nacional.

De acordo com esse programa, cada nação deveria examinar a situação dos seus jovens — definidos pelas Nações Unidas como as pessoas com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos — e saber em que medida as políticas nacionais ajudam ou prejudicam essa camada da população.

A decisão de consagrar um ano aos jovens foi tomada pela ONU por se ter concluído que o citado grupo etário tem sido sistematicamente ignorado e que, com ou sem condições materiais, os jovens vivem actualmente em sociedades submetidas a um ritmo acelerado de transformações económicas e sociais nas quais lhes é cada vez mais difícil encontrar uma ocupação produtiva.

O Ano Internacional da Juventude, que decorre sob o lema de «Participação, Desenvolvimento e Paz» está destinado a promover melhores condições de ensino, de trabalho e de vida, em geral, garantir os meios para a participação activa dos jovens no desenvolvimento global da sociedade e encorajar a instauração de políticas locais ou nacionais que visem melhorar a situação da juventude de acordo com as experiências e a prioridade de cada país.

Referindo-se aos temas a que está subordinado o AIJ, o seu secretário executivo, Mohammad Sharif, especificou:

«Participação» significa que os jovens têm o direito de ser tomados em conta nas discussões e nas decisões que afectam as suas vidas e o futuro das suas sociedades. Isso supõe compreensão, igualdade, tolerância, empenho e a certeza de que serão escutados»;

«Desenvolvimento» implica a inovação e o progresso tanto ao nível individual como social. Os jovens devem desenvolver-se livremente salvaguardando o espírito da sua própria herança cultural. «Paz» não significa, simplesmente, a ausência de todo e qualquer conflito. A paz quer dizer compreensão, justiça e igualdade, participação e desenvolvimento, a liberdade de existir e a certeza de que o futuro vale a pena ser vivido.»

Um quinto da população mundial

«As perspectivas dos jovens em matéria de prosperidade estão a diminuir. «Penúria», «desemprego», e «subemprego», «angústia», «pragmatismo», «desconfiança», «subsistência» e mesmo «sobrevivência» caracterizam a experiência dos jovens desta época», conclui um estudo realizado pela ONU no âmbito do Ano Internacional da Juventude.

Nesse estudo, citado por Stephen Silha no seu artigo «Os Jovens Têm o seu Ano», publicado no boletim da organização «Feature», sublinha-se que se as actuais condições económicas mundiais continuarem a prevalecer, o desemprego aumentará durante o próximo decénio ultrapassando em larga escala os índices actuais.

Um em cada cinco habitantes do planeta têm a idade compreendida entre os 15 e os 24 anos e a tendência demográfica aponta para um aumento.

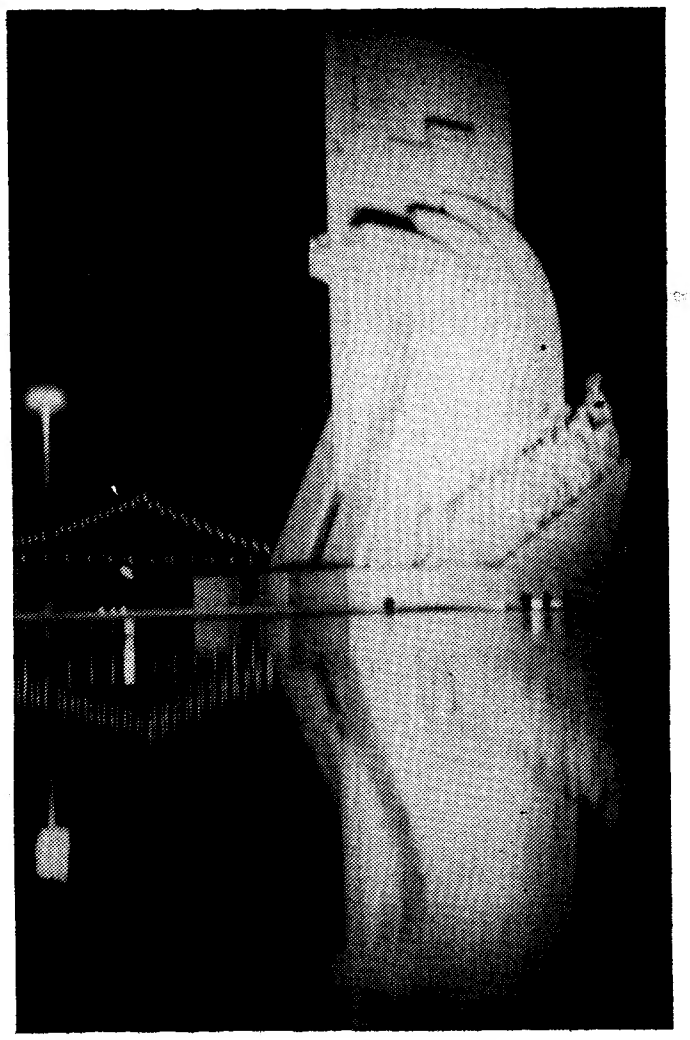
A população mundial contava em 1975 com 738 milhões de jovens. No ano 2000 prevê-se que o seu número deseja de 1,18 milhares de milhão o que equivale a um aumento de sessenta por cento de jovens no último quartel do século.

Actualmente, 2/3 dos jovens vivem nos países em vias de desenvolvimento, principalmente nas zonas rurais. E enquanto que a proporção de jovens nas populações das regiões mais desenvolvidas aumentará apenas 5 por cento, o mesmo grupo etário crescerá, nas regiões menos desenvolvidas, cerca de 80 por cento.

«Estes jovens», escreve Silha, «terão necessidade de espaço, de trabalho, de educação e de tempos livres. Os privilegiados não terão problemas; os menos favorecidos vão conseguir sobreviver mas é possível que venham a mostrar-se difíceis se as aspirações que fizeram nascer neles, no que se refere a melhores possibilidades de educação, não forem satisfeitas.»

Entre 1975 e o ano 2000, a população jovem terá praticamente duplicado em África, na Ásia e na América do Sul. Este aumento, segundo o especialista da ONU, «terá provavelmente efeitos negativos no crescimento económico e no progresso social. Agravará a maior parte dos problemas que os jovens já enfrentam hoje como o desemprego, ausência de meios de ensino, possibilidade de informação, inadaptação do ensino, que não os sabe preparar de modo a que participem de maneira produtiva no desenvolvimento da sociedade, insuficiência de meios higiénicos e má nutrição.»

Silha sublinha ainda que se irá sentir «de modo mais agudo, a apatia ou a exaltação dos jovens face às questões de ordem moral e serão mais profundos os seus sentimentos de impotência face à participação real no processo político; crescerá a sua alienação nas cidades de betão, sem alma, nas sociedades de consumo que prometem tanto e dão tão-pouco, aumentará o seu desespero e a frustração porque o idealismo natural da juventude não é posto ao serviço do bem e da sociedade.»



A macro-história, isto é, uma história geral do progresso e desenvolvimento **(se existem tais coisas!)** da humanidade **(de que, afinal, somos apenas mini-micro-leitor-apreciador)** colocaria (?!) a estratégia dos descobrimentos como tema europeu prioritário da história da Europa e do Mundo. Por isso, não unicamente de reflexo luso-português, como também, mas amargamente, se sabe.

Teria sido D. Pedro (1392/1449), Duque de Coimbra — **filho de D. João I (1357/1433) e irmão de D. Isabel (1397/1471), Duquesa de Borgonha por casamento com Filipe (1396/1467), o Bom, e mãe do último dos grandes Duques de Borgonha, Carlos (1433/1477), o Temerário** — que viajado pelas «Sete Partidas» (Barcelona, Veneza, Pádua, Ferrara, Roma, Hungria, Flandres, Inglaterra, Castela) orientara e impelira, em Portugal, na parte da Europa à beira-mar plantada, a gesta marítima da descoberta de novas rotas de comércio de especiarias, de pesquisa de ouro, de expansão, de poder político e de riqueza.

A micro-história **(de que bem poderíamos ser maxi-macro--leitor--apreciador),** nesta acepção, seria a história das insignificâncias, das derrotas, dos insucessos, dos programas não cumpridos, das coligações desfeitas, das revoluções não compreendidas, das inflações intelectuais, dos atrasos insuperáveis, das conquistas adiadas, das inúteis discussões de bastidores, das inseguranças e incertezas ideológicas.

Foto do autor, em homenagem do dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas.

10 Junho 1985

R. Toulson A. Leite

TEMA PALAVRA AO LEITOR

A classificação no Ensino Secundário

A minha primeira profissão foi a de professor do ensino secundário particular, que exerci durante cerca de dez anos. Gostava muito de ensinar; mas sinto-me melhor na minha profissão actual, porque detestava classificar.

É impossível atribuir a um aluno uma classificação rigorosa por meio de uma escala numérica, e é desonesto pretender que uma escala numérica pode permitir uma classificação rigorosa.

Ninguém pode dizer com rigor que as respostas de um aluno a determinadas perguntas valem 45%, e que as de outro valem 55%; de resto, um aluno que não domina os pormenores da matéria de um programa pode dominar os seus elementos essenciais. Lembrem-se os classificadores de que Einstein, enquanto estudante, só foi aprovado à tangente!

Parece necessário, apesar de tudo, recorrer a uma escala; mas então procure-se reduzir os inconvenientes, e não se atribua um grande rigor ao que não pode ter rigor.

Quando se adoptou, para a classificação dos alunos, a escala de 1 a 5, procurou-se precisamente reduzir os inconvenientes da aplicação de uma escala numérica, pois esses inconvenientes são tanto maiores quanto maior a pretensão de rigor. A classificação de 1 corresponderia até 20%; 2, de 20 a 40%; 3, de 40 a 60%; 4, de 60 a 80%; 5, de 80 a 100 %.

Muitos professores estão a aplicar um critério diferente, pois entendem que a nota de 2 vai até ao meio da tabela e têm atribuído, nos períodos, a nota de 2 a alunos que, segundo os mesmos professores, prestaram provas que valiam até 49%. Mas não foi para isto que se abandonou a antiga escala de 0 a 20!

Um aluno a quem o professor disse que as suas provas valem por exemplo, 45%, tem todo o direito a receber a classificação de 3, porque esse foi o espírito da adopção da escala de 1 a 5.

O ensino carece de grandes transformações; mas essas transformações são no sentido de se tornar adequado às realidades, e a escala de 1 a 5, entendendo-se que a nota de 3 cobre a faixa de aproveitamento que, segundo os professores, vai de 40 a 60%, é a que se encontra mais próxima da adequação às realidades, especialmente até ao 9.º ano de escolaridade. Aliás, em várias disciplinas os compêndios deveriam ser modificados e simplificados; mas esse é outro assunto, que só se refere aqui porque o aproveitamento dos alunos pode ser muito prejudicado pelas características dos compêndios.

Escrevo quando o ano lectivo está muito perto de terminar. Oxalá estas breves linhas ainda vão a tempo de contribuir para que alguns alunos não sejam vítimas de um critério que não se justifica.

C. R.
(leitor identificado)

Europa: n.º 11

«Eis aqui se descobre a nobre Espanha,
Como cabeça ali da Europa toda...»

«Eis aqui, quási cume da cabeça
Da Europa toda, o Reino Lusitano,
Onde a terra sè acaba e o mar começa
E onde Febo repousa no oceano.»

Camões

Ao editorial, revelador de uma intenção programática e anunciador de uma viragem de orientação do velho «O Diabo», o grupo jovem que passou a dirigir o semanário fundado por Artur Inês e Horácio Virgílio da Cunha, deu o título significativo: **Europeízação.** Foi autor do editorial um companheiro já falecido: Jorge Domingues. No artigo de que o grupo jovem que ia renovar «O Diabo» e do qual saíram alguns dos escritores que contaram no movimento, por comodidade de designação, dito «neo-realista», tomou conhecimento e aprovou, exprimia-se uma consciência de modernidade cultural face (e contra) a fossilização da actividade intelectual e artística, o obscurantismo opressivo, do regime salazarista. Considerávamos que importava vencer o isolamento, em relação à Europa, que resultara da vitória franquista em Espanha. Entre a fronteira portuguesa e a barreira pirenaica, o imenso deserto da Espanha fascista de que era símbolo triste o terrível brado histérico do general Milan d'Astray: «Morra a inteligência.» Era esse deserto fascista (cultural e político), que tínhamos necessidade de vencer para chegar à Europa, à frágil Europa da abdicação de Munique, que a brutalidade nazi ia varrer, destruir, mortificar. Mas nós pensávamos — era a nossa pureza e a nossa força — na França de Jean-Richard Bloch e de Romain Rolland, e não na França de Daladier. E da Alemanha, a arder já nas fúrias da agressividade hitleriana, escutávamos a mensagem de um Karl Von Ossietzky, soletrávamos a legenda latina da Universidade de Kiel: **Pax optima rerum.**

Escrevíamos: «Europeízação»; e líamos: cultura humanista, espírito crítico, racionalismo, progresso científico e tecnológico, criação livre, democracia. Escrevíamos: «Europeízação», e queríamos falar de liberdade, de progresso, de reforma das mentalidades, de modernização cultural. Era na época em que a Censura vigiava inquisitorialmente os que escreviam e cortava, e recortava os textos nos jornais e revistas, suspendia publicações, proibia livros portugueses de circular e proibia a importação de livros estrangeiros. Era a época em que seria proibida a «História de Portugal», de António Sérgio.

Então, em nosso entender, «europeízação» era a palavra bastante para indicar um propósito: contrariarmos a vaga obscurantista. E não pretendíamos a «europeízação» porque nos considerássemos estranhos à Europa, geográfica ou historicamente fora da Europa. Camões ensinava-nos que éramos, nós, portugueses, nós, Portugal, o «cume da cabeça da Europa toda.» A experiência imediata, a dos anos da nossa formação intelectual e política no ambiente do situacionismo frustrado e frustrante do «Estado Novo», ensinava-nos que da Europa, apesar de Mussolini e de Hitler, nos chegavam, furando o bloqueio, sinais de liberdade, luzes de cultura.

A «europeízação» — o mais estreito relacionamento cultural com a Europa — apresentava-se-nos como um objectivo eminentemente progressista. Não se tratava de «entrarmos na Europa», mas de, contra o isolacionismo salazarista, reivindicar o nosso «europeísmo», a nossa qualidade de «europeus», o nosso «direito à Europa».

Diferente, será no Portugal livre e democrático, a consideração do nosso relacionamente com a Europa. E não só diferente porque aconteceu o «25 de Abril» e a «descolonização», e a Europa na qual nos vamos integrar é uma diminuída Europa, a da CEE, e nem representa uma totalidade geográfica, nem uma unidade económica (na sua complementaridade e completude), nem uma comunidade cultural. Não há Europa cultural com Berlim dividida, sem Weimar, sem Praga, sem Viena.

A Europa da CEE, à qual nos vincula agora um tratado, arrastadamente negociado e apressadamente concluído, coloca-nos problemas políticos, económicos e culturais. Esses problemas não são maiores, mais preocupantes, em consequência da concomitante integração da Espanha na CEE. Supô-lo, é ainda sacrificar à mitologia da insanável rivalidade peninsular (ou dos perigos da hegemonia de Madrid) e equacionar uma problemática de defesa económica e geoestratégica que nos entrega a protecções exteriores à Europa.

O argumento de que não havia alternativa para uma política de negociação com a Europa-CEE, é, em si falacioso. A Áustria, ou a Suíça, resistem a esse e outros esquemas comunitários ou sistemas de aliança. Nem se sentem atraídos pelas estratégias militares, nem se sentem constrangidos pelas combinações económicas e financeiras. Continuam neutrais, e em suas economias autónomas dentro de perspectivas de cooperação que consideram convenientes e suficientes.

A nossa «política europeia» surgiu como uma compensação pós-imperial, como «o regresso». E pretendeu-se valorizar a integração portuguesa na Europa-CEE pelo papel extra-europeu que a dissolução do império colonial não encerrou. Erro de perspectiva negocial: a Europa não precisa de nós para **entrar** nas antigas áreas coloniais. Nessas áreas deveremos estar presentes como «europeus» que aprenderam o mundo pela experiência de achar e desvendar mundos. Presentes apesar da Europa; nunca em representação da Europa. Não sendo império, não deveremos ser caixeiros-viajantes de imperialismo .

Ao destino da Europa-CEE liga-nos agora o articulado de um tratado. Que é um desafio, dizem-nos. E o desafio desdobra-se em político, económico, cultural. É tarde para evitarmos o choque europeu; é cedo para aquilatarmos das suas consequências. Agricultura e as indústrias da terra e do mar sentem-se ameaçadas. O argumento de que não havia alternativa não dá paz aos inquietos, nem aos receosos restitui a confiança. E quanto à identidade cultural? Será que corremos o risco de uma colonização cultural mais intensa do que aquela que vimos consentindo?

Continuaremos a ser — como cantou Camões — o «cume da cabeça / Da Europa toda, o Reino Lusitano, / Onde a terra se acaba e o mar começa...»? Ou seremos, daqui por diante, da Europa-CEE o N.º 11 — um Estado contratualmente vinculado, um país «às vossas ordens»?

De João Faria Borda e José Gomes Ferreira

António Modesto Navarro

É preciso ter muito cuidado, para falar destes homens. Cuidado e respeito. Digamos que, se nos excedermos, arriscamo-nos a encontrá-los por aí, numa rua de Lisboa, e a termos de explicar porque escrevemos assim ou fomos vazios.

No dia 31 de Maio, José Gomes Ferreira esteve na Associação 25 de Abril. Lá estava Rosalia. Estava muita gente boa, militares e civis, civis e militares aos abraços e à conversa. Festejava-se a poesia e o poeta. Vasco Lourenço, para falar de José Gomes Ferreira, falou de João Faria Borda. Certo. Dois homens que se encontraram no mesmo dia, nos nossos sorrisos e lágrimas. Não há nada que pague a alegria de estarmos vivos e com eles. A alegria de sentirmos que os seus desejos se cumprem, agora e neste País onde o governo e o primeiro-ministro estão mortos há tanto tempo.

Eles estão vivos, como sempre estiveram. José Gomes Ferreira estava vivo em Abril de 1974, quando nos dizia, com aqueles braços abertos, logo na primeira reunião da direcção da Associação Portuguesa de Escritores que se seguiu ao 25 de Abril:

— Que estamos aqui a fazer?! Vamos mas é para a rua!

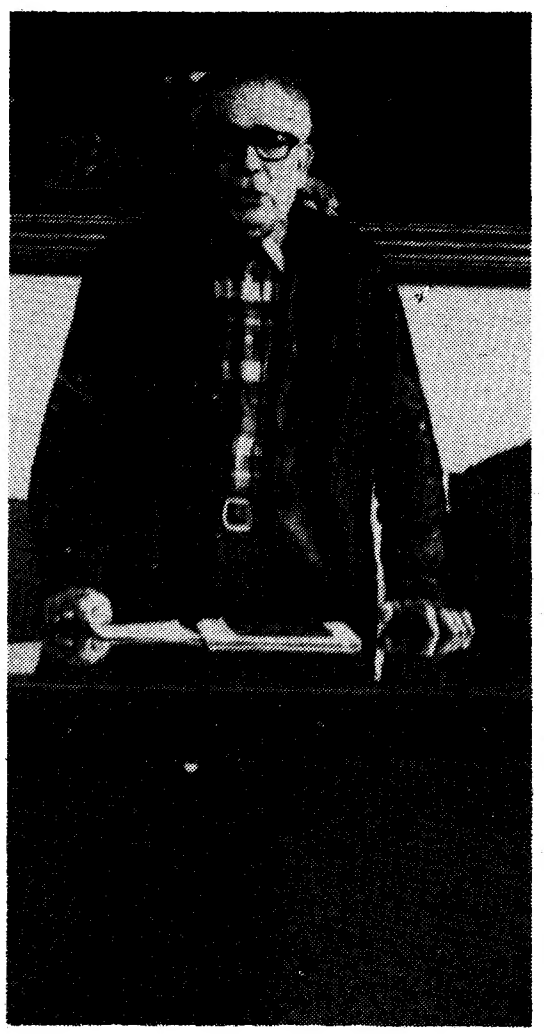
E levantava-se da cadeira do presidente de direcção mais democrata e fraterno que conheci, agarrava no casaco e queria ir embora. Nós pedíamos apenas alguns minutos, só para tratarmos do inadiável, perante a sua insistência.

João Faria Borda foi companheiro e ajudou a formar dezenas de quadros da clandestinidade e da luta democrática. Impressionava, o seu silêncio. Como impressionava quando falava. Era aberto e amigo, como José Gomes Ferreira. Um teve o Tarrafal e outras prisões como lugares de amadurecimento e de amor por este País e este Povo. Outro teve as ruas de Lisboa e a prisão enorme do fascismo, onde sufocava. Quarenta e oito anos passados pelos dois, medidos dia após dia, cada um trabalhando por seu lado para libertar os outros.

Há homens que desaparecem e logo se descobre que estavam mortos desde muito cedo. Há homens que ficam connosco. José Gomes Ferreira e João Faria Borda estão vivos e aqui, no nosso coração e em Lisboa. Um dia estarão ainda mais vivos e a participar na vida do País inteiro, de braço dado com os homens e mulheres que constroem o mundo novo.

Saudades do futuro, tiveram-nas e têm-nas eles agora. Saudades do que se constrói nas ruas, nas fábricas, nos campos e nas cidades. Muitos homens e mulheres aprenderam a viver com José Gomes Ferreira e João Faria Borda. Quando assim acontece, as reuniões sinceras e fraternas de intelectuais, as sessões de luta e de convívio, as reuniões e acções da Cooperativa Trabalhadores de Portugal, da luta democrática e da clandestinidade continuam a ser bússulas que guiam — nossos olhos e sentidos.

Hoje, o caminho está mais aberto para o futuro. Lá à frente, José Gomes Ferreira, no coração de militares e civis, e João Faria Borda, no coração de civis



e militares, apontam em frente, ansiosos por chegarem à vitória e ao início de nova etapa, talvez desgostosos de irmos tão devagar.

João Faria Borda partiu do bairro onde viveu os anos mais calmos e menos dolorosos da sua existência. Levava com ele muitos amigos e cravos vermelhos, como José Gomes Ferreira. Foi num sábado de manhã, e havia em Campo de Ourique homens e mulheres que choravam porque aprenderam com ele a serem companheiros e a abrirem o caminho. João Faria Borda não morreu. Está no coração e no cérebro dos que hoje têm muita esperança e confiam na vida. Dantes, às vezes ele precisava de dizer para termos confiança. Era contra o desespero e a pressa. Levantava calmamente a voz, nas reuniões, e logo as ideias e as questões entravam nos lugares. Também ele dizia, como José Gomes Ferreira, quando as discussões não saíam do zero, que todos precisávamos era de ir para a rua e para a luta.

Isso, o combate. Em cada homem, a palavra amiga e o gesto de abertura para novo mundo. Hoje, está tudo mais claro, nesta manhã de Junho. José Gomes Ferreira e João Faria Borda sorriem e cada um à sua maneira explicam aos amigos e companheiros que não há nada como confiar na vida e nos que lutam no trabalho e nas ruas.

Vamos lá para fora, continuarão eles a dizer, quando as reuniões demorarem. «Ar puro, que a vida está na rua!», «Calma, amigos, isto não vai só com palavras». Assim diriam eles, cada um à sua maneira, na Associação Portuguesa de Escritores ou na reunião, clandestina ou já em liberdade, de Santo Condestável.

E nós, porque gostamos muito deles e sabemos que em Lisboa não há muitos homens assim, tão grandes e tão sinceros, estamos de acordo e por aí vamos, convictos de que lá adiante se confirmarão as certezas de que, quando eles falam connosco, medem bem as palavras, a ponto de já serem actos.

Duas palavras mais e acenos de amizade para Rosalia e Isabel, as companheiras tão iguais a eles. Em vós teremos sempre os olhos fraternos e os sorrisos claros e dolorosos de José Gomes Ferreira e de João Faria Borda. Digo isto já com lágrimas nos olhos e por isso vou terminar, para que o sentimentalismo que eles rapidamente afastavam não nos tape nem sequer momentaneamente o caminho.

Não podemos atrasar-nos, porque eles vão lá à frente e não gostam de esperar por quem se fica nas palavras.

PONTO A PONTO

Cerca de quatro dezenas de militantes da UDP da região do Porto abandonaram a organização como forma de protesto contra «o controleirismo liquidacionista da autonomia da UDP pelo PC (R)» — foi ontem anunciado. Uma carta entregue na agência ANOP, os signatários referem que «os métodos sectários e a política pequeno-burguesa» do PC (R) impedem «a possibilidade do debate franco e aberto e subvertem a democracia no seio da UDP». «Concluímos — diz o texto — que a ruptura é uma necessidade para darmos coerência ao nosso empenhamento militante para pôr de pé a política revolucionária que permita o derrube violento deste regime capitalista».

Onze detidos na prisão de Custoias, por alegadamente pertenceram às FP-25, manifestaram ontem a sua solidariedade a Daniel Tavares, «arbitrariamente transferido» daquele estabelecimento prisional para Vale de Judeus. Em comunicado, aqueles elementos das FP-25 ameaçam entrar em greve de fome «caso não seja reposta a normalidade na situação prisional de Daniel Tavares». Os signatários do protesto exigem o regresso do companheiro a Custoias «a fim de poder prestar o apoio afectivo à companheira, grávida de sete mese e também ali detida». Daniel Tavares e a sua companheira encontram-se já em greve de fome.

Ramalho Eanes preside, terça-feira, em Braga, à sessão de abertura de uma série de colóquios sobre «relações internacionais», que vão decorrer na Universidade do Minho — anunciou ontem a comissão organizadora em conferência de Imprensa. Nesta sessão de abertura o Presidente da República deverá fazer uma breve intervenção sobre as relações de Portugal com os países africanos de expressão portuguesa. Os colóquios, promovidos pelo Curso de Relações Internacionais da Universidade do Minho, têm como tema genérico «As Relações de Portugal com os Países de Língua Oficial Portuguesa».

O novo embaixador de Portugal em Paris, Gaspar da Silva, é esperado hoje na capital francesa para assumir as funções. Gaspar da Silva, que foi o primeiro cônsul geral em Paris depois do 25 de Abril, e depois embaixador de Portugal na India, ocupava ultimamente o posto de secretário de Estado da Cooperação. A sua nomeação para Paris foi bem acolhida nos meios da emigração, num momento em que se desenvolve em França uma campanha anti-estrangeiro.

Um ponto para Soares

Eduardo Rebelo

«Por mais que se azedem os ânimos, alguém terá, por amor de Portugal, de pensar no futuro e de concertar as coisas.»

Com estas palavras, Mário Soares definiu ontem à noite, perante as câmaras da Televisão, o que será a estratégia do Partido Socialista em período pré-eleitoral: assumir um papel moderador, dando uma imagem de responsabilidade como resposta «à inevitável radicalização que se adivinha».

Perante a ofensiva da nova direcção social-democrata, Mário Soares, «apesar da mágoa» e da «indignação», afirma: «Não agravarei a polémica nem partirei em cruzada» (...) «muito menos contra um partido que respeito».

Desviando-se do confronto — mas não deixando de desgastar o adversário («bravata de firmação pessoal ou partidária» e «decisão irresponsável que, em termos nacionais, não tem perdão») —, Mário Soares lançou a «escada» aos que dentro do PSD se encontram em divergência com Cavaco Silva e, ao mesmo tempo, colocou mais algumas pedras no edifício da sua candidatura à Presidência da República.

Foi um discurso estudado, com as palavras cuidadosamente medidas, [illegible]

" Decisão irresponsável que não tem perdão "

Demissão dos ministros PSD vai levar Soares à renuncia

«Os pressupostos políticos que foram a razão de ser, em Junho de 1983, do actual Governo alteraram-se abruptamente. Deixou pois de ter sentido este Governo». Com estas palavras, Mário Soares justificou ontem perante as câmaras da RTP a apresentação do seu pedido de demissão, concretizado à tarde perante o Presidente da República.

Depois da audiência com o general Ramalho Eanes, Soares pronunciou um rápido discurso na TV para, em apenas 17 minutos, anunciar a sua disposição de deixar cair o IX Governo Constitucional, o que só não se concretiza de imediato para evitar «o vazio governativo».

«Não fujo às minhas responsabilidades, nem criarei uma situação de vazio governativo», disse o Primeiro-Ministro, para depois acrescentar: «Só por isso formalizei já o meu pedido de demissão, até para permitir que outros órgãos constitucionais procedam ao exame da situação com serenidade».

Para o futuro, as perspectivas adiantadas por Soares. que se apresentou nos écrans com um ar de «sacrificado» não foram brilhantes — «seremos constitucionalmente obrigados a voltar à estaca zero».

«Daí que a consequência lógica, em termos constitucionais do rompimento da coligação, possa ser a dissolução da Assembleia da República e a realização de eleições legislativas antecipadas», disse o secretário-geral do PS.

No entanto, Mário Soares não deixou de adiantar a sua perspectiva para a solução da crise: «Estou sinceramente convencido de que sem um esforço patriótico, de convergência, entre os dois maiores partidos democráticos, enquanto o quadro parlamentar for o que é, não haverá melhor forma de levar por diante com êxito a obra de modernização de Portugal que é tarefa inadiável da próxima década».

É isso que justifica a promessa de «apesar da mágoa que sinto e mesmo da indignação que não vos escondo, não agravar a polémica nem partir em cruzada contra a direcção do PSD — partido que respeito».

Mas claro que Cavaco Silva, sem nunca ser individualizado, foi zurzido durante a alocução do Primeiro-Ministro. A direcção do PSD foi acusada de «numa bravata de afirmação pessoal e partidária» romper a coligação, sem no entanto poder convencer os portugueses das vantagens que podem retirar desse rompimento.

Antes, perspectivava-se a adopção de medidas — após a contenção dos dois primeiros anos deste Governo — que poderiam relançar a economia, conter o desemprego e melhorar a situação dos mais desfavorecidos, medidas agora inviabilizadas.

A crise, «que deliberadamente se introduziu na sociedade portuguesa» resultou, disse Soares, «de umas decisão irresponsável que em termos nacionais não tem perdão».

Isto porque, explicou Mário Soares, se tinha concretizado a recuperação herdada da AD. «Levianamente se volta a por tudo em causa. Alguns dos responsáveis da crise de 1982 apressam o regresso, procurando ressuscitar fórmulas já experimentadas que fracassaram, agora que o Banco de Portugal voltou a ter uma posição confortável em matéria de divisas. Os apetites para as esbanjar surgem outra vez.»

Neste quadro, Mário Soares apresenta-se como ponto de referência: «O País sempre tem contado comigo em momentos particularmente difíceis, alguns mesmos dramáticos que estão na memória de todos.» E «tenho procurado exercer uma acção moderadora, liderando o maior partido político português, mas buscando sempre amplos consensos para operar as transformações e reformas necessárias à modernização da sociedade portuguesa».

«Infelizmente — disse ainda — e contra o que sonhei e porque tenho trabalhado, sem descanso, tudo indica que não vamos começar da melhor maneira o novo ciclo. Os portugueses não mereciam o que está a acontecer.»

Mas, asseverou Soares, «é nos momentos difíceis que a têmpera dos homens mais se afirma. No passado recente já atravessámos situações piores. Sempre as vencemos. Como noutras ocasiões o País sabe que pode contar comigo, com o vosso apoio vamos conseguir».

Demissões

A intenção de demissão anunciada por Soares surge na sequência dos pedidos de exoneração dos ministros sociais-democratas, que ontem mesmo lhe enviaram cartas nesse sentido.

Recorde-se que a demissão dos 18 membros do PSD havia sido decidida pela Comissão Política do partido no dia 4 de Junho.

O vice-primeiro-ministro e ministro da Defesa, Rui Machete, não apresentou o seu pedido de demissão porque já o fez no dia 20 de Maio. O mesmo se passa com o secretário de Estado Turismo, José Ferraz, visto já ter pedido a exoneração a 27 de Maio.

Outro membro social-democrata que ontem não enviou a Mário Soares a sua carta de demissão é o secretário de Estado adjunto do vice-primeiro-ministro, Faria de Oliveira, por considerar que a sua exoneração é automática em função da queda de Rui Machete.

A concretização da saída do PSD do Governo implicou apenas a apresentação da demissão de cinco ministros e seis secretários de Estado. São eles Amândio de Azevedo (Trabalho), Mário Raposo (Justiça), João de Deus Pinheiro (Educação), Álvaro Barreto (Agricultura) e Ferreira do Amaral (Comércio e Turismo). Quanto aos secretários de Estado trata-se de Fernando Nogueira (Desenvolvimento Regional), Manuela Aguiar (Emigração), Carvalho Carreira (Indústria) Casimiro Pires (Obras Públicas), Carlos Pimenta (Pescas) e Alípio Dias (Orçamento).

A apresentação do pedido de demissão justifica-se neste caso por se tratar de secretários de Estado em que os titulares são do PS ou, como é o caso de Alípio Dias, em que o ministro é o independente Ernâni Lopes.

Não precisam de formalizar a demissão além dos já citados Faria de Oliveira e José Ferraz, Figueiredo Lopes (Defesa), Simões Alberto (Ensino Básico e Secundário), Rui Amaral (Emprego e Formação Profissional), e Leonor Beleza (Segurança Social) por exoneração dos respectivos ministros o implicar necessariamente.

Mas a saída dos sociais-democratas do Governo implicará ainda a dos secretários de Estado socialistas Almeida e Costa (adjunto do ministro da Educação), Vítor Ramalho (Trabalho), Antunes Filipe (Comércio e Indústria Agrícilas), Raquel Ferreira (Comércio Externo), Agostinho Abade (Comércio Interno) e ainda dos independentes Joaquim Gusmão (Produção Agrícola) e Virgílio Meira Soares (Ensino Superior).

Além destas pastas o PSD tinha ainda a responsabilidade pelo Ministério da Qualidade de Vida, mas, desde que Francisco Sousa Tavares abandonou o Governo, tem sido o socialista Miranda Calha que tem assumido essas funções.

Reacções

Entretanto, surgiram já as primeiras reacções ao discurso que Mário Soares proferiu ontem perante as câmaras da televisão. Enquanto Cavaco Silva se recusava a qualquer comentário, o CDS, através do seu líder parlamentar, Nogueira de Brito afirmou que «sem querer diminuir a responsabilidade do PSD na actual crise política, o Governo cai em resultado daquilo que foi como Executivo».

Aquele dirigente democrata-cristão sublinhou que para o CDS a solução passaria pela antecipação do calendário eleitoral, através da renúncia do mandato presidencial e a dissolução do Parlamento.

Nogueira de Brito salientou que «a convocação de eleições legislativas antecipadas é uma solução onerosa e má, mas preferível a uma solução que passe pela constituição de um governo sem base parlamentar», que seria para o CDS «desprestigiante para as instituições».

Por seu lado, a Comissão Política do MDP/CDE considerou hoje que «o pedido de demissão anunciado pelo Primeiro-Ministro é o mínimo que se poderia esperar depois da ruptura da coligação».

Em comunicado este partido afirma que a ruptura da coligação demonstra que «a maioria parlamentar não é base suficiente de sustentação seja de que governo for».

«Não há coligação que resista à falta de consonância da sua prática política com os interesses do País e as aspirações dos portugueses», acrescenta.

O MDP/CDE considera que o Presidente da República deve dissolver a Assembleia da República e convocar eleições legislativas antecipadas.

«Não partilhamos a ideia de que tudo ficará na mesma em futuras eleições antecipadas que fornecerão seguramente dados novos na problemática política nacional», frisa o comunicado.

O MDP/CDE adianta ainda que a política realizada pelo Governo não permite ao PS ser a base de uma solução governativa alternativa.

Nesta perspectiva, o MDP reafirma a necessidade da formação de um Governo que integre os partidos representados no Parlamento e personalidades democráticas para a realização de eleições antecipadas.

O MDP/CDE salienta que dos partidos parlamentares só o PS não defende abertamente as eleições antecipadas, «embora não as rejeite» pois «o actual Parlamento perdeu a sua legitimidade política e deixou de representar o povo português».

Convenção do PRD amanhã em Tomar

Principal problema é saber quem lidera até à "libertação" de Ramalho Eanes

Augusto Vilela

Mais de mil pessoas, entre delegados, observadores e convidados especiais haviam já confirmado hoje a sua presença na Convenção Nacional do PRD, que amanhã e domingo decorre em Tomar. Trata-se do culminar de uma fase importante de um processo que se desenvolve há mais de um ano e vai fazer aparecer na cena política uma nova força que se apresenta como alternativa democrática ao impasse que os actuais partidos políticos geraram.

A Convenção Nacional do PRD vai ratificar todos os documentos elaborados ao longo de meses em reuniões nacionais, distritais e concelhias, realizadas praticamente em todo o país.

Assim, na expectativa dos seus promotores, a partir de domingo, o PRD ficará dotado de todos os instrumentos necessários para poder actuar como partido e intervir na vida política portuguesa: estatutos, bases programáticas, estratégia política e corpos directivos eleitos por todas as estruturas.

As moções

Entre os documentos mais importantes a ser discutidos na Convenção contam-se onze moções de estratégia global e quatro de matéria programática. No entanto, como já há dias referimos, elas não apresentam grandes diferenças nem são contraditórias. Apenas umas precisam mais detalhadamente certas questões, como será o caso da de Castelo Branco, que defende que o PRD se apresente a eleições depois de Ramalho Eanes assumir a presidência do partido. A moção de Beja refere claramente que o PRD não deve apoiar a candidatura de Maria de Lurdes Pintasilgo e apresenta nomes de possíveis candidatos como Costa Brás e Garcia dos Santos.

Assume porém especial importância a moção a apresentar pela actual comissão directiva e que definirá a estratégia do partido para os primeiros tempos. Não é ainda conhecido o seu teor e presume-se que os mais recentes acontecimentos políticos tenham levado à reformulação de alguns pontos. O que se sabe é que esta moção, no seu conjunto, abrange o essencial das várias moções existentes, mas de uma forma mais ampla.

Segundo fontes partidárias na Convenção evitar-se-ão referências à conveniência ou não da dissolução da Assembleia da República. Um elemento qualificado do PRD afirmou-nos, aliás, que o facto de o Parlamento vir ou não a ser dissolvido era completamente «indiferente» ao PRD, que elaborou um projecto baseado nas condições objectivas e necessidades do País e não em função de meros circunstancialismos de momento ou das estratégias dos restantes partidos.

Direcção política

O passo seguinte à Convenção do PRD será a sua legalização como partido, para o que existe já há muito tempo um número de assinaturas que ultrapassa largamente o que a lei exige.

Em princípio nada indicava que o PRD procedesse à sua legalização imediatamente após a convenção. Havia mesmo quem defendesse que a legalização ou transformação em partido só deveria ocorrer em vésperas de um acto eleitoral.

Evidentemente que o quadro político que entretanto se formou altera completamente estes dados. A eventualidade de eleições legislativas antecipadas poder determinar a necessidade de que todo este processo sofra uma aceleração que não estava inicialmente prevista.

O PRD tem no entanto um problema importante a resolver que é o da sua liderança política. É sabido que este novo partido tem como «referencial» o Presidente da República, general Ramalho Eanes. Foi o seu perfil político e ético, a sua maneira de encarar os problemas da sociedade portuguesa e de os resolver que inspiraram os promotores do PRD, e, ou este partido nasce mal e sem condições para alcançar os objectivos que se propunha ou Ramalho Eanes será o seu líder natural. Só que — e aqui reside o problema — ele ainda é o Presidente da República. Não podendo, por agora, exercer essa liderança.

O PRD terá pois que encontrar o seu líder até à libertação de Eanes. Tal problema não será completamente isento de dificuldades embora Hermínio Martinho detenha um largo consenso para tais funções.

O apoio de Eanes

Tema controverso tem sido o do apoio de Eanes ao novo partido. Certos sectores políticos adversos à sua formação — e ao mesmo tempo um tanto intranquilos» — duvidam que Ramalho Eanes venha a apoiar o PRD e até o têm afirmado claramente.

Não fundamentam porém as suas afirmações. Nem o podem de facto fazer porque todos os dados apontam exactamente o contrário.

Basta observar os contactos frequentes e regulares entre Eanes e as principais figuras do PRD, designadamente o eng. Hermínio Martinho e o chamado grupo de reflexão.

Há por outro lado indícios bem claros de que alguns documentos importantes, tanto de carácter programático como estratégico, bem como o próprio «timing» do PRD são do seu inteiro conhecimento e concordância.

Lembremos, por outro lado, que Ramalho Eanes, já afirmou, de forma clara e inequívoca, a sua intenção de não se retirar da vida política após o termo do seu mandato.

Sabido que nos termos da nossa Constituição não é possível intervir na via política fora do quadro partidário, através de que partido iria então Ramalho Eanes actuar? No CDS, no PS, no PSD?

Tudo indica que teria de formar um partido. Faria sentido afastar-se do PRD, onde estão os seus apoiantes de 1980 para formar uma outra força política? Com quem? Com os seus adversários?

É evidente que o PRD é criado para proporcionar ao general Ramalho Eanes um instrumento de actuação política. Pode nem tudo ser coincidente com os pontos de vista de Eanes mas, nas grandes linhas, as divergências não serão expressivas, se é que existem. Pequenas divergências sempre as houve. Aliás não é hoje segredo para ninguém que nem tudo que os diversos orgãos do PRD têm decidido estejam em consonância total com o pensamento de Eanes. A começar pela própria designação de PRD, que não era ao que consta, o nome por ele preferido, Mas são questões menores e fáceis de ultrapassar. De resto nada autoriza pensar que Eanes não suporte divergências de opinião.

Um outro facto importante é ser quase certo que em todas apareçam em público, pela primeira vez, como observadores ou convidados, personalidades das mais próximas de Eanes, eventualmente até elementos do seu grupo de reflexão.

Sobre as perspectivas do novo partido entre os seus principais responsáveis há um crescente optimismo. Em alguns meios do PRD foram consideradas um bom sinal as palavras de Mário Soares na sua comunicação ao País, ao afirmar que novas eleições não alterariam singificativamente o quadro partidário. Essa omissão intencional da intervenção do PRD no processo eleitoral foi encarada por algumas figuras do PRD como o reconhecimento da sua possível força eleitoral.

Ferrer Correia em Paris

O prof. Ferrer Correia, reitor honorário da Universidade de Coimbra e administrador da Fundação Calouste Gulbenkian participou em Paris numa reunião, onde, com outras personalidades dos meios académicos, apreciou a aprofundou a criação da Universidade da Europa. Esta uma notícia que tínhamos elaborado para a nossa edição do passado dia 12 (dia em que o prof. Ferrer Correia partiu para a capital francesa).

Todavia, uma troca de textos (mantendo-se apenas a fotografia) na última página, secção «De Caras», fez com que a notícia não saísse. Aqui fica a devida rectificação.

Trabalhos parlamentares até 15 de Julho

A Assembleia da República aprovou quarta-feira por maioria um projecto de deliberação apresentado pelo PS e pelo PSD, visando o prolongamento dos trabalhos parlamentares até 15 de Julho.

A deliberação, que contou com a oposição do PCP, CDS e MDP e ainda com a abstenção da UEDS, tem em vista a apreciação das seguintes matérias, respeitando a ordem de prioridades indicadas: Tratado de Adesão à CEE, autorização legislativa do Governo, votações finais a que se deva proceder, legislação referente às autarquias locais e alterações pontuais às leis eleitorais e à lei eleitoral para o Parlamento Europeu.

Nunca o Parlamento português, na história democrática moderna, cumpriu por inteiro uma legislatura que é de quatro anos.

Crises políticas ao longo dos últimos 10 anos impediram que o Parlamento chegasse ao fim constitucional dos seus trabalhos.

A única excepção foi precisamente a primeira Assembleia a Constituinte — eleita para aprovar a lei fundamental do País.

O período normal de funcionamento da Assembleia é de 15 de Outubro a 15 de Junho, mas pode prorrogar o tempo de funções por deliberação do plenário.

Fora do período de funcionamento efectivo ou enquanto estiver dissolvido, o Parlamento funciona através da sua comissão permanente, que é presidida pelo Presidente da Assembleia e composta pelos vice-presidentes e por deputados indicados por todos os partidos, de acordo com a respectiva representatividade.

A dissolução da Assembleia não prejudica a subsistência do mandato dos deputados, nem a competência da comissão permanente até à primeira reunião após as subsequentes eleições.

Ainda na quarta-feira, os deputados concluíram o debate sobre o pedido de ratificação do decreto-lei que criou o código do IVA e que tinha começado no dia anterior por iniciativa do CDS.

Durante a tarde Portugal da Fonseca (PSD) chegou a admitir o protelamento da entrada em vigor do novo imposto para o início de Setembro e Nogueira de Brito (CDS) recordou palavras de Mário Soares à Rádio no sentido de que o IVA só deverá entrar em vigor em Janeiro de 86.

Entretanto, o PCP e o CDS apresentaram numerosas propostas de alteração na especialidade ao novo imposto e uma proposta do CDS, no sentido de a sua entrada em vigor ser adiada até à votação destas propostas foi aprovada por todos (excepto os deputados do PSD que se abstiveram).

Lucas Pires vai propor apoio do CDS a Freitas

O líder do CDS, Lucas Pires, vai propor durante a reunião de amanhã, sábado, da Comissão Política do partido, o apoio dos democratas-cristãos à candidatura de Freitas do Amaral — soube a NP de fonte partidária.

«É praticamente certa que a Comissão Política do CDS vai subscrever a proposta do seu presidente e portanto, como seria de esperar, o CDS vai apoiar oficialmente a candidatura independente de Freitas do Amaral» — acrescentou.

A proposta de apoio à candidatura de Freitas do Amaral será depois apresentada em próxima reunião do Conselho Nacional do partido para ratificação.

No decorrer da reunião de sábado da Comisão Política do CDS será debatida a actual situação política decorrente da ruptura PS-PSD e o mesmo informador disse à agência NP que os democratas-cristãos vêem «com bons olhos a criação de uma dinâmica política alternativa ao bloco central».

Cavaco domesticou-os...

Conselho Nacional do PSD vai ser "calmo e bondoso"

Vem aí mais um Conselho Nacional do PSD, desta vez «muito calmo e bondoso», segundo as previsões de fontes próximas da actual Comissão Política do partido fundado por Francisco Sá Carneiro. Conselho Nacional previsto para o próximo dia 22, na Curia.

Para fontes próximas da actual Comissão Política do PSD, o Conselho Nacional que se aproxima deverá ser «muito calmo e bondoso», ou seja, um Conselho Nacional onde ficará patente o «acordo» e «adesão» à «acção desenvolvida pelo prof. Cavaco Silva».

Seguros de que a oposição saída do Congresso da Figueira da Foz não está em posição, embora detenha a maioria no Conselho, de contestar a acção política que o novo líder do PSD tem vindo a desenvolver, os actuais dirigentes encaram a deslocação à Curia como um «passeio turístico».

Na reunião, apenas se fará a análise da situação política gerada pelo abandono do PSD da coligação e do desenvolvimento que a mesma terá nos próximos dias.

É mais do que previsível que a questão «presidencial» não será abordada, uma vez que, tudo o indica, o PSD decidiu adiar para depois de eventuais eleições legislativas a escolha do seu candidato presidencial.

Escolha que dependerá dos resultados nelas obtidos pelos sociais-democratas. Um resultado «bom» ou um resultado «óptimo» — no primeiro caso, muitos mais votos que o CDS; no segundo, mais votos do que o PS — poderão levar o PSD a voltar costas à candidatura de Diogo Freitas do Amaral.

Tal atitude poderia dar azo à «reunificação» do PSD, actualmente «partido ao meio» por causa de um possível apoio da actual Comissão Política à candidatura presidencial do fundador do CDS.

Machete repete o que já disse ao «DL»

Rui Machete afirma, em entrevista hoje publicada no semanário «Tempo», aquilo que há dias disse ao «DL»: «o motivo principal da ruptura da coligação e que envenenou o seu funcionamento foi a questão presidencial».

«O grande erro da negociação de 1983 foi o de não ter resolvido escolher um candidato equidistante entre o PSD e o PS. Mais tarde não era já possível, como se viu», sublinha Machete na entrevista.

O vice-primeiro-ministro demissionário defende, como «a solução mais lógica dentro do sistema», a realização de eleições legislativas antecipadas.

Defende igualmente que o PSD tenha «um candidato próprio» e que, «nas actuais circunstâncias, deve ser o líder do partido, no caso Cavaco Silva», a quem dará «naturalmente» todo o seu apoio.

Rui Machete justifica ter assumido a liderança do PSD no Conselho Nacional do Altis, em nome da «crise do partido», que considerou «muito grave» e por ser «dos raros dirigentes que não estava vinculado a nenhuma sensibilidade», podendo, assim, «evitar uma situação política difícil, no que respeitava ao Governo, e assegurar a unidade do partido».

Recusou o epíteto de «hesitante» que alguns lhe dão, invocando a sua acção no Ministério da Justiça e afirmou que «a campanha que certa Imprensa» lhe move provém da «direita, que pretende descaracterizar o PSD, transformando-o ou substituindo-o, juntamente com o CDS, num grande partido conservador».

SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA SOCIAL

ACÇÕES DE FISCALIZAÇÃO EM TODO O PAÍS PARA DETECÇÃO DE SITUAÇÕES IRREGULARES

ATENÇÃO esta circunstância trar-lhe-á graves problemas.

NUNCA FAÇA ISTO!!!

SEGURANÇA SOCIAL

Fernando Amaral: eleições não modificam "jogo político"

O presidente da Assembleia da República, Fernando Amaral, não acredita que a realização de eleições legislativas antecipadas «modifique o jogo político». A afirmação foi feita no final da audiência que quarta-feira última o levou a Belém. «O quadro político está mais ou menos estabelecido e preenchido e as diferenças não serão de tal ordem que se modifique o jogo político» — disse.

A audiência com Ramalho Eanes, que durou pouco mais de uma hora, teve como motivo o interesse do Presidente da República de o informar sobre os resultados da sua recente deslocação à China. Fernando Amaral não revelou se a crise política foi igualmernte abordada na audiência com o Presidente da República.

Nas declarações prestadas à saída de Belém, Fernando Amaral disse ainda que «como representante da Assembleia da República sou o elemento executivo das deliberações do Parlamento, que ainda não se manifestou». Acrescentou que «o Parlamento não deve viver alheado da situação política que atravessamos e como presidente da Assembleia procuro saber qual é a sensibilidade das direcções dos grupos e agrupamentos parlamentares».

Relações externas de Portugal não se esgotam na CEE

— *defende Lourdes Pintasilgo*

Lourdes Pintasilgo afirma que a adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia «coloca desafios como o da modernização, exigindo que se programem os sectores de investimento prioritário».

Em entrevista à Rádio Televisão Belga e ao jornal de Bruxelas, «Le Soir», Lourdes Pintasilgo salienta que «a recuperação do tempo perdido, em Portugal, terá de ser feita sem percorrer os caminhos que outros já fizeram, a partir do ponto em que nos encontramos e com os próprios recursos».

Critica «a forma mitológica» como o processo de adesão está a ser apresentado aos portugueses, salientando que «muito mais importante é a nossa própria capacidade de construir o futuro».

«A modernização não passa pelas imitações de modelos sócio-culturais alheios, mas sim pela utilização dos nossos recursos humanos e materiais, que são abundantes, e pela salvaguarda intransigente da nossa identidade cultural» — disse.

Para Pintasilgo, a CEE «não é um mito salvador, mas apenas uma comunidade económica, com regras próprias, que nos obrigarão ao rápido estabelecimento de um plano de prioridades para o nosso desenvolvimento».

Lourdes Pintasilgo frizou que, «do ponto de vista da política externa portuguesa e da própria segurança nacional, para além da CEE, existe outro tipo de relações que ultrapassam o quadro europeu».

O sentido da sua candidatura presidencial, disse, «é o de devolver, aos cidadãos, a sua independência de escolha» e representa «um gesto político face ao funcionamento, em universo fechado, dos partidos».

Trezentos congressistas em Albufeira

"Hoteleiros não temem adesão ao Mercado Comum"

«O sector hoteleiro não teme a adesão à CEE, pois há já muito tempo que é um espaço aberto a esse mercado», afirmou ontem em Albufeira o presidente da Associação dos Hotéis de Portugal, Emídio Pinheiro.

O III Congresso Nacional de Hotelaria e Turismo ficou assinalado, para além da intervenção daquele dirigente do sector, pelas mensagens do Presidente da República e do secretário de Estado do Turismo: Ramalho Eanes defendendo que «a regionalização da actividade turística» é o desafio mais importante que se coloca ao sector; José Ferraz, pela esperança contida no seu texto, no qual deixou transparecer que «as previsões para 1985 são bastante melhores do que as inicialmente previstas».

A mensagem de Eanes foi transmitida aos cerca de trezentos congressistas que até amanhã participam nos trabalhos, pelo chefe da Casa Civil, Caldeira Guimarães. «O fenómeno turístico reúne virtualidades para contribuir para o desenvolvimento das regiões que possuem factores naturais susceptíveis de captar o interesse turístico» — disse o representante do PR. Ainda segundo o chefe da Casa Civil, de Eanes, a actividade hoteleira poderá neste domínio «aproveitar as potencialidades oferecidas pelo montanhismo, o termalismo, o turismo rural, com a valorização de aldeias tradicionais, a caça e a pesca».

A promoção e valorização dos vectores referidos para além de poder valorizar os recursos locais e dinamizar a actividade económica, poderá ainda, disse, «contribuir para a correcção dos desequilíbrios sazonais de ocupação das estruturas hoteleiras».

Referindo-se à adesão de Portugal à CEE, Caldeira Guimarães afirmou que ela «representa também um desafio» para o sector pela alteração das condições institucionais em que se passará a desenvolver a actividade turística». Conforme sublinhou, a integração «não deixará também de abrir novas oportunidades de desenvolvimento às actividades turísticas ligadas às maiores facilidades de circulação entre os países membros e as potencialidades abertas pelas ajudas financeiras».

O futuro para outros

As entradas de estrangeiros em Portugal de Janeiro a Abril deste ano aumentaram em 38 por cento comparativamente ao mesmo período de 1984 — revelou o secretário de Estado do Turismo aos congressistas presentes em Albufeira que durante três dias — até amanhã — aí debatem o tema «A Hotelaria em Novos Espaços Económicos».

Exemplificando as suas esperanças e acentuando a realidade dos números, José Ferraz realçou na sua mensagem que nos primeiros quatro meses deste ano vieram de Espanha mais 48 por cento do que em igual período de 1984, dos Estados Unidos mais 25 por cento, da Alemanha Federal mais 16 por cento; da França mais 13 por cento; e do Reino Unido mais 10.

Quanto à balança turística nos primeiros dois meses de 1985, as receitas em escudos cresceram 32 por cento e as despesas 36 por cento, o que originou um acréscimo de 31 por cento de saldo.

Refere ainda, a mensagem de José Ferraz, que em 1984 o turismo contribuiu com 24 por cento para a balança comercial.

Também os indicadores de ocupação da hotelaria são positivos, acentua o texto do secretário de Estado do Turismo, pois o crescimento médio situa-se nos cinco a seis pontos.

José Ferraz referiu ainda que as linhas de actuação da sua Secretaria de Estado incidiram na simplificação do relacionamento entre os empresários e o Estado, pois «99 por cento dos empresários do sector são privados e interessa saber como dialogar com o Governo».

Ao usar da palavra na sessão de abertura deste III Congresso Nacional de Hotelaria, o presidente da APH (Associação Portuguesa de Hotelaria) fez questão de vincar que a adesão de Portugal à CEE «não merece tanto receio para a indústria do sector como o que tem sido manifestado por outras actividades».

«Com os países africanos de expresão oficial portuguesa e no debate que propómos, se hão-de inventariar capacidade e necessidades» — afirmou Emídio Pinheiro.

Dia do antigo aluno salesiano

Vai realizar-se no sábado, dia 15 do corrente, a reunião anual dos Antigos Alunos dos Salesianos, nas Oficinas de S. José, aos Prazeres.

Trata-se de uma concentração que anualmente se repete com a participação dos antigos alunos residentes na área da grande Lisboa que frequentaram as Escolas Salesianas do País e das ex-Colónias.

Informação

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 18 de Junho de 1985, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a adaptação e subsequente exploração de uma dependência para venda de artigos de tabacaria e livraria na estação de Évora.

A anuidade mínima a oferecer é de 30 000$00 e os concorrentes devem depositar, em qualquer estação da C. P., a quantia de 5 000$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nos seguintes locais:

Évora

Serviço Comercial da Região Sul
Barreiro

Serviço Comercial de Passageiros
Estação de Santa Apolónia, 1.º andar
LISBOA

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, E. P., Apartado n.º 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a exploração de uma dependência para venda de artigos de tabacaria e livraria na estação de Evora».

Caminhos de Ferro Portugueses

RESTORE

Vida nova para o seu motor

O seu motor desgasta-se. Os movimentos mecânicos e o atrito entre as peças abrem riscos e ranhuras nos metais, criam folgas.
E chegam as consequências — **desequilíbrio do motor, perda de potência, excesso de consumo.**
A única solução é **RESTORE**.
RESTORE é o reconstituinte motor e lubrificante que combate o desgaste interno de todos os motores a 4 tempos, gasolina e diesel.
RESTORE trata preventivamente os motores novos e recupera os usados.
RESTORE, pela acção **de 4,5 biliões** de micropartículas de **CSL*** em suspensão num óleo multigrade, de alta qualidade e compatível, colmata sistematicamente as escoriações dos metais com resultados espectaculares.
RESTORE repõe a qualidade estanque dos conjuntos piston-cilindro e acaba com perdas de energia, igualiza as taxas de compressão, elimina os consumos supérfluos de óleo e gasolina.
Travando o desgaste **RESTORE** faz o seu motor durar mais... E quanto mais cedo tratar o seu motor com **RESTORE** mais tempo o conservará em bom estado.
Basta pensar em **RESTORE** em cada 12 000 Kms!
Peça já o tratamento **RESTORE** no seu garagista.
RESTORE — O reconstituinte do seu motor.

*** CSL** — o segredo da eficácia RESTORE
A fórmula CSL — em português — Cobre + Prata + Chumbo metal — corresponde a uma **mistura estável e indissociável** de cobre (60%) e chumbo metálico poluente (40%) com alguns traços de prata. Esta proporção **jamais obtida anteriormente**, contem se em cada uma dos milhares de micropartículas que compõem **RESTORE**, garantindo a sua eficácia. **RESTORE** é o **único remetalizante** que é igualmente um **poderoso lubrificante natural**.

Produzido por ACTO INTERNATIONAL - 91420 Morangis - France
Importador/distribuidor exclusivo: ALVES BANDEIRA & C.ª, Lda. — Vale de Vaz — 3350 V. N. de Poiares — Telefs.: 42489/42490

PRODUTO RESTORE AUTOMÓVEL

RESTORE: Produzido por Acto International — 91420 Morangis — França
Para mais informações sobre as vantagens do reconstituinte RESTORE envie este cupão para ALVES BANDEIRA & C.ª, Lda. — Vale de Vaz — 3350 Vila Nova de Poiares — Telefs.: 42489/42490
Nome
Morada
Localidade

Perante a Comissão de Inquérito a Camarate

O mutismo de Lee Rodrigues e o depoimento de Eurico de Melo

Manuel Geraldo

A Comissão Parlamentar de Inquérito ao Acidente de Camarate, que a semana passada teve perante si o enigmático Lee Rodrigues, irá ouvir esta tarde o dirigente do PSD, Eurico de Melo, ministro da Administração Interna à data da morte de Sá Carneiro.

Não são conhecidas até agora as declarações de Lee Rodrigues (terá primado pelo mais absoluto silêncio), mas, ao que apurámos, a comissão presidida por Montalvão Machado do PSD, e que integra representantes de todos os partidos com assento na Assembleia da República, já se deslocou ao aeroporto da Portela, onde teve oportunidade de inspeccionar os destroços do «Cessna» caído na noite de 4 de Dezembro de 1980, tendo ainda visitado o local em que o aparelho se despenhou, no Bairro das Fontainhas, em Camarate.

Para além dos deputados, a Comissão tem como membros alguns dos familiares das vítimas (o filho mais velho de Sá Carneiro e o seu irmão Ricardo e a mãe da viúva de Adelino Amaro da Costa), os advogados Proença de Carvalho, José Ribeiro e Castro, Norberto de Andrade e José Miguel Júdice, o «cartoonista» de «O Diabo», Augusto Cid, o jornalista do «Semanário», Gouveia de Albuquerque, e os médicos Carlos Macedo e Jorge Saldanha. Recorde-se que Carlos Macedo, ministro dos Assuntos Sociais no Executivo de Sá Carneiro, gerou forte polémica ao colocar no Parlamento, na anterior legislatura, a hipótese de sabotagem, tendo feito abanar a posição do então ministro da Justiça, Meneres Pimentel, que numa atitude de força haveria de proferir a frase tornada célebre na altura: «Demitam-me se forem capazes!». No entanto, a dúvida criada por Carlos Macedo conduziria à criação da primeira comissão de inquérito à ocorrência, a qual acabou por concluir pela existência de insuficiências e lacunas nas investigações realizadas, sugerindo que a nova legislatura, saída das eleições de Abril de 1983, elegesse uma nova comissão, o que veio a acontecer.

Antes de ouvir Lee Rodrigues, a comissão divulgara um comunicado, no qual apelava para os depoimentos de todas as pessoas que, por qualquer forma, possam contribuir para a descoberta da verdade. A comissão afirmava contar «com a colaboração de todos os portugueses», assegurando, de acordo com a lei, «o significado das suas declarações e garantindo-lhe a devida protecção legal». A finalizar, a comissão incitava «à participação de todos no apuramento da verdade», revelando a sua intenção de prosseguir os trabalhos «até à elaboração do respectivo relatório».

A ausência de Nuno Moreira

Lee Rodrigues, ou Sinan Ebrahim Hassam Shawai, um burlão internacional (filho de pai tanzaniano e mãe moçambicana), extraditado de Inglaterra, a pedido das autoridades portuguesas, aparece no processo de Camarate pelo facto, até agora exclusivo, de ter sido referenciado no aeroporto da Portela, na noite da queda do «Cessna», fardado de piloto das Linhas Aéreas Filipinas, e de haver sido detido seis dias depois em Londres, onde chegara num avião da TAP, sob a acusação de ter falsificado a credencial que lhe permitira adquirir o bilhete para a viagem.

Ao que nos disseram, Lee Rodrigues, defendido pelo advogado Calisto de Melo, terá mantido o mais absoluto mutismo perante a Polícia Judiciária, em cujos calabouços permaneceu até ser transferido recentemente para a Penitenciária de Lisboa. Esse mutismo terá continuado ao apresentar-se perante os inquiridores parlamentares, pelo que a sua presença em S. Bento, poderá voltar a ser requerida.

Entretanto, é notado por alguns observadores, o pouco empenhamento nos trabalhos da comissão (ou até na sua participação como interessante da mesma), do eng. Nuno Moreira, co-proprietário com o seu irmão José Manuel Moreira, do «Cessna» caído em Camarate. José Manuel Moreira, militante do PSD, também formado em Engenharia, apareceu morto em Janeiro de 1983, num apartamento de Carnaxide, juntamente com a jovem que o acompanhava. As circustâncias que rodearam a sua morte, em vésperas de depor perante a comissão de inquérito, encontram-se ainda longe de estar esclarecidas. Sabe-se, porém, que contestava a tese de acidente, afirmando que «os autores de Camarate não estavam na esquerda», e que tornara pública a sua posição em declarações gravadas dias antes para o programa televisivo «Grande Reportagem», da responsabilidade de Artur Albarran e Barata Feyo.

Nuno Moreira diria depois que o seu irmão sucumbira porque sabia de mais sobre a morte de Sá Carneiro. Ora para fazer uma tal afirmação, à partida não gratuita, Nuno Moreira deverá estar na posse de elementos fundamentais para o aclarar do processo. Porquê então o seu distanciamento em relação às diligências em curso? Há quem fale em problemas de difícil relacionamento entre Nuno Moreira e a viúva do irmão, na órbita da «lutuosa» para os dois órfãos e dos interesses da firma de construção civil que ambos geriam. Mas também há quem se refira a ameaças, não só de morte, mas também de estrangulamento económico da empresa, a atravessar uma crise, que já existente em Janeiro de 1983, se terá vindo a agravar a partir da morte de José Manuel Moreira.

Tudo questões nebulosas em torno de um processo tão complexo como é o de Camarate, já responsável pelo tombar, ainda que subterrâneo, de muitas cabeças e que, se levado até às últimas consequências, outras poderão vir a submergir. Daí o significado (do mutismo e das evasivas de alguns dos inquiridos) quando é dado assente que a ter havido sabotagem ela teve a marca daqueles a quem, na área da direita portuguesa e dos seus aliados de ocasião, a nível nacional e internacional, não agradava a táctica de bipolarização gerida por Sá Carneiro.

Criança salva em fogo no Saldanha

Uma criança foi salva por elementos do Batalhão de Sapadores Bombeiros durante um incêndio que deflagrou, na tarde de ontem, num prédio antigo de quatro andares, localizado na Avenida Visconde de Valmor, ao Saldanha, em Lisboa. O sinistro, provocado por curto-circuito, destruiu o telhado do edifício, apenas habitado nos dois últimos andares.

Dois afogamentos em Setúbal e Barcelos

Em Setúbal e Barcelos, dois garotos de onze e de sete anos morreram afogados respectivamente num tanque e num poço. No primeiro caso, Carlos Miguel Ribeiro Ramos da Costa, aluno da Escola Preparatória Bocage, faleceu ao mergulhar num tanque com cerca de dois metros de profundidade, na Quinta de São Paulo, a três quilómetros da capital do Sado. Quanto a Hélder André Lima Correia Alves caiu a um poço deixado sem protecção.

Incendiário de capela detido nos Açores

A PSP dos Açores anunciou a detenção de um jovem, apontado como presumível causador de um incêndio que, anteontem à tarde, destruiu a capela do aeroporto da ilha de Santa Maria. A pequena capela, dedicada a Nossa Senhora do Ar, ficou completamente destruída, incluindo o seu espólio. Construída pelos norte-americanos quando utilizavam aquela estrutura aeroportuária, a capela foi posteriormente restaurada pela Aeronáutica Civil portuguesa.

Socorros a náufragos tem 90 anos

INS já salvou 34 mil vidas

O Instituto Nacional de Socorros a Náufragos (ISN) salvou ao longo dos seus 90 anos de actividade mais de trinta e três mil vidas, concretamente, 33 680 vidas, disse o director do organismo baseado em elementos do arquivo que, também, o facto de terem sido recuperadas, no mesmo período, 7457 embarcações e assistidos 317 047 banhistas.

O mesmo documento determina, ainda, que seja superiormente administrado por uma comissão central com sede em Lisboa e por quatro delegações, instaladas no Porto, Faro, Funchal e Angra do Heroísmo.

A Marinha passou, então, a consignar no seu orçamento uma verba que, nos primeiros anos e até 1911 foi de 6 contos, passando para quatro em 1912, inesperadamente.

Dando satisfação àquela determinação, o Governo publicou em 9 de Junho do mesmo ano o regulamento da novel organização e a primeira reunião da comissão executiva central

No ano passado, o Instituo de Socorros a Náufragos registou 22 mortos no mar, 430 prevenções, 134 saídas em socorro, 106 vidas salvas, 8770 vidas assistidas, 29 embarcações salvas e 1350 embarcações assistidas.

O ISN, dependência da Marinha, que presta os seus serviços gratuitamente, foi criado por carta de 21 de Abril de 1892 com o nome de Real Instituto de Socorros a Náufragos.

Este diploma instituiu um fundo com administração especial, destinado à aquisição de material de socorros a náufragos e pagamento do respectivo pessoal.

teve lugar em 29 de Agosto de 1892.

Apesar de todas as dificuldades, em 1910 o Real Instituto já tinha 25 estações salva-vidas (2 nos Açores) com 31 barcos e 23 postos salva-vidas (4 nas ilhas) equipados com aparelhos de vaivém.

Em 31 de Dezembro de 1910 tinha o organismo 1021 sócios, tendo sido eliminados, nesse ano, entre outros, os sócios 1 e 4, respectivamente a rainha D. Amélia e o rei D. Manuel II.

Por determinação do Governo Priovisório da República, que reorganizaou os seus serviços e manteve um subsídio estatal como anteriormente, o organismo passou a ser designado Instituto de Socorros a Náufragos.

A partir de 1 de Janeiro de 1958, por decreto-lei de 20 de Setembro de 1957, passou o ISN a ser uma organização dependente da então Direcção-Geral da Marinha, hoje Direcção-Geral dos Serviços de Fomento Marítimo.

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

ESTE dia é de facto um dia histórico e muito sobre ele vamos ter oportunidade de falar. Aguardamos as delegações estrangeiras. Um helicóptero evoluciona sobre o Tejo. Deve ser o helicóptero que traz Felipe Gonzalez a fazer tempo para aterrar na hora combinada. Um sol esplendoroso começa a dissipar uns restos de neblina, no cenário magnífico da Torre de Belém, onde, depois do café, se fará o retrato da família europeia, tendo por fundo o navio-escola «Sagres». Sobre o azul do céu recorta-se a silhueta da Torre de Belém. Como se sabe, a Torre de Belém é uma jóia manuelina. O helicóptero que transporta Felipe Gonzalez continua a evoluir, encontrando-se neste momento sobre o navio-escola «Sagres». As águas do Tejo são azuis e serenas.
Continuamos a aguardar as delegações que tirarão aqui, e depois de tomarem o café, o retrato da família europeia. Precisamente aqui, na Torre de Belém, onde avultam os símbolos da nacionalidade e por cima da qual continua a evoluir o helicóptero. Aqui temos mais uma imagem da «Sagres», recortando o seu perfil nas águas mansas do Tejo, enseada amena. O céu é azul, o sol é cálido, bom prenúncio portanto. A Torre de Belém prescruta o rio e o mar, símbolo eterno do Desafio. Como se sabe, a Torre, construída para defender Lisboa, foi escolhida para nela se tirar, depois do café, o retrato da família europeia. Aguardamos a todo o momento a chegada das delegações estrangeiras. Entretanto, o helicóptero, que supomos ser aquele que transporta o primeiro-ministro Felipe Gonzalez, evoluciona por cima da Torre de Belém e certamente aproveitará para tirar algumas fotografias da paisagem admirável, num céu azul sem nuvens e com um sol cálido e esplendoroso. Não muito longe, recorta-se o perfil da «Sagres» enquanto a silhueta da Torre de Belém se recorta no céu ameno, nesta magnífica jóia manuelina, onde, dentro em pouco, depois do café, as delegações estrangeiras tirarão o retrato da família europeia. Também o sol se quis associar ao júbilo deste dia, dia verdadeiramente histórico, dia que durará, ao todo, dezoito horas na televisão portuguesa. Como as nossas imagens documentam, o helicóptero continua a evoluir e nele certamente não viajará Felipe Gonzalez, pois já passa da hora da aterragem. Recorta-se, em cenário, o perfil do navio-escola «Sagres», outro símbolo, ao lado dessa jóia manuelina que é a Torre de Belém, onde as delegações posarão para o retrato de família, depois do café, claro.
Muito mais haveria ainda para dizer, mas as delegações acabam de começar a chegar...

Por decisão do Conselho de Ministros

Queijo da serra já tem área demarcada

O Conselho de Ministros aprovou um diploma que cria a região demarcada do queijo da Serra da Estrela, tendo em conta as condições edafo-climáticas específicas do planalto beirão onde aquele tipo de queijo é produzido.

A criação da área demarcada do queijo da Serra da Estrela foi uma das vinte e três resoluções do plenário de ministros que aprovou, formalmente, o texto do tratado relativo à adesão de Portugal às Comunidades Europeias.

Foi, igualmente, aprovada uma proposta de lei a remeter à Assembleia da República, que autoriza o Governo a celebrar com a República Federal da Alemão, acordos de cooperação financeira envolvendo financiamentos do «Kreditanstalt Fur Wiederaufbau», até ao montante de 90 milhões de marcos alemães. Estes acordos destinam-se ao financiamento de projectos de conservação, de produção e de distribuição de energia, de fomento agro-pecuário e de infra-estruturas agrícolas, portuárias, de saneamento básico e de equipamentos hospitalares. No campo dos projectos, o Conselho de Ministros aprovou um decreto-lei que introduz um aditamento ao Artigo 4 do decreto-lei que criou o Fundo de Financiamento das Acções de Pré-Adesão de Portugal à CEE, com o objectivo de alargar o âmbito das receitas daquele fundo de forma a contemplar toda a diversidade de fontes de financiamento complementares à participação na CEE nos projectos englobados nas ajudas de pré-adesão.

O fim do regime de gestão, por comissão administrativa, instituído na Associação de Defesa da Lezíria de Vila Franca de Xira, foi, igualmente, aprovado. Neste ponto, segundo o comunicado, o projecto de desenvolvimento rural da lezíria grande de Vila Franca de Xira impõe a revisão do regime de gestão em conformidade com a vontade expressa pelos proprietários e usuários da zona definida pela demarcação. Deste modo, e pelo diploma aprovado, prevê-se a donstituição, por iniciativa dos interessados, de uma Associação de Direito Privado que superintenda na administração e execução das obras necessárias à valorização da lezíria.

Sociedades de desenvolvimento regional

O Conselho de Ministros aprovou também um decreto-lei que introduz alterações ao decreto-lei que estabelece o regime jurídico das sociedades de desenvolvimento regional. Estas sociedades têm por objectivo contribuir para a revitalização económica das regiões e permitir a racionalização de projectos e polarização de recursos económicos.

Por outro lado, foi autorizada a celebração entre o Ministério da Administração Interna, Ministério das Finanças e do Plano e a Caixa Geral de Depósitos de um protocolo para a abertura de uma linha de crédito a favor dos municípios, destinada ao financiamento de investimentos na região Norte.

Nas decisões relacionadas com a esfera da economia há ainda a destacar a introdução de alterações às atribuições cometidas à Parempresa — Sociedade Parabancária para a Recuperação de Empresas. Pelo decreto-lei aprovado é retirada competência àquela sociedade para a concessão de empréstimos a empresas, representação dos credores e concordatas, no quadro processual dos meios preventivos da falência.

Alterações no código de processo civil

A reunião plenária de ministros aprovou um decreto-lei que prevê a fixação, por parte das Assembleias Distritais, de quadros privativos, integrados por pessoal que venha a ser considerado indispensável ao funcionamento dos órgãos distritais.

Foi também criado o Conselho Coordenador do Plano de transportes na região de Lisboa, fixando a sua composição, funcionamento e atribuições. O diploma tem por objectivo criar uma estrutura que assegure a coordenação e controlo das acções executórias das orientações já definidas, e garantir a articulação entre os serviços da administração central e das autarquias locais e os operadores de transportes na região.

Por outro lado, foi aprovado um diploma que permite que na construção de habitações sociais sejam aplicados limites e requisitos diferentes dos fixados no regulamento geral das edificações urbanas. Um dos objectivos visados pelas recomendações técnicas é o da redução dos custos de produção das habitações sociais.

Por fim, o Conselho de Ministros aprovou um decreto-lei que introduz alterações no Código do Processo Civil. Essas alterações visam descongestionar os tribunais, pelo aumento da distribuição das acções cíveis.

Com a demarcação da zona do queijo da serra, mais garantias serão dadas a este precioso produto português

Processo vai ser julgado na Boa Hora

Advogados, deputados e jornalistas entre os 200 clientes da DOPA

Cerca de duzentas pessoas foram ouvidas pelos Juízes de Instrução Criminal de Lisboa, no processo relacionado com as actividades da empresa DOPA (dragagens e obras públicas), acusada de tráfico ilegal de divisas para um banco suíço, o Trade Bank Development. Entre os declarantes no processo (que levou à detenção do director da DOPA, Joaquim Queirós, e à demissão do ministro da Qualidade de Vida, Francisco Sousa Tavares), contam-se personalidades do mundo da política, dos meios empresariais e do jornalismo.

Numa lista publicada pelo semanário «O Jornal», na sua edição de ontem, contam-se nomes como os do advogado, e antigo director de «A Capital», Manuel José Homem de Melo, actualmente cronista na Rádio Comercial, os jornalistas Maria João Avilez e Miguel Sousa Tavares, os deputados António Rebelo de Sousa (PS) e Caetano da Cunha Reis (CDS), o secretário regional da Administração Pública dos Açores, Carlos Botelho das Neves (PSD), o realizador de cinema Pinto da França, os empresários João Paulo Teotónio Pereira (filho de Fernanda Pires da Silva, sócia maioritária da Grã-Pará e do Autódromo do Estoril) e Manuel Carlos de Melo Champalimaud, e o professor catedrático Rui Manuel Corte Real de Albuquerque.

O processo já instruído acaba de ser remetido ao Tribunal da Boa Hora.

Há menos furtos e roubos no Porto

A Polícia de Segurança Pública do Porto informa que durante o mês de Maio último se verificou uma diminuição de 10 por cento em relação aos meses anteriores nos crimes contra a propriedade, furtos e roubos.

Segundo a nota daquela Polícia os assaltos a estabelecimentos e a habitação diminuíram 39 e 34 por cento respectivamente, enquanto aumentaram em 14 e 7 por cento os furtos directamente a pessoas e do interior de viaturas estacionadas.

Quanto aos roubos (subtracção com recurso ou perigo de violência) situaram-se ao mesmo nível do período antecedente.

As capturas efectuadas pela prática destes crimes atingiu 56 contra 61 no mês anterior.

Carta aberta ao Senhor Conselheiro Cultural da Embaixada de França

Os professores portugueses vêm desde 1983 desenvolvendo uma acção no sentido de verem respeitados os seus direitos consignados pela Constituição Portuguesa e pela legislação da OIT, no que respeita à igualdade salarial para igualdade de funções.

Há um ano que o Ministério do Trabalho, consultado sobre a matéria, emitiu um parecer que lhes é totalmente favorável. O princípio, que confere aos professores portugueses o direito à imediata equiparação de vencimentos, foi por V. Ex.ª e pela Administração do liceu expressamente reconhecido em 1984.

Apesar de poderem, portanto, usufruir, desde já, não só da total equiparação mas também dos respectivos retroactivos, estes professores aceitaram a proposta da equiparação progressiva até 1989, ano em que estarão totalmente equiparados os vencimentos dos docentes contratados localmente por este liceu.

Agindo deste modo, os professores portugueses demonstraram uma excepcional benevolência, querendo atender aos condicionalismos apresentados pela Administração.

Estranhamente porém, a Administração aproveitou esta atitude de boa vontade para, invertendo-lhe o sentido, justificar perante os professores franceses os prejuízos que lhes impôs. Efectivamente, com este pretexto negou aumentos que acompanhassem a inflação; assim, os professores portugueses perdem cerca de 17% do seu poder de compra e os seus colegas franceses cerca de 22%.

Com efeito, os aumentos de 83/84, apesar de já não terem acompanhado a inflação, foram superiores aos do corrente ano, como se pode verificar pelo quadro seguinte.

	83/84			84/85			
	Abril	Junho	Outubro	Abril	Junho	Outubro	
Prof. Franceses	5	7	10	3	—	9	%
Prof. Portugueses	5	7	10+1 500$	5	—	%	

Da leitura do quadro acima reproduzido, é fácil concluir que no corrente ano:
a) Os professores são, na sua generalidade, prejudicados;
b) O liceu é o único beneficiado.

Será fácil imaginar a degradação do ambiente no liceu entre docentes portugueses e seus colegas franceses que, mal informados, atribuem as responsabilidades da deterioração da sua situação às alegadas exigências dos professores portugueses, quando, do que ficou exposto, se infere facilmente que são apenas vítimas do aproveitamento de uma situação criada pela Administração.

Acresce ainda que os professores que, este ano, saem do liceu não verão, através do esquema proposto, o seu salário sequer aproximado do dos seus colegas franceses.

Perante a situação acima exposta, vêm os professores portugueses expressar a V. Ex.ª o seu descontentamento e solicitar uma acção que:

a) Esclareça que não são minimamente responsáveis pelos prejuízos sofridos pelos colegas franceses, como se tem insinuado, mas que pelo contrário demonstraram excessiva boa vontade nas suas reivindicações;
b) Reponha o seu poder de compra perdido;
c) Minimize o prejuízo sofrido pelos colegas que deixam este ano o liceu por motivos alheios à sua vontade.

Um grupo de 17 professores portugueses
no Liceu Francês Charles Lepierre

Foi tudo feito na maior das simplicidades

Madrid não teve Jerónimos para a festa da adesão

José António Cerejo

Num ambiente extremamente tenso, devido aos atentados da ETA, e marcado por uma notória indiferença popular, celebrou-se anteontem, ao fim da tarde, em Madrid, a cerimónia de assinatura do tratado da adesão de Espanha à CEE. Também ontem o chefe do governo anunciou a remodelação, a muito curto prazo, do seu gabinete.

As acções da ETA, que provocaram três mortos na capital e uma no País Basco, assumiram, no entanto, um relevo tal que Felipe Gonzalez se lhe referiu, de forma improvisada e imprevista, no discurso com que encerrou o acto solene. «A Espanha contribuirá com o seu esforço para a concretização de uma Europa da paz e da justiça. Ninguém, mediante a coacção ou a violência, poderá modificar este propósito de paz», acrescentou à última hora ao texto da sua intervenção. Os atentados dos separatistas bascos provocaram igualmente o reforço do excepcional esquema de segurança já montado, bem como a supressão de uma queima de fogo-de-artifício comemorativa, para a noite de quarta-feira, frente ao Palácio do Oriente, onde foi assinada a acta de adesão.

As cerimónias ali realizadas revestiram-se de alguma pompa mas o espectáculo da Torre de Belém e dos Jerónimos bateu aos pontos — e por isso os membros da delegação portuguesa não escondiam a sua satisfação — a relativa simplicidade da exígua sala das Colunas e da contígua sala dos Alabaderos, onde foram instalados os convidados. A organização mostrou-se aqui pouco cuidada, o rei falou com dez minutos de avanço sobre o programa, e os profissionais de informação, por exemplo, foram confrontados com condições de trabalho bastante precárias.

A televisão espanhola poupou, entretanto, os telespectadores à avassaladora propaganda com que a RTP nos brindou, limitando-se à cobertura em directo das cerimónias sem grandes alterações da programação.

Não foi no entanto apenas na forma que as solenidades de Madrid se distinguiram das de Lisboa. Mais importante do que isso foi a diferença de tom dos discursos dos representantes da Comunidade e, sobretudo, das palavras proferidas pelos chefes dos dois governos, nas duas capitais.

Diferenças de tom

Em Lisboa, praticamente, não se falou da futura Europa dos Doze e das exigências de profundas reformas, nomeadamente institucionais, a que o alargamento obriga. Em Madrid, ao contrário, a redefinição do projecto comunitário e a necessidade de adaptar o modo de funcionamento das instituições europeias às condições criadas por sucessivos alargamentos, foi um dos pontos fortes de todos os discursos.

Felipe Gonzalez, que não fez qualquer alusão à sua pessoa (ao contrário de Soares), dedicou cerca de 20 por cento das suas palavras a estas questões e disse querer «deixar uma coisa bem clara»: «Não seremos uma carga para a Comunidade nem obstáculo que entrave a sua marcha para formas superiores de integração política e económica.

«Desde o primeiro momento, acrescentou, o Governo de Espanha manifestou a sua vontade decidida de avançar com aqueles que queiram avançar e até onde se queira avançar».

Em consonância, também Jacques Dehlors, Bettino Craxi e Júlio Andreotti, deram um grande ênfase aos «novos problemas» e «novas tensões» que a adesão de Portugal e da Espanha trarão à comunidade e à urgência de iniciativas reformadoras no plano institucional. Todos eles salientaram as esperanças postas na próxima cimeira de Milão que debaterá a «União Europeia, o porquê e o até onde e como da Europa», e para a qual Soares e Gonzalez já foram convidados apesar de na data da sua realização, no fim deste mês, ainda não pertencerem de direito à CEE.

As dificuldades com que a Espanha se confrontará após a adesão foram por outro lado sublinhados por Dehlors que afirmou estar convencido dos benefícios que ela acabará por significar, embora «de forma imediata possa tornar menos fácil o esforço que (os espanhóis) têm desenvolvido para adoptar a sua economia à nova situação mundial».

O destaque dado às consequências do alargamento na operacionalidade Europa dos Doze — que só o será realmente após a ratificação dos parlamentos de todos eles — foi explicada ao «DL» por fontes comunitárias com o grande peso que a Espanha nela terá.

A pouca importância conseguida a esses sistemas pelos oradores de Lisboa é no entanto vista por outros observadores como o resultado do relevo quase nulo que eles têm tido no pobre debate que a integração na Europa dos Dez tem provocado em Portugal.

Se Gonzalez manifestou a sua evidente inclinação para uma transferência cada vez maior dos estados membros para as instituições comunitárias, Soares passou por cima deste assunto de capital importância sem fazer qualquer referência e explicitar a sua posição.

Um outro aspecto que distinguiu o acto de Madrid do de Lisboa foi a participação do Chefe do Estado, o Rei Juan Carlos, que pronunciou um discurso, sublinhando que «ao longo das História a Espanha tem estado presente nos principais esforços da Europa e propõe-se continuar a fazê-lo».

Em comum, Lisboa e Madrid tiveram, além das generalidades europeístas, a aposta no estreitamente dos laços com a África e a América Latina e as palavras de boa vontade quanto à melhoria de relacionamento entre os dois países ibéricos.

Para lá dos atentados da ETA, e das críticas da Aliança Popular, apenas um milhar de agricultores manifestou em Madrid a sua oposição à CEE. À última hora foi sanado um conflito com os presidentes das 17 comunidades autónomas do País, as quais não haviam sido convidadas, mas todos, à excepção de uma, acabaram por estar presentes ainda que extremamente reservados em matéria de aplausos e convicções pró-CEE.

Curiosamente, em Espanha ninguém pôs a hipótese de celebrar em 12 de Junho um feriado nacional. Em Portugal, a questão foi de facto discutida a nível do Governo, mas o PSD opôs-se aos evidentes propósitos eleitoralistas da ideia, não aceitando sequer as alternativas depois avançadas para a concessão de tolerância de «ponto» durante todo o dia, mas apenas da parte da tarde.

O «DL» obteve entretanto, em Madrid, conhecimento de história curiosa ocorrida em Lisboa durante as vésperas da assinstura do tratado de adesão. A convite do Governo português, chegaram a Lisboa, onde ficaram uma semana, 45 jornalistas estrangeiros em representação de conceituados órgãos de Comunicação Social, que se publicam em vários países da Europa e da América. Para esses jornalistas foi preparado um programa que incluía apenas entrevistas com membros do Governo (Mário Soares, Ernâni Lopes, Rui Machete, Álvaro Barreto, Raquel Ferreira, António Marta, o secretário-geral da UGT, Torres Couto e o presidente da AIP, Rocha de Matos.

Um jornalista alemão, durante um contacto com o enviado do «DL», em Madrid, manifestou estranheza — como os restantes jornalistas convidados pela circunstância do Governo português não incluir no programa encontro com elementos da oposição à integração de Portugal na CEE. Lembrou mesmo que numa deslocação a Israel, a convite do Governo daquele país, os repórteres tiveram possibilidade de se avistarem com elementos da OLP, por sugestão do Executivo israelita. Revelaram também que Torres Couto, no encontro que teve com os jornalistas estrangeiros, em Lisboa, considerou que o modo como foi conduzido o processo português de integração na CEE, teve carácter fascista». Quando lhe foi perguntado porque razão considerava «fascista» o processo, o secretário-geral da UGT respondeu que os sindicatos não foram ouvidos para a realização das negociações.

Mais de 30 "casos" em duas semanas

Surto de hepatite na Feira também atinge dois adultos

O surto de hepatite que, nos últimos dias, concentrou sobre a Vila da Feira as atenções do País, não se limita, apenas, aos vinte «casos» do Centro Infantil de Fiães, porque, antes deste, outros haviam sido detectados em Lourosa e Lamas, num total de 29. Soube-se, entretanto, que a esses «casos» haverá que somar o de dois adultos de Argoncilhe que estão a ser tratados em casa, todos por causa de água imprópria para consumo.

Vila da Feira é um extenso concelho do distrito de Aveiro, mas a menos de 20 quilómetros do Porto, que se estende por 31 freguesias emparedadas pelos concelhos de Ovar e Espinho, a Ocidente, e Castelo de Paiva e Arouca, a Nascente. A Norte, confronta-se com Vila Nova de Gaia e a Sul com S. João da Madeira e Oliveira de Azeméis.

A área mais atingida por este surto epidémico, que afectou vinte crianças do Centro Infantil de Fiães, quatro num infantário de Lourosa e cinco em Lamas, abrange o eixo industrial que liga as freguesias de S. Jorge (brinquedos) a Fiães, Lourosa, Argoncilhe, Paços de Brandão, Mamas (fábrica de cortiça), Nogueira da Regedoura, Moselos e S. Paio de Oleiros, onde pontifica a indústria de papel.

É nestas freguesias que estão concentradas importantes unidades industriais (cortiça, papel e brinquedos, além de calçado), as três primeiras com características altamente poluentes pela utilização de cianeto e cloro.

75 por cento da água imprópria para consumo

Os três novos casos de hepatite detectados no infantário de Fiães, onde, no princípio da semana, se haviam manifestado dezassete, elevou para vinte as crianças atacadas pela doença. Mas, além destas vinte, há a referir os casos de cinco em Lourosa e quatro em Lamas, como acima se disse, comprovados há duas semanas, pelo que «se torna dramática a situação», afirmou, entretanto, o presidente da edilidade feirense, Joaquim Dias Carvalho.

O delegado de saúde do concelho afirmou, por seu turno, que o surto epidémico é causado pela má qualidade da água, o que já era do conhecimento geral. No entanto, a revelação agora vinda a público de que análises efectuadas pelo Instituto Ricardo Jorge à água de 429 fontanários públicos e poços das escolas primárias, que proliferam por todo o vasto concelho, provam que 221 apresentam água imprópria para consumo, traz o concelho em pânico. De acordo com as mesmas análises, há suspeitas de impotabilidade em mais 71 fontanários ou poços.

«As crianças deste concelho estão a ser, lentamente, envenenadas nos estabelecimentos de ensino», disse na Vila da Feira o presidente da câmara municipal local.

Necessária ajuda do Governo

As crianças doentes de Lourosa e Lamas, casos detectados há duas semanas, e os dois adultos de Argoncilhe, estão a receber tratamento em casa, sendo os seus casos seguidos por pessoal de enfermagem especializado. As autoridades do concelho acompanham de perto todos estes casos, procurando limitá-los juntamente com o delegado de saúde.

Além disso, estão também a fazer o levantamento dos poços e fontanários da região afectada e a investigar se as fossas se encontram à distância regulamentar dos poços.

Mas nada de eficaz se poderá fazer contra esta situação se não houver a ajuda do poder central, disse Joaquim Dias Carvalho, presidente da edilidade da Feira. «É necessária a ajuda do poder central e para isso a câmara já pediu ao Governo que accione os mecanismos previstos na lei para a atribuição de subsídios. Vive-se aqui uma situação dramática cuja resolução está fora do alcance do município», acrescentou.

A situação só será ultrapassada com a execução dos projectos de abastecimento de água ao concelho, obras que a preços actuais ascendem a mais de três milhões de contos.

Hospital pode fechar

A Casa de Saúde de S. João de Deus, no sítio de Trapiche, freguesia de Santo António, no Funchal, onde são internados os doentes mentais masculinos, poderá vir a encerrar as suas portas por falta de verba, por, há vários meses, não serem pagos os compromissos anteriormente assumidos pelo Governo Regional da Madeira. Para já, os doentes em situação considerada «menos grave» começaram já a receber... alta.

TRIBUNAL JUDICIAL DE GOLEGÃ
ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilatação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação deste.

Execução Sumária n.º 73/81, 1.ª secção.

Exequentes — TIF — Transformação, Importação e Fabrico, Ld.ª.

Executado — BRITO & LOPES, LDA., com sede na Rua Falcão de Sommer, 2-B — Entroncamento.

Golegã, 24 de Maio de 1985.

O Juiz de Direito,
(assinatura ilegível)
O Escrivão de Direito,
(assinatura ilegível)

«DL» 14/6/85 — 1.ª Pub.

Três dezenas de desalojados dormem num jardim do Funchal

Cinco casais com um total de 18 filhos que viviam numa casa em regime de subaluguer, na baixa do Funchal, foram despojados e, na falta de abrigo, há dois dias que prenoitam no Jardim Municipal, onde arrecadaram os seus parcos haveres e dormem ao relento no palco daquele jardim.

Pedestres portugueses chegam hoje a Paris

A chegada a Paris dos dois portugueses que desde 1 de Maio percorrem a pé o caminho entre as capitais portuguesa e francesa está prevista para hoje.

José Vilela e José Pereira percorrem hoje os últimos 30 quilómetros do percurso entre Arpajon e Paris e dedicam a sua maratona «a todos os portugueses, particularmente aos casapianos».

Câmara cede terrenos à FIL por 70 anos

Os presidentes da Câmara Municipal de Lisboa, Nuno Abecasis, e da Associação Industrial Portuguesa, Rocha de Matos, assinaram um protocolo de cedência dos terrenos da FIL por um período de 70 anos.

Na cerimónia de assinatura, que decorreu no átrio da FIL, durante a Feira das Regiões «Portugal-85», esteve presente o ministro da Administração Interna, Eduardo Pereira.

Após a assinatura da escritura, Rocha de Matos disse que «a renovação dos direitos de superfície envolve para a AIP a assunpção de uma responsabilidade perante a CML e os seus munícipes».

«Grato nos é saber — continuou — que a decisão histórica que agora finalizamos foi aprovada por unanimidade da Assembleia Municipal e da actual vereação da Câmara da nossa capital».

O presidente da CML afirmou que a assinatura do protocolo tem um significado «transcendente e com particularidades excepcionais».

«Não é por acaso que uma escritura relativa à CML é assinada fora das instalações camarárias», explicou Nuno Abecasis.

Adesão à CEE já chegou ao Santo António?

Festa de Alfama com preços à europeia...

Sem noivas, nem marchas, com a sardinha a trinta escudos, e o manjerico a preço variável, assim se bailou o Santo António, em Lisboa. Disputado por duas cidades europeias, Pádua e Lisboa, Santo António, de seu nome próprio Fernando, viu resolvida a querela que durante séculos envolveu a propriedade do seu corpo, com a assinatura do Tratado de Adesão de Portugal à CEE.

A acompanhar tal resolução, os preços em Alfama, bairro que, apesar de tudo, não esquece os seus santos populares, sobem em flecha e a festa para um casal, mesmo mal regada, não saiu por menos de 600 escudos.

Com o jarro de sangria a duzentos escudos, o de vinho a 120, a dose de arroz-doce a 60 e o manjerico a oferecer à eventual namorada oscilando entre os 100 e os 150 escudos, a festa, para ser festa rija, pode mesmo ter ido muito além dos mil escudos por casal, caso a fome fosse grande e as sardinhas ultrapassassem a dúzia.

Mas as comemorações prolongaram-se noite fora, e até as crianças participaram na festa, também alegrada com marchas infantis.

Arraiais nos Largos de Alfama e Mouraria com o grupo excursionista «Vai Tu» e bailes populares da Cruz do Castelo a Carnide prolongaram a noite em que Lisboa comemora o Santo António em tempos de crise.

Para ontem, o verdadeiro dia do santo, Lisboa reservou comemorações menos profanas, e uma procissão presidida pelo Cardeal-Patriarca, D. António Ribeiro, saiu da Igreja de Santo António, para regressar à Sé, com a celebração do «Te Deum» no átrio.

Mais tarde, no Vale do Silêncio, nos Olivais, bairro da nova Lisboa, que desconhece já as noivas de Santo António e as promessas das alcachofras floridas, foi a hora do «rock», num espectáculo promovido pela Junta de Freguesia de Santa Maria, enquanto nos bairros da cidade antiga os bailes e arraiais prolongaram a fama deste santo popular.

Canonizado em 1263

Nascido em Lisboa, em data ainda hoje discutida pelos historiadores, que apontam como mais provável os anos de 1188 e 1195, Fernando Martins (de Bulhões?), de seu nome de baptismo, foi ordenado sacerdote no Mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra.

Foi nessa cidade que Frei António, considerado um dos maiores pregadores da Igreja, manteve contacto com frades franciscanos que, então, por ali passavam e exerceram profunda atracção sobre o cónego regular que, tal como eles, decidiu abraçar «a mãe pobreza» e ir pregar junto dos infiéis.

Em 1220 abandonou Santa Cruz e como pregador a sua primeira viagem levou-o a Marrocos mas, devido a uma doença que ali contraiu, decidiu regressar a Portugal. O barco onde viajava foi, contudo, apanhado por uma violenta tempestade e, em vez de voltar a sua pátria, Frei António acabou por ir para as praias da Sicília. Em Itália, onde vivia, São Francisco de Assis, passou Frei António o resto da sua vida, exceptuando uma viagem que fez ao Sul de França em 1225 integrado na cruzada contra os herejes albijenses. Foi também em Itália que fez os seus mais famosos sermões designadamente o Sermão aos Peixes que, segundo a lenda, reuniu numa praia de Rimini, «uma multidão de peixes».

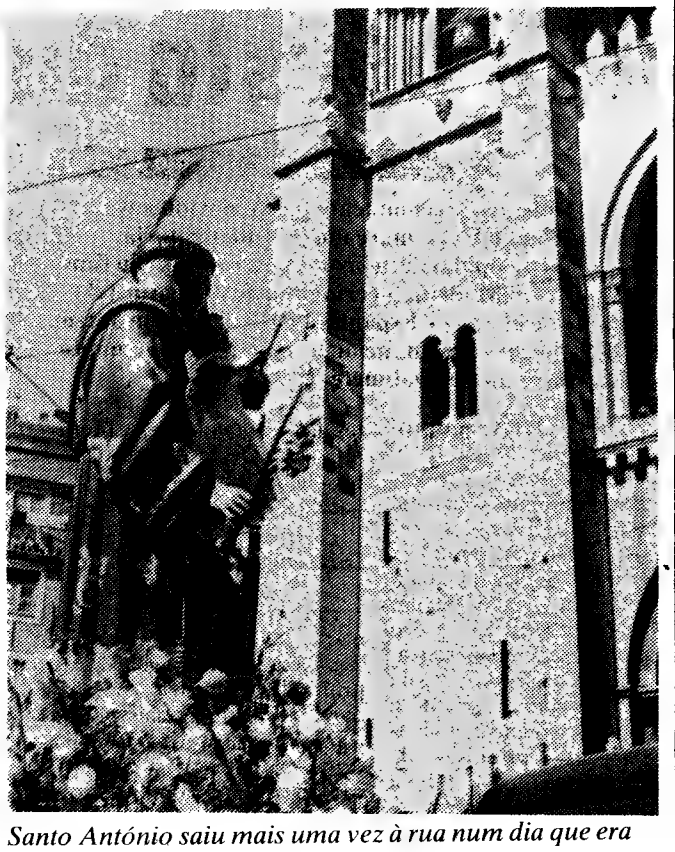
Os últimos dias da sua vida passou-os em Pádua, onde veio a morrer dia 13 de Junho de 1231. O Papa Gregório IX, que o conheceu pessoalmente, canonizou-o pouco depois e em 1263 os seus restos mortais foram transladados para o altar-mor da basílica de Pádua, onde se encontram, mantendo-se a sua língua ainda intacta.

Comemorações ...em Bissau

Parte da colónia portuguesa da Guiné-Bissau festejou a noite de Santo António de Lisboa, com a transposição para Bissau de um autêntico Ppátio das Cantigas, com balões, candeias, bandeirinhas e fogueira a condizer.

É verdade que não houve sardinha assada, mas não faltaram os chocos com tinta a cobrir a brecha, nem as marchas populares, que deram à zona da cidade onde se realizou a festa um ar diferente.

Santo António foi invocado enquanto se saltava a fogueira, por entre o chiar do chouriço assado e o cremar de balões pedidos a Lisboa, que não resistiram, nas suas velas, ao vento africano que os embalava.



Santo António saiu mais uma vez à rua num dia que era eminentemente seu

Até Novembro

Lisboa vai conhecer campeonato de laranjinha

No Páteo Alfacinha, no Centro Escolar Republicano, no Grémio de Instrução Liberal de Campo de Ourique, na Sociedade União Musical do Beato e no recinto do grupo «Os Trinta e Um» de Santo Amaro, teve ontem lugar a primeira jornada do I Campeonato de Lisboa de Laranjinha. A iniciativa, que se prolonga até ao próximo mês de Novembro, será disputada em 30 caixas, e cerca de 120 jogados marcarão o renascimento de um jogo tradicional, introduzio no nosso país em 1910, mas que, quarenta anos mais tarde, conheceu o declínio.

Festas da cidade do Porto

Manter as tradições do manjerico alho porro e erva cidreira

As festas da cidade do Porto, que decorrem de hoje a 30 de Junho, conmtam pela primeira vez este ano «com uma participação activa das Juntas de Freguesia da cidade», revelou o vice-presidente da Comissão de Festas.

Para Rogério Silva, a coordenada principal das festas, que estão orçadas em cerca de sete mil contos, «é a introdução de um carácter amplamente popular que mantenha as tradições do manjerico, alho porro e da erva cidreira».

O grande momento das festas, frisou, será a tradicional noitada de S. João, de 23 para 24 de Junho, «onde o cunho popular ascende ao rubro e onde não faltará a sessão de fogo de artifício, no cais de Gaia do Porto do Douro, com carácter inédito este ano».

O vice-presidente da comissão de festas da cidade do Porto adiantou ainda que «num esforço de recuperar a tradição das ervas, este ano estão isentos de qualquer taxa de aluguer de ocupação de espaço os vendedores de majericos, alhos e cidreira».

A Câmara, acrescentou, espera recolher alguns contributos, para minorar as despesas das festas, do aluguer dos espaços da Boavista e das Fontaínhas.

Referindo-se a algumas das iniciativas programadas, o autarca sublinhou que mais de 2500 crianças estarão envolvidas numa jornada desportiva e cultural. Denominada Juventude em Movimento-85 e promovida pela Junta de Freguesia de Ramalde, essa jornada decorrerá de 22 de Julho a 4 de Agosto.

Uma semana de gastronomia eminentemente portuense, mas alargada a toda a região norte, um concurso de montras, promovido pela Associação dos Comerciantes do Porto e o lançamento de cerca de três mil balões no dia 23 são algumas das iniciativas que se inserem no programa das festas.

Durante as festas de cidade do Porto decorrerão diversos concertos por bandas da cidade, um espectáculo de folclore dado pela academia de danças, cantares do Norte de Portugal e um concurso de destreza dos empregados de mesa.

O programa de festas inclui ainda diversas manifestações desportivas, onde para além do Juventude em Movimento-85 se destaca o nono torneio internacional de ténis, um torneio de tâguebi, o terceiro meeting internacional de natação, regatas troféu cidade do Porto e um torneio internacional de minigolfe.

Um concurso de cascatas, uma exposição de flores, arraiais populares e um concertro coral sinfónico pela orquestra sinfónica do Porto, fazem também parte do programa.

EMPREENDIMENTO DA AVENIDA

136 fogos de 50 a 376 m2 todos c/garagem

apartamentos simplex, duplex e tipo moradia

Pormenores de construção:
- Anti-sísmica
- Estrutura em betão armado
- Paredes duplas de alvenaria

Acabamentos:
- Elevado índice de madeiras exóticas
- Pavimentos cerâmicos e alcatifados
- Mármore nas escadas
- Caixilharia em alumínio lacado
- Tectos estucados
- Casas de banho revestidas a grés cerâmico, de cores

Equipamentos:
- Fugas para lareiras nas moradias
- Antenas de rádio e TV
- Cozinhas tipo italiano com exaustor, instalações para fogão, esquentador e máquinas de lavar
- Contadores gerais exteriores às habitações
- Redes de águas quentes isoladas, em cobre

a tranquilidade e o panorama do Restelo

o ideal para viver em Lisboa

comercialização

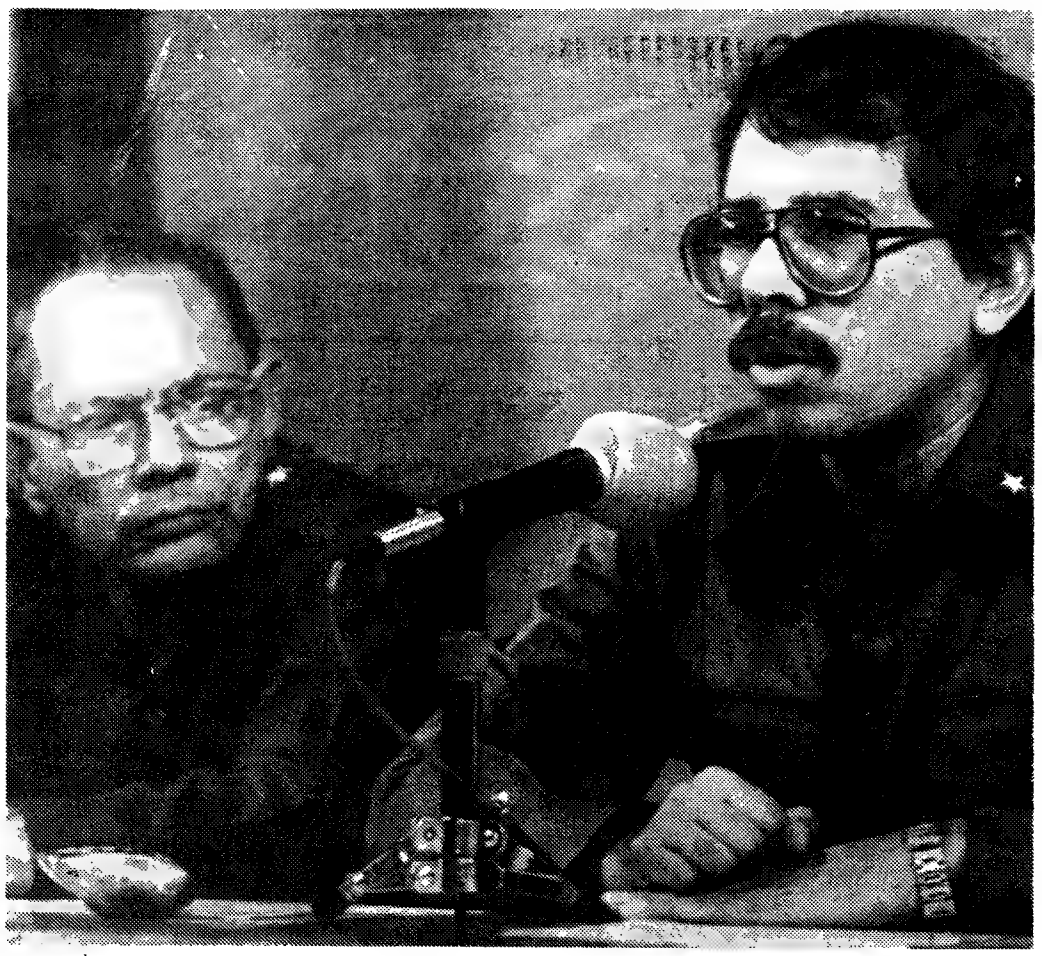
visite-nos e verifique a elevada qualidade de construção que oferecemos

Rua Gonçalves Nunes tel. 615158
(à Av. Ilha da Madeira)

ENCOSTA DO RESTELO

todos os dias úteis, Sábados e Domingos

promoção



O presidente da Nicarágua, Daniel Ortega, acompanhado do ministro Tomás Borge, denuncia a votação do Congresso dos EUA favorável à retomada do apoio aos «contras» (Telefoto UPI/NP/"DL")

Em causa a América Central

Nova acção de protesto nos EUA contra a política de Reagan

Cerca de 1200 pessoas foram detidas em instalações do Congresso e de edifícios federais norte-americanos, numa acção de protesto contra o apoio dos Estados Unidos aos «contras» nicaraguenses.

Este, mais um dia de protesto foi marcado para coincidir com uma votação na Cmara de Representantes sobre uma proposta destinada a enviar ajuda «humanitária» para os antigovernamentais nicaraguenses. A proposta foi aprovada.

Verificaram-se manifestações de protesto e detenções em Chicago, San Francisco, Washington, Detroit, Fort Wayne e Vermont, nomeadamente, com os manifestantes a tentarem bloquear a entrada de edifícios federais e do Congresso, assim como de instalações militares.

O Partido Trabalhista britânico, na oposição, comentou que a decisão da Câmara de Representantes de conceder 27 milhões de dólares de «ajuda» aos rebeldes nicaraguenses pode provocar uma guerra generalizada na América Central.

O porta-voz dos trabalhistas para assuntos externos, George Foulkes, incitou o governo britânico a condenar a medida «porque a situação na América Central é tão grave que estamos convencidos de que se está a caminhar para outro Vietname nessa área».

Para a agência soviética TASS, a decisão de quarta-feira da Câmara de Representantes norte-americana é uma luz verde para a acção militar directa contra a Nicarágua.

«Violando normas geralmente reconhecidas do Direito Internacional, a Câmara de Representantes pôs à disposição vasta soma de dinheiro para uma intervenção em larga escala nos assuntos internos de outro país com o objectivo de derrrubar o seu governo legítimo» — disse a TASS.

A agência soviética acrescentou ainda que o Pentágono está já a ultimar planos para uma intervenção armada na Nicarágua.

Um «passo mal dado»

O presidente da Nicarágua, Daniel Ortega, declarou ontem que o seu país procurará activamente mais auxílio militar, para contrabalançar o recomeço da «ajuda» norte-americana às forças que combatem o governo sandinista.

Em discurso transmitido pela Rádio e pela Televisão, Ortega disse que a Nicarágua foi obrigada a melhorar as suas defesas por causa do «passo mal dado do Congresso norte-americano».

Ortega disse que a ajuda financeira aos «contras» constitui um prelúdio de uma nova invasão norte-americana.

Ortega declarou que era irrelevante que a «ajuda» fosse designada por «humanitária», por ser claro, em seu entender, que o financiamento norte-americano aos «contras» constitui uma violação da soberania e integridade nicaraguenses.

«Significa um aprofundar da guerra contra a Nicarágua e torna mais próxima a eventualidade de uma intervenção militar directa dos Estados Unidos», disse o presidente.

COOPOLIVAIS

Cooperativa de Consumo dos Olivais, C.R.L.
R. Cidade de Lobito — Quinta do Contador Mor
1800 LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Nos termos do disposto no artigo 22.º dos Estatutos e ao abrigo do Art.º 42.º do Código Cooperativo, convoco a assembleia geral da COOPOLIVAIS, Cooperativa de Consumo dos Olivais, CRL a reunir em sessão ordinária, em 20 de Junho de 1985 pelas 21 horas na sua Sede Social, Rua Cidade do Lobito, Quinta do Contador Mor, Atelier n.º 3, em Lisboa, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1 — Informações
2 — Apreciar e votar o balanço e as contas da direcção bem como o parecer do conselho fiscal, relativo ao exercício de 1984

Lisboa, 5 de Junho de 1985

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
a) Albino Aniceto

Ataque sul-africano ao

Soldados sul-africanos efectuaram hoje um ataque no Botswana contra dez supostos alvos guerrilheiros, disseram responsáveis do Botswana.

Acrescentaram que foram mortas dez pessoas em Gaborone, a capital.

O ministro da Defesa da África do Sul, general Viljoen, confirmando, disse que o ataque era dirigido contra alvos do Congresso Nacional Africano (ANC).

O ministro da Defesa da África do Sul, general Viljoen, confirmando, disse que o ataque era dirigido contra alvos do Congresso Nacional Africano (ANC).

Viljoen declarou, em comunicado, que os soldados tinham regressado em segurança, depois de terem destruído dez casas e escritórios espalhados por Gaborone.

Adiantou que um sul-africano ficou ferido durante o ataque, mas que se encontra em estado satisfatório.

O general Viljoen afirmou que as casas e escritórios eram esconderijos do ANC, principal grupo de guerrilha que combate o regime minoritário branco na África do Sul.

Acusou o ANC de planear actos de sabotagem e ataques contra líderes políticos na África do Sul, a partir da capital do Botswana.

«Os alvos do ANC foram claramente identificados e a operação não se dirigiu contra o governo ou pessoas do Botswana», acrescentou o general.

As «acções», referiu ainda, são uma resposta a ataques do ANC realizados esta semana contra dois políticos na província do Cabo, planeados e executados «à partir de Gaborone», segundo ele.

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Botha declarou, em comunicado separado, que o Botswana tinha sido informado de que o ANC tinha escolhido o país como uma importante rota de infiltração para a África do Sul.

Botha disse que, desde Agosto último, o ANC planeou e executou 36 «acções» a partir do Botswana, nas quais seis pessoas morreram e uma estação de energia sofreu grandes prejuízos.

Afirmou também que a Organização de Libertação da Palestina (OLP) desempenhou, durante algum tempo, um papel importante no treino de elementos do ANC. (São conhecidas as boas relações entre Pretória e Telavive).

Botha disse que um ataque, com uma granada de mão, perpetrado esta semana contra o vice-ministro do Planeamento da População Luwellyn Landers, na cidade do Cabo, teve as características dos efectuados pela OLP, afirmação esta que demonstra a capacidade de «informação» do governo racista.

A rádio do Botswana, em emissão captada em Joanesburgo, disse que dois refugiados sul-africanos escaparam «mira-

Machel decide

Eleições gerais em Moçambique "no mais breve prazo possível"

O presidente moçambicano Samora Machel encarregou a Assembleia Popular de organizar a realização de eleições gerais no país «no mais curto espaço de tempo possível».

Machel falava no discurso de abertura da décima terceira sessão da Assembleia Popular Moçambicana, que ontem começou em Maputo, com a presença de 182 dos 223 deputados eleitos.

O presidente Samora Machel afirmou também que não foi possível respeitar a normal periodicidade das sessões da Assembleia devido à necessidade de concentrar esforços noutros campos, nomeadamente na defesa da pátria.

Este facto impossibilitou igualmente a realização de eleições gerais que estiveram previstas para 1985.

Na sessão inaugural, os deputados observaram um minuto de silêncio em homenagem a três deputados que morreram no último ano, um dos quais em combate.

A décima segunda sessão da Assembleia Popular reuniu-se em 1984 para, entre outros aspectos, aprovar o acordo de Nkomati, assinado pelos presidentes Samora Machel e Pieter Botha, em 16 de Março do mesmo ano — recorda-se.

Zimbabwe e Tanzânia

As necessidades fundamentais do Exército moçambicano concentram-se no domínio da logística e poderão vir a ser supridas pelo auxílio da Tanzânia e do Zimbabwe — declarou em Paris o ministro moçambicano Jacinto Veloso.

O ministro da presidência para os Assuntos Económicos falava em conferência de Imprensa que concedeu a jornalistas franceses, comentando a cimeira tripartida de Harare que reuniu Samora Machel, de Moçambique, Robert Mugabe, primeiro-ministro do Zimbabwe, e Julius Nyerere, presidente da Tanzânia.

O ministro moçambicano revelou na altura que «tanto o Zimbabwe como a Tanzânia têm possibilidade de apoiar nesse campo (logistica militar)

Falando sobre o caso particular do primeiro país, Veloso salientou o facto de as relações moçambicano-zimbabweanas serem «bastante estreitas».

«A Tanzânia — referiu — compreende que o problema do banditismo em Moçambique não é um problema interno, é um problema que vem do exterior, e que portanto há necessidade de neutralizar esta acção o mais rapidamente possível».

Convidado a fazer um balanço do acordo de Kkomati, Jacinto Veloso observou: «a acção do banditismo em Moçambique prossegue».

«A partir da África do Sul houve já uma redução importante do apoio que o banditismo recebia», disse, acrescentando que, todavia, «continua a haver algumas acções a partir da África do Sul».

Recordou ainda que o apoio externo ao autointitulado «Movimento Nacional de Resistência» vem de diversos lugares, incluindo a fronteira norte».

Outro avião desviado

Um avião norte-americano não obteve hoje autorização para aterrar em Beirute depois de ter sido desviado quando fazia um voo de Atenas para Roma — informaram fontes libanesas.

O aparelho, da Trans World Airways (TWA), entrou no espaço aéreo libanês e pediu autorização para aterrar, mas aquela foi-lhe negada — acrescentaram as mesmas fontes.

O avião transportava mais de cem passageiros, não se sabendo ainda o número exacto, e foi sequestrado quando descolava de Atenas com destino a Roma.

Desconhecem-se por enquanto a identidade e o número de piratas do ar.

O pirata aéreo palestino que sequestrou ontem um avião da companhia aérea libanesa «MEA», no aeroporto cipriota de Larnaca, abandonou o aparelho escoltado pela polícia e entrou num avião das Linhas Aéreas Jordanas «ALIA», informaram fontes do aeroporto de Atenas.

As mesmas fontes disseram que, após negociações, as autoridades cipriotas autorizaram que o pirata aéreo fosse transportado para a Jordânia num avião da companhia «Alia», depois de depositar no solo da pista a granada de mão sem a fazer explodir.

Os cinco membros da tripulação do avião sequestrado, mantidos como reféns pelo pirata aéreo, foram também libertos, indicaram as fontes.

Entretanto, um controlador da torre do aeroporto de Atenas informou que o aeroporto de Larnaca já se encontra operacional.

ao Botswana

culosamente» de serem mortos durante o ataque que as tropas sul-africanas lançaram hoje de madrugada a Gaborone.

Segundo a emissora oficial do Botswana, os dois refugiados sul-africanos encontravam-se no interior da sua habitação, quando uma bomba deflagrou no seu interior.

aquela emissora adiantou que os dois refugiados, de quem não forneceu qualquer, identidade, foram aconselhados a abandonar o país, para a sua própria segurança.

Há cerca de dois meses uma explosão de um carro armadilhado provocou a morte de um jovem refugaido sul-africano, ñuma estrada do interior do Botswana.

Conferência do ANC

O Congresso Nacional Africano, o principal grupo guerrilheiro que combate o regime racista sul-africano, anunciou ontem a realização no domingo, em local secreto, da sua maior conferência desde 1969.

Os delegados discutirão o ambiente em torno da crescente violência na África do Sul e a organização e papel do ANC, diz um comunicado.

A reunião efectuar-se-á num local não divulgado da África Austral. Fontes da organização, citadas pela Reuter, disseram que o encontro não será em Lusaca, onde o ANC tem o seu quartel-general, mas não deram mais pormenores.

Angola denuncia

O Ministério angolano da Defesa acusou a África do Sul de estar a preparar uma nova invasão de Angola.

Assinado pelo ministro da Defesa, Pedro Maria Tonha (Pedalé), o comunicado diz que quatro brigadas motorizadas e 15 batalhões, num total de cerca de 22 mil homens, apoiados por oito dezenas de aviões e helicópteros, estão concentrados junto da fronteira entre a Namíbia e Angola.

O comunicado acrescenta que na última semana 26 aviões militares sul-africanos efectuaram 22 violações do espaço aéreo angolano, penetrando até 300 quilómetros a Norte da fronteira da Namíbia.

«De acordo com as experiências anteriores, o incremento da actividade da aviação e do Exército sul-africano no início do tempo seco é sinal de que se prepara uma nova invasão do nosso território», afirma o comunicado.

Reagan está com os da Jamba... mas

O presidente Ronald Reagan defendeu que os objectivos das pessoas recentemente reunidas na localidade angolana de Jamba são também os seus — noticia a revista norte-americana «Newsweek».

Conselheiros de Reagan teriam sido da opinião de que, embora havendo coincidência de objectivos, conviria que Washington mantivesse uma certa distância

Rede nazi na América do Sul continua em actividade

— *denuncia Henri Sobel*

O rabino Henri Sobel denunciou a existência de uma rede de nazis e simpatizantes do Terceiro Reich integrado por cerca de 5 mil pessoas, na Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Paraguai e Uruguai.

A notícia, divulgada pelo diário brasileiro «O Globo» refere que no Brasil os criminosos de guerra nazis e elementos adeptos do Terceiro Reich se concentram principalmente nos Estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná, em localidades onde o alemão é o idioma dominante.

A existência desta rede de nazis foi descoberta em 1978, quando Gustav Franz Wagner, subcomandante do campo de concentração nazi de Sobibor, foi identificado quando participava numa reunião de nacionais-socialistas em Itatiaia, no interior do Estado do Rio de Janeiro.

A reunião, destinada a comemorar o aniversário do nascimento de Adolfo Hitler e a homenagear Josef Mengele, teve a participação do líder do «Movimento para a Libertação do Reich Alemão».

O rabino Henri Sobel afirmou ter conversado com Wagner, que lhe revelou a existência de uma organização formada por ex-oficiais das «SS» da «Gestapo» e de «simpatizantes».

Henri Sobel, que pertence à congregação israelita de São Paulo, afirmou que a organização «Kamaraden Werk», destinada a proteger criminosos de guerra nazis, dedica-se na actualidade a prestar ajuda aos seus membros.

«Tudo aponta»

As investigações para determinar se o cadáver exumado do cemitério de São Paulo, Brasil, é o do criminoso de guerra Josef Mengele estão quase concluídas — disse o responsável brasileiro pelos trabalhos.

O superintendente da Polícia Federal de São Paulo, Romeu Tuma, em declarações à «TV Globo», disse que «tudo aponta» para que o cadáver seja o do «anjo da morte», como é conhecido o responsável por dezenas de milhar de mortos num campo de concentração nazi.

Romeu Tuma referiu que as autoridades brasileiras aguardam apenas alguns documentos para os comparar com os dados que já recolheu.

«Estamos confiantes de que o trabalho levará a resultados conclusivos», acrescentou.

Ali Agca no julgamento

Cristo pela terceira vez e Loja P-2 pela primeira

O terrorista turco, Mehmet Ali Agca afirmou, ontem, em Roma, que o rapto, ocorrido há dois anos, da filha de um empregado do Vaticano, foi feito como tentativa de trocar a jovem por ele, Ali Agca, que há quatro anos atentou contra a vida de João Paulo II.

Emanuela Orlandi, de 18 anos «está viva, e foi raptada pela organização maçónica Loja P-2, de Licio Gelli, a fim de praticarem extorsão sobre a Santa Sé e o Governo italiano convencendo-os a trocar a rapariga por mim», afirmou Agca na décima segunda audiência de um processo de apelação que está a decorrer em Roma para determinar se existiu, ou não, uma conspiração internacional para assassinar o Papa.

Agca, membro do grupo direitista turco, denominado «Lobos Cinzentos», e autor do atentado do dia 13 de Maio de 1981, na Praça de São Pedro contra o Papa, declarou que não apelou judicialmente da sentença que o condenou a pena de prisão perpétua num processo sumário, porque «estava à espera de ajudar externa dos Lobos Cinzentos ou dos búlgaros».

Acrescentou que, quando se decidiu em Maio de 1983 a falar sobre os seus contactos com a chamada «Mafia turca» e funcionários da Embaixada Búlgara em Roma, já tinha perdido todas as esperanças de ajuda exterior.

O presidente do tribunal, Severino Santiapichi, exortou-o a reflectir sobre as suas afirmações a respeito da jovem sequestrada porque a família dela espera, há dois anos, informações sobre o seu paradeiro.

O terrotista negou que houvesse qualquer ligação directa entre a tentativa de assassinar o Papa e o rapto de Orlandi, acrescentando estar certo de que a rapariga está viva.

«Isso é uma certeza subjectiva ou trata-se de uma convicção baseada na realidade dos factos?» — perguntou-lhe o juiz.

«Não, é uma dedução lógica», respondeu Agca, acrescentando: Emanuella Orlandi de certeza que está viva e foi raptada pela poderosa organização maçónica de Licio Gelli, porque sabiam que eu sou Jesus Cristo e pretendiam infiltrar-me no Vaticano para me utilizarem como instrumento, mas eu pretenço à Humanidade e não sou instrumento de ninguém», asseverou.

Foi esta a terceira vez no processo que Ali Agca proclamou a sua própria divindade e foi a primeira vez que mencionou Gelli, antigo chefe da Loja P-2 que agora se encontra fugido algures na América do Sul, depois de ter fugido em Agosto de 1983 da prisão de Champ-Dollon, em Genebra.

Quando os magistrados disseram a Ali Agca que abandonasse as suas atitudes proféticas e explicasse por que julgava que o caso Orlandi estava ligado à sua pessoa, a imprevisível testemunha e protagonista do julgamento repetiu que «Licio Gelli queria usar-me com objectivos acultos no campo internacional».

Agca modificou ontem o conteúdo das suas declarações dos três dias anteriores durante os quais acusou repetidamente funcionários diplomáticos búlgaros e soviéticos de terem participado numa conspiração para assassinar o Papa.

(Eduardo Gomez Ortega — IPS).

A segunda fase

«Estamos a assistir à segunda fase de um acto terrorista com o julgamento de Roma. A primeira fase foi o atentado contra o Papa. Trata-se de um plano terrorista de desastibilização das relações internacionais» — declarou ontem Claude Lussan, Bastonário da Ordem dos Advogados de Parije um dos mais destacados elementos do foro francês, numa curta entrevista à agência «Novosti».

Segundo Lussan, a primeira fase do plano (o atentado contra o Papa) falhou porque Agca não matou o Papa. Face a esse falhanço, a acusação feita contra os búlgaros constitui a segunda etapa da mesma acção.

O bastonário francês refere-se depois ao julgamento propriamente dito, denunciando o facto de ele estar a ser decidido mais na rua que no tribunal, e assinalando que os próprios juizes revelaram publicamente o conteúdo dos seus **dossiers**, antes do veredicto final, o que constitui um atropelo às regras do segredo que regem os processos desta natureza. O advogado denunciou também a falta evidente de provas sobre a chamada «pista búlgara» e ainda o condicionamento a que está submetida a opinião pública, tanto mais que a Imprensa ocidental, depois de tantas especulações anteriores ao julgamento, prossegue agora a acção condicionada, salientando a «participação dos búlgaros» no crime, ainda que muitos duvidem de tal participação.

INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

APOIO TÉCNICO - FINANCEIRO À FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM COOPERAÇÃO COM OUTRAS ENTIDADES

Decreto - Lei nº 165/85 de 16/5

1. Nos termos do Decreto-Lei n.º 165/85, o IEFP concede apoio técnico-financeiro para Programas de Formação Profissional, a desenvolver em Cooperação com outras entidades, designadamente:
   - Empresas públicas e privadas;
   - PME's (Peq. e Medias Empresas);
   - Cooperativas;
   - Sindícatos;
   - Autarquias;
   - Outras instituições.
2. Para 1985 a data-limite de entrega dos processos de candidatura é de 15/7/85. Para 1986 essa data termina em 1/9/85.
3. Encontram-se já aprovadas por despacho do Secretário de Estado do Emprego e Formação Profissional:
   - As «Linhas de Orientação» para os anos de 1985 e 1986;
   - Os «Níveis de Prioridade»: 1.ª prioridade - 75% de cofinanciamento das despesas de funcionamento elegíveis; 2.ª prioridade - 60% e, 3.ª prioridade - 45%;
   - Os plafonds financeiros por conjunto de programas, para 1985;
   - E, ainda, os critérios a adoptar sempre que os pedidos sejam superiores às disponibilidades financeiroas do IEFP;
4. A partir de 15/6/85, as entidades interessadas em concorrer ao apoio técnico-financeiro do IEFP, terão à sua disposição *dossiers informativos*, nos seguintes locais:
   - Centros de Emprego do IEFP;
   - Centros de Formação Profissional do IEFP (estatais e protocolares);
   - Centros Coordenadores do IEFP (Porto, Coimbra, Lisboa, Évora e Faro);
   - Nos Serviços Centrais do IEFP/Direcção de Serviços de Formação Profissional, em Lisboa.
5. Decorrem, entretanto, por todo o País, reuniões de informação sobre a operacionalização do Decreto-Lei n.º 165/85 e sua correlação com os apoios a prestar pelo IEFP aos projectos que lhe forem presentes para serem cofinanciados pelo FUNDO SOCIAL EUROPEU.

GAREP/85

ANDARES — VENDEM-SE

Aproveite a Campanha de Lançamento com preços especiais

100 andares de luxo, com 4 assoalhadas, c/ou sem garagem. Acabamentos à escolha do comprador ou prontos a habitar. Localizados em Odivelas, mais baratos que habitação social. Venda e empréstimo tratados pelo construtor.

Informa pelos telefs. 981 16 53 – 758 00 03

Lisnave parada a 100 por cento

Os trabalhadores da Lisnave cumprem hoje uma greve de 24 horas que, segundo um porta-voz sindical afirmou ao «DL», regista uma adesão de 100 por cento. Esta paralisação foi decidida, diz a mesma fonte, «como forma de resposta à posição da administração de não efectuar qualquer pagamento relativo aos oito meses de salários em atraso». Para os trabalhadores, esta atitude não tem qualquer justificação, já que o estaleiro tem estado «a laborar normalmente». O representante sindical considera que a administração o que pretende é «forçar os trabalhadores a abandonar a empresa». Trata-se, sublinhou, de um plano preparado em conluio com o Governo e que visa reduzir os trabalhadores no activo, para os substituir por contratados a prazo e por subempreiteiros. A prová-lo, acrescenta, está a 3.ª resolução do Conselho de Ministros sobre a empresa, que concede um aval de 3,5 milhões de contos para indemnizações a trabalhadores que saiam da empresa, mas que não poderá ser utilizado para salários.

Aduaneiros

Termina hoje a greve dos aduaneiros e despachantes em empresas, que lutam pela negociação directa da revisão do CCT. A paralisação, segundo um porta-voz sindical, regista uma adesão de 90 por cento, estando todos os terminais TIR praticamente parados, bem como os serviços de Alverca e do aeroporto da Portela.

CGTP exige um Governo que reponha legalidade democrática

O Conselho Nacional da CGTP-IN, que ontem se reuniu pela primeira vez após a acção nacional de protesto do passado dia 4, exigiu a formação de um Governo «que reponha a legalidade democrática em todas as situações em que a mesma tenha sido violada».

A central sindical considera que «nas presentes condições políticas impõe-se a adopção de medidas institucionais que garantam a suspensão imediata de todas as iniciativas governamentais lesivas dos interesses dos trabalhadores, contrárias à economia do País e atentórios das liberdades e direitos constitucionais». Acrescenta que nada legitima «que se mantenham os projectos do pacote laboral e das rendas de cada; de se tentarem concretizações de despedimentos colectivos; que se prossiga a ofensiva contra a Reforma Agrária e se pretenda implementar a Lei da Segurança Interna, «dado que» ruptura da coligação implica, por si mesma, a total perda da capacidade política que se torna necessária para tomar medidas que, além do mais, são contestadas por largas camadas da população e têm implicações profundas na vida nacional».

A assinatura do acordo de adesão de Portugal à CEE, «como esforço último duma coligação e de um Governo que já não tem credibilidade nem legitimidade para o fazer», segundo a CGTP, «confirma a irresponsabilidade com que foi conduzido o processo de negociação, demonstra inequivocamente a razão da contestação e a oposição dos trabalhadores, de pequenos e médios agricultores, comerciantes e industriais e de outros sectores da população».

Considerando que «persistem os grandes e graves problemas com que se debatem os trabalhadores portugueses», o Conselho Nacional da CGTP apela «à continuação da luta dos trabalhadores e ao reforço da sua organização».

O documento divulgado pela central sindical, termina manifestando «a sua confiança em que, mais uma vez, o empenho e a luta dos trabalhadores serão determinantes para a resolução dos problemas concretos que os afligem e que persistem, e para o encontrar de uma solução patriótica que — com nova política e novo Governo — restabeleça o respeito pela Constituição e pelo 25 de Abril».

O contributo da luta

Sublinhando que «as grandes questões que estiveram na base da ruptura da coligação PS/PSD, designadamente, o pacote laboral, sector nacionalizado e Reforma Agrária, foram precisamente as que motivaram a maior mobilização e luta dos trabalhadores e que, por isso, mais obstáculos encontraram para a sua concretização», o Conselho Nacional da CGTP-IN concluiu ser «um facto indesmentível que a luta constante, persistente e enérgica desenvolvida pelos trabalhadores, que resolveu números dos seus problemas, contribuiu, também, de forma decisiva, para inviabilizar os objectivos políticos do Governo PS/PSD, o que acabou por provocar a ruptura da própria coligação».

O documento diz, ainda, que «a experiência da nossa jovem democracia já demonstrou que não é possível resolver os problemas nacionais e governar com estabilidade sem a participação e o empenho dos trabalhadores».

Situação da Messa já provocou um suicídio

A comissão de trabalhadores da Messa acusou o Governo da situação que se vive na empresa, «com seis meses de salários em atraso e a fome a campear em mais de um milhar de lares».

Em comunicado, a comissão de trabalhadores da MESSA atribui à situação «o suicídio de um trabalhador que, na passada semana, desesperado, trocou o pesadelo da existência que lhe vinham impondo por um frasco de veneno contra escaravelhos».

O documento acrescenta que os trabalhadores da MESSA se manifestaram junto ao Mosteiro dos Jerónimos no momento em que ocorria a cerimónia de assinatura do tratado de adesão

Grundig quer despedir mil trabalhadores

A gerência da multinacional Grundig, sediada em Ferreiros, arredores de Braga, enviou 559 cartas a outros tantos trabalhadores da empresa com vista a uma rescisão «amigável» — informou uma fonte sindical.

A rescisão amigável com 959 dos 1122 trabalhadores previstos para despedimento implica a satisfação de indemnizações que, segundo a gerência, são acima dos valores estabelecidos na lei.

Um elemento da comissão de trabalhadores, Manuel Carvalho, afirmou que a maioria dos trabalhadores se vai recusar a aceitar a rescisão proposta pela gerência.

Para a comissão de trabalhadores «há um concluio entre o Governo e a empresa» para a concretização da redução de postos de trabalho na Grundig. «Temos documentos que provam isso e possuímos outras informações que indicam haver uma colaboração do Governo neste caso e que oportunamente divulgaremos» — acrescentou Manuel Carvalho.

A empresa justifica os despedimentos com base na necessidade de se levarem a cabo medidas estruturais de mercado. Estas medidas atingem o sector de montagem TV que seria transferido para uma unidade do grupo Grundig, na Áustria.

Fábrica de cerâmica paralizada

A fábrica de cerâmica Barbosa Ribeiro, de Taveiro (Coimbra), suspendeu a sua laboração por a EDP lhe ter cortado o fornecimento de energia — comunicou a comissão de trabalhadores da empresa. A fábrica paralisou em 3 de Junho, data do corte de energia, e a partir de então os seus cerca de 60 trabalhadores procedem a diligências para conseguir a reabertura da fábrica. Esta deve à EDP 5072 contos, quantia que terá de liquidar na globalidade, acrescida de uma caução, caso pretenda voltar a laborar.

A comissão de trabalhadores acusa a gerência de «se ter recusado a negociar com a EDP um esquema eficaz de pagamento da energia». A mesma comissão adiantou que a gerência da Barbosa Ribeiro «tem manifestado a intenção de encerrar a fábrica, dizendo que o sector não dá e que já tem empatado demasiado dinheiro».

«poderá não haver o lucro fabuloso a que a administração se habituou durante muitos anos, mas há trabalho, há compradores, há venda de todo o material e há dinheiro» — asseverou a comissão de trabalhadores.

Greve no hotel da Urgeiriça

Os 24 trabalhadores do hotel da Urgeiriça, em Canas de Senhorim, vão paralisar este fim-de-semana, em luta pelo pagamento dos salários em atraso.

Segundo o Sindicato dos Trabalhadores de Hotelaria e Similares do Centro, o pessoal não recebe salários desde Março e o subsídio de férias de 1984 ainda não foi pago. Os proprietários do hotel faltaram ao cumprimento de «comprimissos assumidos recentemente com os trabalhadores» — diz a mesma fonte.

Paralisação desconvocada

A greve dos trabalhadores do hotel Palácio, no Estoril, marcada para hoje, foi desconvocada por terem sido aceites as reivindicações — disse um porta-voz do Sindicato da Hotelaria do Sul. A paralisação, de 24 horas, visava prostestar contra «o não pagamento de retroactivos e diuturnidades».

COTAÇÕES

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	70$25	76$25
ALEMANHA FED (marco)	56$20	57$30
ÁUSTRIA (xelim)	7$95	8$15
BÉLGICA (franco)	2$625	2$825
BRASIL (cruzeiro)	$010	$020
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	126$65	128$65
(notas de 5 a 1000)	127$15	129$15
DINAMARCA (coroa)	15$65	16$05
ESPANHA (peseta)	$939	1$059
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	173$95	175$95
(notas de 5 a 1000)	174$45	176$45
FINLÂNDIA (marka)	27$05	27$65
FRANÇA (franco)	18$45	19$15
HOLANDA (florim)	49$85	50$85
IRLANDA (libra)	176$20	180$80
ITÁLIA (lira)	$080	$090
JAPÃO (iene)	$668	$703
NORUEGA (coroa)	19$55	20$05
REINO UNIDO (libra)	220$50	224$50
SUÉCIA (coroa)	19$40	20$00
SUIÇA (franco)	66$75	67$85
VENEZUELA (bolívar)	11$25	12$25

Observações:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS E DO PLANO

COMANDO-GERAL DA GUARDA FISCAL

CONSELHO ADMINISTRATIVO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA O FORNECIMENTO DE «CAMIONS MÉDIOS» – PROC.º 304/85

1. Faz-se público que está aberto concurso público para o fornecimento à Guarda Fiscal de «CAMIONS MÉDIOS».
2. Serão recebidas propostas até às 17h30 do dia 15 de Julho de 1985, procedendo-se à abertura às 10h00 do dia imediato, 16 de Julho de 1985.
3. O Caderno de Encargos está patente no Conselho Administrativo do Comando Geral da Guarda Fiscal à Rua da Cruz de Santa Apolónia, 2 – 1100 LISBOA, durante as horas normais de expediente, podendo ser fornecido ao preço de 30$00 cada exemplar.
4. A caução provisória a prestar será de 240.000$00.

Angústia Desespero Solidão
54 45 45 centro S.O.S. voz amiga
uma voz amiga e estará contigo

Faça férias no Algarve
APARTAMENTOS COMPLETAMENTE EQUIPADOS PREÇOS EXCEPCIONAIS DE ALUGUER
NAU ALGARVE
PISCINA
TÉNIS
MINI GOLF
Seisul — RUA S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, 100-4.º
1000 LISBOA – TELS. 52 29 53 - 52 31 19 – TLX 62062

LOJAS VENDEM-SE
NO CENTRO COMERCIAL EM ODIVELAS
PREÇOS DESDE 1300 CONTOS
INFORMA TELEFONE 981 16 53

Caminhos de Ferro Portugueses

FIFA no banco dos réus

A Federação Inglesa de Futebol anunciou a intenção de colocar a Federação Internacional da modalidade (FIFA) no banco dos réus de um tribunal independente, se não for retirada a suspensão mundial das equipas do país.

O secretário-geral da Federação Inglesa, Ted Crocker, disse que a decisão da FIFA de manter a suspensão dos clubes ingleses a nível mundial, na sequência dos acontecimentos trágicos no Estádio Heysel de Bruxelas, é uma reacção exagerada.

Crocker disse ter esperança de que a FIFA reveja a decisão antes do início dos encontros de prepração da temporada 1985-86, referindo que os clubes ingleses costumam incluir na sua preparação jogos no estrangeiro sem que alguma vez se tenham registado incidentes.

Na quarta-feira a federação inglesa recorreu da decisão da FIFA.

Tenista come raquete

Um torneio particular de ténis de mesa, num clube de jovens terminou há dois dias com um dos jogadores no hospital, depois de ter comido alguns pedaços da sua raquete.

William Holmes, de 25 anos, que passou o torneio a perder jogos, encontra-se em estado gravíssimo num hospital de Los Angeles, depois de ter feito em pedaços a sua raquete e ingerido alguns deles. Trestemunhas oculares indicam que o jovem se ausentou da sala onde decorria o torneio, depois de ter perdido mais um jogo e, mais tarde, a Polícia foi alertada por pessoas que viram o jovem cambalear sem rumo fixo nos arredores do clube, situado no Sul de Los Angeles.

Holmes foi conduzido de ambulância para o hospital mais próximo e encontra-se internado na unidade de cuidados intensivos.

No trajecto para o hospital, os enfermeiros colocaram no paciente alguns tubos para o ajudarem a respirar, tendo, então, descoberto os pedaços de raquete.

Quem saltará mais alto?

O chinês Zho Jianhoa, recordista mundial com 2,39 metros, encabeça a lista das vedetas que participarão no torneio de salto em altura que terá lugar domingo próximo em Eberstad (RFA).

Na prova estarão ainda presentes o campeão olímpico e recordista mundial em pista coberta, Dietmar Moegenborg (2,39 metros), o alemão Carlo Taranhaardt (2,37 metros), campeão europeu, e os soviéticos Alexander Demianuk (2,33 metros) e Yuri Serdienko (2,30 m).

O comité organizador informou entretanto que os saltadores cubanos Javier Sotomayor (2,34 m) e Francisco Centelles (2,32 m), actualmente em Itália, não participarão na prova.

NA SUA AGENDA

Cova da Piedade: todos nadam

Integrado nas festas populares da Cidade de Almada, organizadas pela Câmara Municipal de Almada e com a colaboração da Junta de Freguesia da Cova da Piedade, promove a Sociedade Filarmónica União Artística Piedense, na piscina «2 de Abril», no dia 22, às 15 horas, o torneio «Cidade de Almada», em natação.

Ciclismo: Volta à Suíça

O líder é de Montalegre

Acácio Silva recuperou a camisola amarela após a segunda etapa da Volta à Suíça em bicicleta, ganha pelo francês Charles Berard, ocupando a primeira posição da geral com sete segundos de vantagem em relação ao suíço Guido Winterberg, segundo classificado.

O ciclista português vencedor do prólogo da Volta à Suíça tinha perdido a camisola amarela na primeira etapa da prova, mas ontem, controlando sempre as operações na frente conseguiu, apesar de ter terminado na 8.ª posição passar para a primeira posição da geral. A etapa entre Laax e Ruti numa extensão de 185 quilómetros, foi bastante disputada, tendo Berard terminado na primeira posição após ter conseguido impor-se a um grupo de 23 ciclistas que lograram isolar-se do pelotão.

A terceira etapa tem uma extensão de 208 quilómetros terminando na capital suíça.

Ordem de chegada:

1.º Charles Berard (França) 4.27,40; 2.º Luciano Lord (Itália) a 4 segundos; 3.º Jean-Claude Leclerc (França) m.t.; 4.º Gerard Weldscholten (Holanda) m.t.; 5.º Roberto Cerutti (Itália) a 6 segundos; 6.º Marco Vitali (Itália) m.t.; 7.º Phil Anderson (Austrália) m.t.; **8.º Acácio Silva (Portugal)** m.t.; 9.º Hubert Seiz (Suíça) m.t.; 10.º Albert Zweifel (Suíça) m.t.

Classificação Geral: 1.º Acácio Silva (Portugal) 8.15,21; 2.º Guido Winterberg (Suíça) a 7 segundos; 3.º Charles Berard (França) a 8 segundos; 4.º Phil Anderson (Austrália) a 12 segundos; 5.º Claude Criquielion (Bélgica) a 15 segundos.

Acácio e António Alves nas montanhas da Colômbia

Acácio Silva e António Alves participarão no prémio «Yardley-Gold de Montanha», que se realiza na Colômbia em Outubro próximo e reunirá alguns dos melhores escaladores do ciclismo mundial.

O prémio disputar-se-á nas abruptas subidas de Alto de Minas, Letras, La Linea e Guadalupe, no centro da Colômbia, e a última etapa será na modalidade de contra-relógio individual.

«GP» DE TORRES VEDRAS foi apresentado. Organizado pelo Pelouro de Desporto da Câmara Municipal vai realizar-se de 28 do corrente até 2 de Julho o 7.º Grande Prémio de Torres Vedras (1.º Prémio Internacional Joaquim Agostinho). Na sessão de apresentação de ontem o vereador Francisco Manuel Fernandes prestou todos os esclarecimentos relativos à grande prova que passa a constituir merecida e justa homenagem a Joaquim Agostinho.

Atletismo

Amanhã: dia de eleições

Conforme temos vindo a anunciar, realiza-se amanhã a assembleia geral da Federação Portuguesa de Atletismo para eleição dos órgãos sociais para o próximo quadriénio. Concorrem três listas encabeçadas por Carlos Cardoso, Mário Paiva e Armando Rocha.

Em conferência de Imprensa ontem realizada, em Lisboa, os elementos da lista C definiram ainda como objectivo «o estabelecimento de um plano de distribuição de técnicos ao serviço do atletismo que faça a cobertura de todo o País». Segundo **Armando Rocha** «é fundamental a Federação trabalhar junto das escolas», pois, afirmou, «sem desporto escolar não há desporto nacional». «Actualmente há seis mil atletas federados, número equivalente ao de estudantes existentes em apenas duas escolas secundárias» — sublinhou, acrescentando ser ainda necessário efectuar um inventário e um aproveitamento das construções desportivas existentes, nomeadamente, junto às escolas.

Os componentes da lista candidata para o quadriénio 1985/88 propõem-se ainda alterar regulamentação já existente, nomeadamente a relativa ao atleta de alta competição e a realização de provas. «Há que criar mecanismos que regulem os direitos e deveres dos atletas de alta competição» — disse Armando Rocha.

A lista C pretende ainda lançar uma campanha de detecção de talentos compreendendo três etapas por ano: torneios de feiras de Natal e Páscoa, que incluirão estágios de uma semana, e a passagem dos novos talentos, durante as férias grandes, por centros de estádio em Portugal e no estrangeiro através de protocolos existentes com outros países.

Em relação à futura equipa técnica nacional, Armando Rocha afirmou que a Lista C, «caso seja eleita, não vetará ninguém para integrar a respectiva comissão, mas vai optar pela competência».

Integram a lista C, entre outros, Armando Rocha, presidente da direcção, Rui Vilar, presidente da mesa do congresso, Alves da Cunha, presidente do conselho fiscal e António Taborda, presidente do conselho jurisdicional.

ASSIM VAI O TOTOBOLA PROGNÓSTICOS DOS ORGAOS DE INFORMAÇAO PARA O CONCURSO N.º 24 DE 16.JUNHO.85.

assim vai o totobola

Jornal 1X2: X1X 1XX 11X XX11; Rádio Altitude: 1XX 112 21X 1111; Jornal a Defesa: 1X1 11X 2X2 1X11; Jornal Notícias de Guimarães: 1X1 112 212 X1X1; Reconquista: 111 112 21X 1111; Litoral: X1X XX1 X12 121X; Correio do Vouga: X11 11X 212 1111; Ecos do Cacia: 11X 1X1 111 1211; Jornal a Voz das Beiras: 111 111 X11 1X11; Voz de Lamego: 121 1X2 21X 1111; RR-Desporto: 111 11X 21X 1111; RR-Diário do Desporto: 12X 122 XX2 11X1; RR-Bola Branca: 1X2 1X2 21X 1111; Jornal de Sintra: 111 112 211 11X1; RDP/Norte-Noticiário das 17.00: 12X 112 212 11XX; Diário de Lisboa: 211 111 111 1XXX; Correio de Coimbra: 111 111 21X 11X1; Eu Sei Tudo: 111 11X 21X X1X1; O Diário: 1X2 112 21X 12X1; RDP/Tempo de Desporto: 1X2 121 212 1X11; RDP/Secção Desportiva: 11X 1XX 212 1211; RDP/Clube da Manhã: 21X 112 2X2 X122; RDP/Manhã Manhã: 11X 11X 21X 11X1; O Emigrante: 11X 11X 21X 1X11; Jornal da Beira: 11X 111 X12 111X; Diário de Viseu: 121 X1X 212 1121; Notícias de Viseu: 111 X1X X12 1221; A voz do Domingo: 11X 111 111 1XX1; Folha do Domingo: XX1 111 X11 1111; Maria da Fonte: 111 111 21X 1111; Diário de Lisboa: 112 11X 212 XX11; O Jornal de Felgueiras: 1X1 111 21X 11X1; Notícias de Felgueiras: 1X2 111 X1X 1X2X; O Jornal de Amarante: 112 1X1 212 1111; Rádio Totobola: 11X X1X. 211 X211; O Jornal da Lixa: 111 111 212 1111; Jornal «Gazeta das Caldas»: 111 11X 21X 1111; Penalty: 111 112 1X1 X211; Jornal Defesa de Espinho: 111 221 21X X211; Jornal Linhas de Elvas: 111 12X 21X 1111; O Mensageiro: X1X 112 21X 112X; Gazeta de Felgueiras: 11X 1X1 X1X 121X; Notícias do Douro: 111 XX2 122 1XX1; Jornal do Fundão: 211 1XX 21X 1111; A Arte de Bem Madrugar: 1X2 111 X11 1X11; Notícias de Évora: 11X 1X2 X1X 11X1; Jornal Voz do Ave: 111 111 X11 1X21; O Comércio de Leixões: 112 11X 112 1211; O Primeiro de Janeiro: 111 1X1 112 1211; Quadrante Norte: 111 1XX 11X 1211; Rádio Sports; 211 111 111 1221; Repórter do Dia: 112 1X1 X12 1X11; Resenha Desportiva: X11 111 2XX 1X11; De Tudo um Pouco: 112 212 X12 1211; Alvo Desportivo: 111 11X 21X 1X1X: Alvo: 121 1X1 11X 1111: Rádio Alvo: XX2 1X2 2X2 1XX1; Alvo Suplemento: XX2 1X2 2X2 1XX1.

	1	2	M	1	X	2	(a)
1. SILVES - U.SANTARÉM			4	9	2	1	
2. ST.GALLEN - LUCERNA			5	9	2	1	
3. WINTERTHUR - CHAUX-DE FONDS			12	6	3	3	
4. GRASSHOPPER - AARAU			2	10	1	1	
5. NEUCHATEL - SERVETTE			4	7	4	1	
6. VEVEY - LAUSANA			17	5	4	3	
7. WETTINGEN - ZURIQUE			34	2	3	7	
8. YOUNG BOYS - SION			1	10	1	1	
9. ZUG - BASILEIA			22	2	5	5	
10. CAGLIARI - CATÂNIA	50	8	0	10	2	1	
11. MONZA - LEECE			14	6	3	3	
12. BARI - PESCARA	38	12	7	7	3	2	
13. GÊNOA - EMPOLI			1	9	2	1	

a) Nos termos do Artº 14º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "chave" lógica será :

111 111 21X 1111

Paços de Ferreira protesta...

O FC Paços de Ferreira, vai pedir a anulação da «liguilla» e a não homologação do campeonato nacional da segunda divisão.

O Paços de Ferreira fundamenta o seu protesto alegando que o jogador **Xavier** do Gil Vicente, **alinhou** no último encontro do campeonato **«ilegalmente»**, pois ainda se encontrava a cumprir o castigo federativo de três jogos com que tinha sido punido pela Federação. O Paços de Ferreira precisava de ter vencido esse encontro, efectuado em Barcelos, para subir directamente à primeira divisão nacional. Como o resultado verificado no final dos 90 minutos foi um «nulo», o clube pacense não conseguiu a promoção automática, que coube ao Desportivo das Aves, nem mesmo o acesso à «liguilla», em que participa o Desportivo de Chaves.

...E Gil Vicente contesta

O presidente do Gil Vicente, António Caravana, afirmou que o **protesto** entregue na Federação Portuguesa de Futebol pelo Paços de Ferreira **é uma pura especulação.**

Para António Caravana, **o pedido de anulação** da «liguilla» e a não homologação do campeonato nacional de futebol da segunda divisão, zona Norte, formulado pelo Paços de Ferreira, **serve, apenas, para denegrir a imagem da modalidade no nosso país.**

O presidente do Gil Vicente acredita nas instâncias superiores da FPF e adiantou que «todo este problema levantado pelo Paços de Ferreira é falso». «O nosso jogador Xavier foi, de facto, castigado federativamente com três jogos de suspensão, aquando do encontro que aqui disputámos com o Leixões, mas cumpriu-os em dois jogos da Taça de A.F. de Braga e no que disputamos na Vila das Aves, para o campeonato», assegurou.

O processo é infame e não corresponde minimamente à verdade, concluiu António Caravana.

Sardinhada entre árbitros

A sardinha assada e o frango no churrasco vão substituir no próximo dia 23 o apito na festa convívio da Associação de Árbitros de Lisboa no campo de Carcavelos.

Um encontro de futebol e a realização de jogos tradicionais completam o programa das festas onde podem participar todos os árbitros de qualquer distrito do País.

Carlos Manuel, Diamantino e José Luís. Será mesmo verdade que este poderoso trio já firmou contrato com o Braga?

Futebol

Benfica-"grupo do Barreiro" — que desfecho?

O desencontro de verbas entre o Benfica e os seus futebolistas Carlos Manuel, Diamantino e José Luís continua a impedir a solução do «litígio» existente entre as partes. As notícias ultimamente reveladas parecem encaminhar os três casos para a impossibilidade dos excelentes atletas continuarem a envergar a camisola com o símbolo da águia. No entanto, surgem algumas contradições, pelo que importava conhecer o «ponto da situação» feito pelo dirigente do futebol benfiquista. Por isso tentámos contactar Júlio Borges, mas tal como vem sendo habitual a tarefa é impossível. O departamento do clube da Luz, pelo prestígio da colectividade, deveria possuir um serviço de relações públicas ou algum funcionário apto a prestar os esclarecimentos solicitados pelos órgãos de Comunicação, o que não sucede e quem estará eventualmente autorizado a satisfazer tal preceito ou não está ou recusa informar. Um hábito que infelizmente é comum a grande parte dos clubes de maior projecção, que com tal comportamento provoca a continuidade de boatos e fomenta a especulação que ninguém desejará.

Deste modo, as dúvidas continuam. Carlos Manuel, Diamantino e José Luís chegarão a acordo com Fernando Martins ou as posições das partes continuarão irredutíveis? E nesse caso qual o destino dos magníficos artistas? E de concreto que se passa com eventuais contactos por eles estabelecidos (diz-se) com o Braga? O melhor será aguardarmos. Sem admitir qualquer hipótese e sem especularmos.

Liguilla

Com a realização dos encontros U. da Madeira-U. de Leiria e Chaves-Rio Ave começou a disputar-se o torneio de competência para apurar qual dos quatro integrará o campeonato da Primeira Divisão.

Enquanto o Chaves cumpriu a obrigação de vencer em casa (3-2 foi o «score») os leirienses foram à Madeira impor um «nulo» (1-1) frente à turma local. Deste modo o Chaves soma dois pontos, os dois «uniões» um, enquanto o Rio Ave averba zero na pauta.

O torneio prossegue no próximo domingo com a realização dos jogos U. Leiria-Chaves e Rio Ave-U. da Mdeira.

Porto vence Guimarães

O Futebol Clube do Porto bateu o Vitória de Guimarães por 3-0 (2-0 ao intervalo), em desafio de futebol particular disputado quarta-feira, para imposição das faixas de campeões de 1984/85.

O encontro serviu também para apresentação do holandês **Essers,** 24 anos, jogador do Hasselt FC da II divisão belga, e dos reforços **Laureta** e **Paulo Ricardo,** vindos do Vitória de Guimarães.

Essers mostrou ter bom toque de bola, técnica e visão de jogo apresentado-se como um bom reforço para o Porto, que dispõe agora de quatro dias para decidir da aquisição ou não do jogador.

Também o Guimarães aproveitou o encontro para fazer alinhar o ex-portista **Cerqueira,** agora ao seu serviço.

O encontro foi dirigido pelo árbitro José Guedes, do Porto, tendo os golos sido marcados aos 29 minutos por Teixeirinha (na própria baliza) e Semedo e Futre, respectivamente aos 34 e 67 minutos.

Disciplina

Na sua última reunião o Conselho de Disciplina da FPF puniu os seguintes futebolistas: Frasco (Porto) e Rodolfo Coutinho (Varzim) com três jogos de suspensão e o portista Quim e o benfiquista Bento com 1 jogo.

Juniores no Jamor

Nove selecções de futebol participam até domingo no torneio inter-associassões de juniores B (menos de 15 anos) que se realiza no Estádio Nacional, em Lisboa.

O torneio tem como objectivo o fomento do futebol juvenil e a descoberta de novos valores para a modalidade.

Participam as selecções de Funchal, Aveiro, Setúbal, Faro, Lisboa, Viana do Castelo, Coimbra, Porto, Faro e Santarém.

Mundial: Espanha vence

A Espanha venceu a Islândia por 2-1, em jogo do Grupo VII da zona europeia de qualificação para o campeonato mundial de fuebol México-86, disputado na capital islandesa.

Os golos espanhóis foram apontados por Sarabia e por Marcos, enquanto Podarsson marcava o tento dos donos da casa. Classificação do grupo: Escócia, País de Gales e Espanha. Contam seis pontos nos cinco jogos já realizados, enquanto a Islândia averbou somente dois pontos.

Clubes em assembleia

F. C. Porto: obras em debate

Para que os associados se pronunciem sobre as projectadas obras de que consistem no rebaixamento do seu estádio, vai realizar-se esta noite uma sessão da assembleia geral do Futebol Clube do Porto, que se realizará nas Antas com início marcado para as 21 horas. Dada a importância das obras, o executivo liderado por Jorge Nuno Pinto da Costa pretende conhecer o pensamento dos sócios e decidir de harmonia com a sua vontade.

Paços de Ferreira: a sucessão

O Futebol Clube de Paços de Ferreira discutirá, hoje, em assembleia geral extraordinária, a sucessão directiva do clube para o biénio 1985/86 e 1986-/87. Na sessão que decorrerá no salão nobre da Câmara Municipal serão discutidos assuntos relevantes na vida do clube.

Este ponto deverá ser o mais aceso, pelo facto de o Paços de Ferreira ter entregue, na sede da FPF, o pedido de anulação da «liguilha» e a não-homologação do Campeonato da Segunda Divisão, Zona Norte.

Modalidades

Basquetebol

Checoslováquia-Espanha e União Soviética-Itália são os grandes confrontos «agendados» para hoje em Stuttgard (RFA) a contar para as meias-finais do campeonato europeu de basquetebol. Os últimos resultados do «europeu» foram os seguintes: Espanha, 98 - RFA, 83; União Soviética, 104 - Bulgária, 86 e Checoslováquia, 102 - Jugoslávia, 91.

Mundial de clubes

A equipa de Maxaquene, vencedora da Taça dos Campeões Africanos de Basquetebol, estará em Barcelona, onde vai participar no campeonato mundial de clubes da modalidade.

Os campeões africanos ficarão alguns dias em Lisboa de onde viajarão para Barcelona de autocarro. Refira-se que a equipa moçambicana fará parte da série «A» do campeonato, que integra o Guantanamo, de Cuba, o Limoges, de França, o San Andres, da Argentina e o Barcelona, clube organizador.

A prova inicia-se no próximo dia 23.

Canoagem: maratona internacional

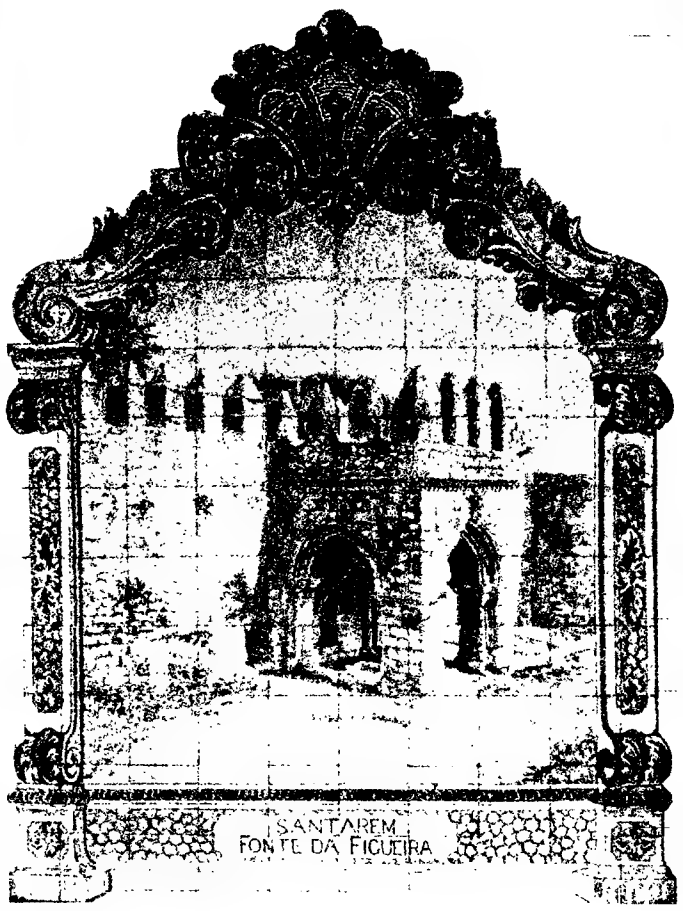
Dez selecções nacionais, integrando 75 atletas, disputarão no Porto, em 23 de Junho, a quinta maratona internacional de Crestuma em canoagem.

A competição, este ano incluída pela Federação Internacional de Canoagem no «Grand Prix» é considerada **«a mais importante das provas de longa distância»,** disse à ANOP o presidente da Federação Portuguesa, José Ferreira.

Participam as selecções da Dinamarca, Irlanda, Holanda, Inglaterra, Polónia, Bélgica, Suécia, Alemanha Federal, Espanha e Portugal.

A prova disputar-se-á no rio Douro, no percurso Crestuma-/Porto/Crestuma, e é organizada pela Federação Portuguesa de Canoagem.

VISITE SANTARÉM
Feira Nacional de Agricultura 6 a 16 de Junho
e aproveite os 50% de desconto que a CP
lhe confere nos bilhetes de ida e volta



Consulte o calendário Bicolor
Esta oferta é válida nos dias verdes
Comboio, a opção dinâmica.

Troféus "salvaram" corridas do Autódromo

As provas dos trofeus monomarcas disputadas no passado domingo no Autódromo do Estoril foram as que mais entusiasmo provocaram entre o pouco público presente. As constantes alterações, quer entre os comandantes quer nos pelotões perseguidores, com ultrapassagens sucessivas, salvaram o espectáculo proposto pelos organizadores. E, curiosamente, para além das provas dos Trofeus Toyota Iniciação e Consagrados, e Trofeu Citroen Visa, das outras duas provas, do agrupamento N e A, a primeira foi a mais disputada entre carros da mesma marca... num outro trofeu que não estava no programa.

Mais de uma centena de carros e pilotos inscritos para cinco provas constituíam um aliciante para o primeiro encontro do Campeonato Nacional de Velocidade em pista, como para o reencontro dos pequenos Visa. No campo dos troféus organizados pelo importador da Toyota em Portugal, era o primeiro encontro da temporada, onde, para além dos novos Corolla de 16 válvulas destinados aos consagrados, seria curioso verificar os andamentos dos iniciados ao volante dos Starlet que, pelo espectáculo dado nos últimos anos, constituem uma das mais gratas recordações dos adeptos do automobilismo desportivo.

E, a confirmar as expectativas, os troféus deram espectáculo emoção em provas repletas de interesse, com alterações sucessivas ao longo das voltas, e vencedor a não ter descanso.

Starlet: a confirmação da história

Dezasseis foram os pilotos presentes à primeira prova do Trofeu Toyota Iniciação, a primeira prova realizada. Nos treinos na manhã de domingo, Pedro Carvalho viria a obter o melhor tempo, seguido de Domingos Correia. No mesmo segundo dos dois pilotos que partiam da primeira linha da grelha encontrava-se ainda José Santos. Depois, com mais de um segundo de diferença em relação ao primeiro, Carlos Negrão, na terceira fila, seguido de outros sete concorrentes todos no mesmo segundo. Aliás, a demonstrar o equilíbrio entre pilotos que dispõem de carros iguais basta referir que, entre os 16 primeiros, a diferença que os separava era de... escassos cinco segundos. Se a corrida se adivinhava interessante, já os treinos foram espectaculares com os pilotos a serem obrigados a manobras de recurso, normais para quem tinha o primeiro contacto em pista com os Starlet.

A confirmar o melhor tempo alcançado nos treinos, Pedro Carvalho arrancou bem e só viu a sua liderança contestada até à quinta volta, onde conseguiu arrecadar os segundos de vantagem que lhe permitiram comandar as restantes dez voltas sempre à frente do pelotão. Entre os que o seguiam, José Santos, Joaquim Carvalho e Pedro Matos Chaves, com este a recuperar ao longo das primeiras voltas da quinta fila da grelha de partida e a juntar-se aos primeiros, travavam um animado despique. À 13.ª volta, José Santos conseguia impor-se a Pedro Matos Chaves, ficando definido o pódio.

Classificação: 1.º Pedro Carvalho; 2.º José Santos; 3.º Pedro Matos Chaves; 4.º Joaquim Carvalho; 5.º Joaquim Cunha Guimarães; 6.º Carlos Azevedo; 7.º Carlos Negrão; 8.º José Araújo Gomes; 9.º Carlos Baeta; 10.º Ernesto Oliveira.

Trofeu Visa: «candeia que vai à frente...»

Arrancando muito bem ada segunda fila da grelha de partida, João Vasco dominou a corrida do Trofeu Visa, beneficiando ainda do atraso inicial ocorrido com Mário Silva. De facto, o piloto que comanda a classificação do trofeu, e autor do melhor tempo dos treinos, viu-se envolvido num acidente logo no início da corrida quando o seu carro se atravessou na pista tendo sido «atingido» por Larama, outro dos mais rápidos concorrentes do Trofeu Visa. Se Larama, que nos treinos tinha realizado o quinto melhor tempo, nunca conseguiu recuperar o atraso, já Mário Silva recuperaria do quinto lugar, à 5.ª volta, para, em acesa luta com António Onofre, Hermano Sobral e Rui Lages, chegar à segunda posição do pódio.

Foi neste grupo de concorrentes que o público encontrou a indefinição de posições e a luta pela conquista de lugares que têm caracterizado as provas disputadas pelos pequenos Visa. Lá à frente, com um primeiro lugar que só lhe poderia ser retirado por qualquer incidente mecânico, João Vasco rodava, sempre rápido, mas sem pressão, com cerca de 100 metros de vantagem. Constantes alterações marcaram, ao longo das voltas, a luta entre um quarteto «endiabrado» até que à 11.ª volta Mário Silva conseguiu ultrapassar António Onofre e aguentar a pressão durante os últimos quilómetros de prova. Este último piloto seria também ultrapassado por Hermano Sobral e Rui Lages, quedando-se na quinta posição depois de ter andado bastante tempo a disputar o segundo degrau do pódio.

Classificação: 1.º João Vasco; 2.º Mário Silva; 3.º Hermano Sobral; 4.º Rui Lages; 5.º António Onofre; 6.º Luís Gomez; 7.º Rufino Fontes; 8.º Larama; 9.º Joaquim Macedo; 10.º César Santos.

Corolla: Rodrigues veio de trás para a frente

Vir de trás para a frente, do sétimo tempo dos treinos para o primeiro lugar, foi o «caminho» de António Rodrigues ao longo das 15 voltas da primeira prova do Trofeu Toyota-Consagrados. Um novo carro, o Corolla de 16 válvulas, era um dos elementos de interesse da jornada do Autódromo do Estoril. Dezoito pilotos responderam à chamada e os treinos trouxeram as primeiras surpresas: Álvaro Parente e Paulo Longo obtinham as melhores marcas, repartindo a primeira posição da grelha de partida, à frente de outros pilotos de quem se esperava melhor desempenho. Na segunda linha partiam Rui Lages e Ni Amorim, seguindos de Sena de Vasconcelos, António Barros, António Rodrigues e Carlos Marta.

Fazendo jus à melhor marca dos treinos Álvaro Parente liderou a prova durante a primeira volta, vindo a ser ultrapassado à segunda por Sena de Vasconcelos, autor de uma boa partida que o levou da terceira fila da grelha à colagem a Parente. Igualmente com uma boa partida, António Rodrigues colava-se ao pelotão da frente vindo a subir gradualmente alguns lugares. Na frente, Sena de Vasconcelos aumentava a sua vantagem que, à 9.ª volta, se cifrava em mais de dois segundos sobre o segundo classificado que já era... António Rodrigues. No entanto, a sorte não estaria com o comandante e o facto de ter partido o escape tirou rendimento ao carro, e levou os comissários desportivos a mostrarem-lhe a bandeira vermelha e laranja, ordenando a sua entrada na boxe. Durante duas voltas, em cada passagem pela meta, a bandeira era mostrada, até que os comissários, usando a bandeira negra, desclassificaram o piloto do carro n.º 3.

A perder rendimento de volta para volta, o carro de Sena de Vasconcelos seria ultrapassado por António Rodrigues que, assim, ficava no comando. Em segundo lugar ficava Rui Lages, autor de uma prova rápida e regular, sempre entre os primeiros, e completando o pódio Paulo Longo chegava ao terceiro lugar.

Classificação: 1.º António Rodrigues; 2.º Rui Lages; 3.º Paulo Longo; 4.º Adriano Barbosa; 5.º Fernando Santos; 6.º António Barros; 7.º Alcides Petiz; 8.º Fernando Faria; 9.º Pinto Coelho; 10.º Carlos Marta.

Grupo N: Edgar Fortes... o mais forte

A meio da prova do agrupamento N, dos carros mais próximos dos de série, a quarta corrida da tarde parecia ser mais um troféu, dada a superioridade evidenciada pelos novos Renault 5 GT Turbo. E, se nas provas de rampa até agora disputadas, os carros franceses vinham acumulando vitórias, nunca o seu domínio foi tão evidente como durante as 15 voltas ao perímetro do Autódromo do Estoril.

Vinte e cinco concorrentes presentes davam a indicação que se será neste agrupamento que poderá estar o futuro do automobilismo desportivo em Portugal. E, a confirmar o favoritismo dos carros franceses, o melhor tempo dos treinos cabia a Edgar Fortes, seguido do Alfa Romeo de Bernardo Sá Nogueira, do BMW de Ferreira da Silva, dos Renault de João Salavessa e Mário Silva.

Dada a partida e depois de nos primeiros metros Sá Nogueira ter surpreendido Edgar Fortes, o piloto da Renault-Galp destacou-se para não mais perder a liderança e terminar com mais três segundos de vantagem sobre o segundo. Durante as primeiras voltas, o Alfa e o BMW ainda tentaram não deixar fugir o carro francês mas, com a desistência de Sá Nogueira, e com as ultrapassagens ao BMW de Ferreira da Silva, outros três Renault 5 GT Turbo seguiam o carro do líder, assemelhando-se então a prova a um trofeu dos carros franceses. Foi entre o grupo constituído por João Salavessa, Mário Silva e Pedro Vilar que viria, aliás, a residir o interesse maior da prova. Se Mário Silva, depois de acesa luta com João Salavessa conseguiu chegar ao segundo lugar, já Pedro Vilar só conseguiria o terceiro lugar na penúltima volta depois de uma recuperação excelente.

Classificação: 1.º Edgar Fortes (Renault 5 GT Turbo); 2.º Mário Silva (Renault 5 GT Turbo); 3.º Pedro Vilar (Renault 5 GT Turbo); 4.º João Salavessa (Renault 5 GT Turbo); 5.º Ferreira da Silva (BMW 323i); 6.º Albino Abrantes (Alfa Romeo GTV 6 2,5); 7.º António Baptista (Renault 5 GT Turbo); 8.º Hélder Valente (Renault 5 GT Turbo) 9.º Bento Amaral (Ford Escort RS 1.6) 10.º Alberto Rola (BMW 323 i).

Grupo A: corrida sem luta

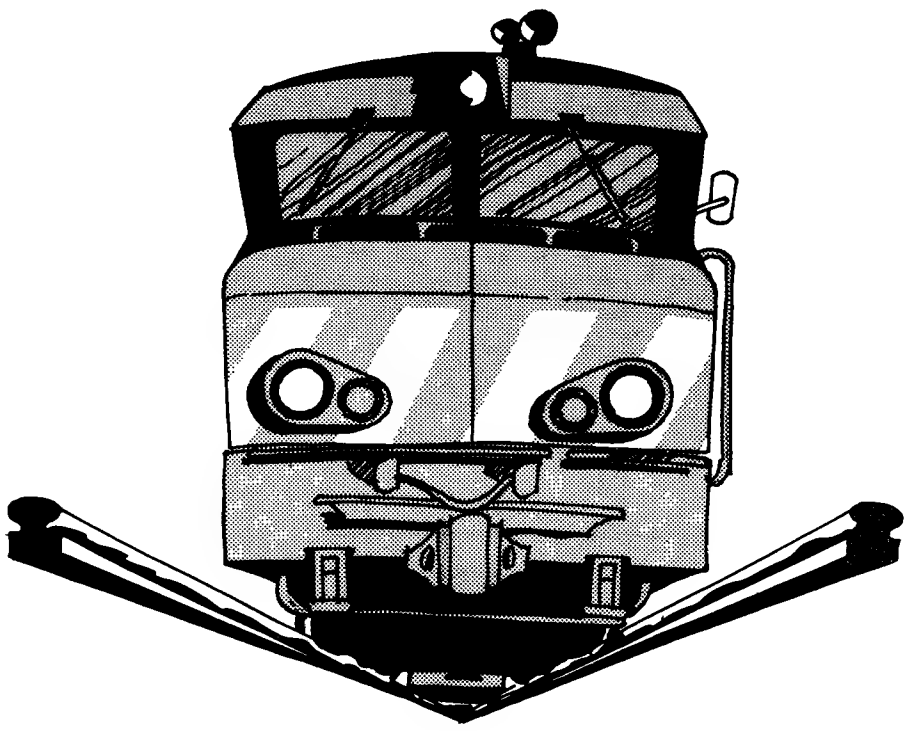
A última prova do programa era esperada com muito interesse pois, pela primeira vez nesta época, os Volvo até agora dominadores nas provas de rampa, encontrariam a oposição dos três BMW existentes em Portugal.

Confirmando o favoritismo dos carros suecos, António Rodrigues conseguia o primeiro tempo dos treinos, seguido dos BMW 635 CSI de Manuel Fernandes e Jorges Peres, do outro Volvo 240 Turbo de Artur Mendes e do Alfa Romeo de Rufino Fontes. Carlos Rodrigues, ao volante do terceiro BMW 635 CSI presentes no Estoril obtinha o sexto tempo, separando então o «trigo do joio», ou seja, os mais rápidos dos carros de menor cilindrada.

Dada a partida, a revelação seria Rufino Fontes que conseguia desde logo a terceira posição, atrás de António Rodrigues e Manuel Fernandes. No entanto, à segunda passagem pela meta da prova perdia um dos seus potenciais animadores. O Volvo 240 Turbo de Artur Mendes passava frente às boxes lançando grande fumarada e não restava mais nada do que abandonar. Se esta situação já era previsível para um dos carros suecos, pois desde os treinos o carro branco vinha acumulando problemas não se encontrando nas melhores condições à partida, a história desta prova ficaria resolvida ainda na segunda volta, algumas curvas mais à frente, quando o Volvo de António Rodrigues tem problemas de turbo e entra directamente para a boxe. A partir de então o comando nunca mais deixaria de pertencer a Manuel Fernandes, enquanto que, na segunda posição, Rufino Fontes se preocupava mais em defender o seu lugar de carros mais potentes do que se tentar chegar ao BMW 635 CSI. E, por problemas facilmente detectáveis pelo ruído do motor dos outros dois BMW, o piloto do Alfa Romeo conseguiu terminar a corrida na segunda posição, recebendo a maior salva de palmas pela prova desenvolvida. Nas posições imediatas, José Peres e Carlos Rodrigues cumpriram as voltas que faltavam para o final com a preocupação de conseguirem cortar a meta. Os seus carros não estavam, de facto, nas melhores condições e só não perderam lugares por não existirem em prova mais carros competitivos.

Classificação: 1.º Manuel Fernandes (BMW 635 CSI); 2.º Rufino Fontes (Alfa Romeo GTV 6 2.5); 3.º José Peres (BMW 635 CSI); 4.º Carlos Rodrigues (BMW 635 CSI); 5.º Carlos Cabral (VW Golf GTI); 6.º Fernando Pereira (BMW 323i); 7.º António Dias (VW Golf GTI); etc.

VISITE A "PORTUGAL 85"
A CP OFERECE-LHE
50% DE DESCONTO
NO SEU BILHETE DE IDA-E-VOLTA



Descubra Portugal. Visite a "Portugal 85", na Feira Internacional de Lisboa. De 7 a 17 de Junho, os quadros essenciais da vida portuguesa, de Norte a Sul.
As paixões, as ideias, as terras, os costumes.

A CP apoia a "Portugal 85" oferecendo-lhe 50% de desconto na sua viagem de ida-e-volta.
Basta carimbar o seu bilhete no Stand da CP, na F.I.L., para ter direito a esta redução.
Boa viagem.

CP
Comboio, a opção dinâmica.

NOTARIADO PORTUGUÊS
VIGÉSIMO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

a cargo do
Licenciado Carlos Maria Chagas

Avenida Almirante Reis, 202
Tel. 89 21 55

Eu, abaixo assinado, ajudante do Vigésimo Cartório Notarial de Lisboa, certifico que a presente fotocópia, composta por cinco folhas utilizadas numa só face, foi extraída do instrumento lavrado no dia vinte e quatro de Abril do ano corrente, de folhas setenta e quatro a folhas setenta e seis do livro de notas número duzentos e setenta e nove, deste Cartório, vai conforme ao original e vale como certidão.
Lisboa, vinte e seis de Abril de mil novecentos e oitenta e cinco

O AJUDANTE,

(Assinatura ilegível)

CESSÕES DE QUOTAS E ALTERAÇÃO DE PACTO

No dia vinte e quatro de Abril de mil novecentos e oitenta e cinco, no Vigésimo Cartório Notarial de Lisboa, a meu cargo, perante mim, Lic. Carlos Maria Chagas, notário, compareceram como outorgantes:
Primeiros – Prof. Dr. Henrique João Barahona Fernandes, natural de Vinhais e mulher D. Inês Viana da Mota Barahona Fernandes, natural da República Federal da Alemanha, casados no regime de comunhão geral de bens, residentes na Rua Actor António Silva, n.º 5-8.º andar direito, em Lisboa.
Segundo – D. Isabel Maria da Mota Barahona Fernandes Simões da Fonseca, natural de Lisboa, Mercês, residente na Praça de Alvalade, n.º 4-11.º esquerdo, em Lisboa, casada com José Luís Simões da Fonseca no regime de comunhão de adquiridos.
Terceira – D. Maria da Graça Mota de Barahona Fernandes, natural de Lisboa, Mercês, residente na Rua General José Celestino da Silva, n.º 10-3.º direito, em Lisboa, casada com Armando Vieira dos Santos Caeiro no regime de comunhão de adquiridos.
Quarto – António José da Mota Barahona Fernandes, natural de Lisboa, São Sebastião da Pedreira, residente com os primeiros outorgantes, divorciado.
Quintas – D. Maurícia de Macedo Teixeira Alves Furtado, viúva, natural de Lisboa, S. Cristóvão e S. Lourenço, residente na Avenida Casal Ribeiro, n.º 12-2.º andar, em Lisboa, D. Maria Amélia de Macedo Teixeira Alves Furtado Luzes, casada, natural de Lisboa, residente na Avenida António Augusto de Aguiar, n.º 124-4.º andar, em Lisboa e D. Maria Manuela Teixeira Alves Furtado, divorciada, natural de Lisboa, residente na Avenida Casal Ribeiro, n.º 12-2.º andar, em Lisboa.
O primeiro outorgante intervém por si e juntamente com as quintas outorgantes como únicos sócios e em representação, com poderes para este acto, de CASA DE SAÚDE DE CARNAXIDE, LIMITADA, sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede em Carnaxide, Oeiras, titular do cartão de pessoa colectiva número 500524521; nos termos de uma fotocópia que arquivo.
Disseram os outorgantes, na qualidade em que intervêm:
Que Casa de Saúde de Carnaxide, Limitada é efectivamente uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede em Carnaxide, Oeiras, constituída por escritura de trinta e um de Julho de mil novecentos e quarenta e cinco, lavrada nas notas do antigo notário desta cidade, Dr. Noronha Galvão, hoje Décimo Quarto Cartório Notarial de Lisboa.
Que o capital desta sociedade, no montante de cem mil escudos, todo realizado, se encontra dividido nas seguintes quotas:
Uma de cinquenta mil escudos, titulada em nome dele primeiro outorgante, Prof. Dr. Henrique João Barahona Fernandes;
Uma de vinte e cinco mil escudos dela quinta outorgante Maurícia de Macedo Teixeira Alves Furtado;
Uma de doze mil e quinhentos escudos dela quinta outorgante D. Maria Amélia de Macedo Teixeira Alves Furtado Luzes; e
Uma de doze mil e quinhentos escudos dela quinta outorgante D. Maria Manuela Teixeira Alves Furtado.
Que, pela presente escritura, com autorização da sociedade, eles primeiros outorgantes, Prof. Dr. Henrique João Barahona Fernandes e mulher, dividem aquela sua quota de cinquenta mil escudos em quatro novas quotas: uma de vinte e seis mil escudos, que reservam para si, e três de oito mil escudos cada, que cedem a eles segunda, terceira e quarto outorgantes, seus filhos, uma a cada um, cessões que estes aceitam e que são feitas por preços iguais aos respectivos valores nominais, preços que eles primeiros outorgantes já receberam.
Que eles segunda, terceira e quarto outorgantes, únicos filhos deles primeiros outorgantes, dão a seus pais as autorizações necessárias para inteira validade das cessões tituladas.
Disseram finalmente os primeiros, segunda, terceira, quarto e quintas outorgantes:
Que sendo agora os únicos sócios de CASA DE SAÚDE DE CARNAXIDE, LIMITADA, resolvem alterar o artigo quarto do pacto social, que passa a ter a seguinte redacção:
Quarto – O capital social é de cem mil escudos, encontra-se integralmente realizado em dinheiro e nos demais bens e valores constantes da escrituração e corresponde à soma das seguintes quotas dos sócios: uma de vinte e seis mil escudos de Prof. Dr. Henrique João Barahona Fernandes, uma de vinte e cinco mil escudos de D. Maurícia de Macedo Teixeira Alves Furtado, uma de doze mil e quinhentos escudos de D. Maria Manuela Teixeira Alves Furtado, uma de doze mil e quinhentos escudos de D. Maria Amélia de Macedo Teixeira Alves Furtado Luzes, três de oito mil escudos cada, pertencentes a D. Maria da Graça Mota de Barahona Fernandes, D. Isabel Maria da Mota Barahona Fernandes Simões da Fonseca e António José da Mota Barahona Fernandes, uma a cada um.

ASSIM O DISSERAM E OUTORGARAM.

Arquivo os seguintes documentos: n.º1 – Fotocópia de Registo Comercial de Oeiras; n.º 2 – Certidão comprovativa de que a referida sociedade tem a sua situação comprovativa devidamente regularizada perante o Centro Regional de Segurança Social de Lisboa.
Verifiquei a identidade dos outorgantes por exibição dos bilhetes de identidade n.ºs 345487, de 5/11/53, de Lisboa, 9822125, de 27/5/1982, de Lisboa, 0179210, de 27/10/1980, de Lisboa, 0006226, de 29/3/1984, de Lisboa, 0307441, de 12/3/1982, de Lisboa, 10054730, de 3/5/1983, de Lisboa, 0253206, de 16/12/1977, de Lisboa e 1155171, de 15/11/1975, de Lisboa.
Fez-se aos outorgantes, em voz alta e na presença simultânea de todos, a leitura desta escritura, a explicação do seu conteúdo e a advertência referente ao registo.

D.L. 14/6/1985

AOS CONDUTORES

"As crianças devem ir sempre no banco da retaguarda dos automóveis, e ao saírem devem fazê-lo sempre do lado do passeio."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

Mia Farrow e Nova Iorque: os dois amores Woody Allen

Roberto Cazorla
Serviço especial EFE/DL em exclusivo para Portugal

Há quatro anos e meio que Woody Allen e Mia Farrow constituem um dos casais de sensação do mundo artístico de Nova Iorque: pelo que têm produzido, pelas suas declarações constantes, pela sua excentricidade, mesmo pelos padrões norte-americanos.

«Conseguimos aquilo que procurávamos havia muitos anos: a verdadeira afinidade artística. Além disso funcionamos às mil maravilhas e em todo o sentido da palavra», afirma Woody Allen.

«Mia é o meu amor total. Somos terrivelmente felizes», acrescentou o criador cinematográfico que, numa época de espectáculo e grandes efeitos especiais continua a preferir a película a preto e branco.

Ele explica porquê: «Encanta-me tudo o que seja simples. É o mais difícil do ser humano. E por isso, quando o consigo, parece que sou o dono da Lua.»

Um filme por ano

Woody Allen tem repetido uma inifinidade de vezes que a cidade da sua paixão é Nova Iorque, algo que aliás os seus filmes já teriam permitido adivinhar.

«Prefiro filmar nesta cidade porque é a mais misteriosa e fascinante do nosso planeta. Já vi bastante, quase mais de meio mundo, e garanto que não há nada parecido. E muito mais para um cineasta.»

Já depois da «Rosa púrpura do Cairo», o seu filme apresentado no Festival de Cinema de Cannes, Woody Allen trabalha no seu trabalho cinematográfico número catorze, que se intitula «Hannah and the sisters.»

«Não me interessa fazer mais de um filme por ano. Há quinze anos que filmei o primeiro e hoje vou em catorze... Quase um por ano. Nada mal, hem?».

Uma das razões para a reconhecida unidade da sua obra está por certo no facto de trabalhar quase sempre com uma mesma estupenda equipa, até com os mesmos actores.

«Sou dos que preferem trabalhar sempre com as mesmas pessoas. É maravilhoso conhecer bem com quem se trabalha e estar com essas pessoas às noites inteiras. Como existe entre nós uma confiança total, discutimos e até deixamos de falar uns com os outros durante dias. Mas tudo passa, o sangue não chega a correr até ao rio e regressamos ao trabalho convencidos de que somos uma só pessoa.»

Yoko Ono, Mia Farrow, Woody Allen e Martha Graham

«Nasci músico. Mas...»

Woody Allen costuma defender a sua cidade como se se tratasse de um familiar ou amigo querido.

«Nunca me aconteceu nada ao andar pelas piores ruas desta cidade. Conheço-a como a palma da minha mão. Mais ainda, nunca poderia viver fora de Nova Iorque.»

E o certo é que, melhor do que qualquer documentário turístico, Woody Allen tem mostrado ao mundo com poesia e visível amor a cidade de Nova Iorque.

Quando se lhe pergunta se se mantém a sua ardente paixão pela música, responde:

«Continuo a tocar clarinete sempre que o tempo mo permite. Vou a um pequeno clube que há aqui no nosso bairro e aí toco, rodeado por um grupo de amigos e amantes da boa música.»

E acrescenta: «Eu nasci músico. Mas acontece que o cinema pôde mais.»

Woody Allen confirma ainda aquilo que os amigos têm dito: foi-lhe extremamente benéfica a união com Mia Farrow: «Sempre fui um homem amante da solidão, mas isso era porque não tinha encontrado a mulher que me compreendesse, como sucede com Mia.»

CIDADE NOVA
santo antónio dos cavaleiros

988 04 89
NO ANDAR MODELO

UM SONHO PARA VIVER!

Espaços Verdes · Apoio Escolar · Zonas Desportivas
Comércio · Rápido acesso a Lisboa

ANDARES DE 3, 4 E 5 ASSOALHADAS

Sólida construção · Bons acabamentos
Financiamento com juro bonificado · Total isenção de sisa
Mensalidades desde 12 170$00

AGORA CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA JOVENS (até 30 anos) E JOVENS CASAIS (50 anos no conjunto)

CONTACTE: TRIGERE Gestão Imobiliária, Lda.
NOS ANDARES MODELO:
Unidade 6 - Torre Cinzenta Unidade 8 - Edif. 19/20

CIDADE NOVA santo antónio dos cavaleiros

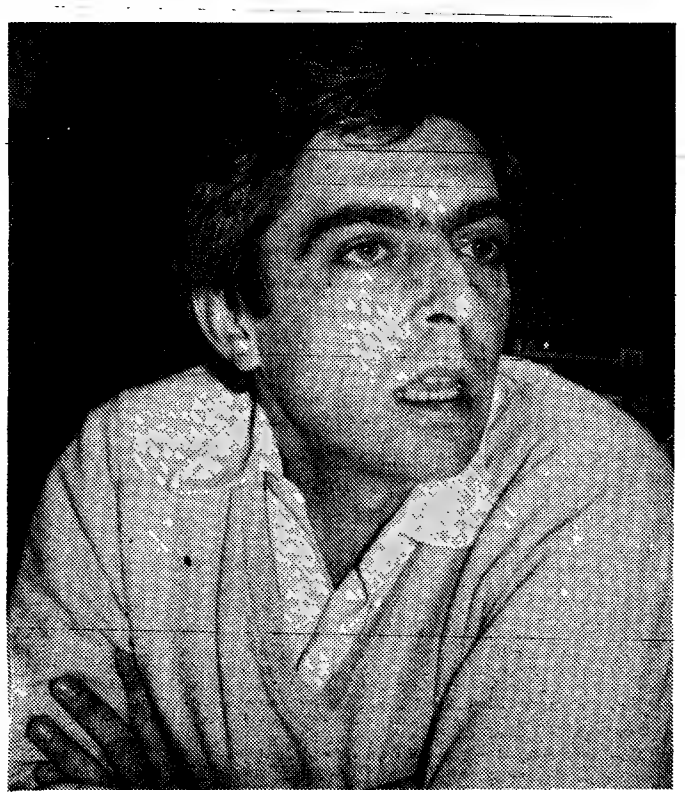
Entre Campos · Calçada de Carriche · Sto Antonio dos Cavaleiros · CIDADE NOVA
6 Kms
AUTO ESTRADA LISBOA - T VEDRAS · No de Frielas

bistari CN 4

O poder do actor

Carlos Porto

RICARDO III, de William Shakespeare. Tradução: Maria Adélia Silva Melo, com a colaboração de Eduarda Dionísio e Luís Miguel Cintra. Colaboração dramatúrgica: José Netto, Luís Filipe Lindley Cintra e Maria Letícia Dionísio. Encenção : Luís Miguel Cintra. Assistente: Madalena Pinto Leite. Cenografia e Figurinos: Cristina Reis. Assistente: Linda Gomes Teixeira. Música: Paulo Brandão. Colaboração especial: Ana Jotta. Interpretação: Luís Miguel Cintra, Luís Lima Barreto, Manuel Cintra, Gilberto Gonçalves, Márcia Breja, Francisco Costa, Fernando J. Oliveira, José Manuel Mendes, Alda Rodrigues, Ângelo Teixeira, Luís Lucas, Rogério Vieira, Manuela de Freitas, Dalila Rocha, Magda Sofia, Ana e Teresa Pinto Leite, Jorge Filipe, Carlos Pereira, Dinis Gomes, Músicos: José Carlos Gonçalves e António Melo. Estreia: Teatro da Cornucópia, 31.5.1985 (2.6.1985).



Luís Miguel Cintra

A minha biblioteca (é o reino de que posso dispor) por uma crítica a **Ricardo III.** Uma crítica justa, correcta, inteligente, lúcida, culta, honesta, digna, clara, breve, profunda, exacta, informativa, analítica, etc.

Bem, o primeiro ponto é este: por onde começar? Devo ler os extensos e aparentemente ricos textos de apoio? Devo ler as críticas já publicadas? Devo reler este excelente estudo de Paul Bacquet, entre muitos outros? Para este, **Ricardo III** «culmina um período de aprendizagem», o que talvez expliquem certos problemas que a peça levanta. Por exemplo, o de parecer assentar excessivamente no protagonista memorizando outras personagens que não parecem suficientemente densas sob o ponto de vista dramatúrgico e cénico. De facto, se me ponho a pensar no **Ricardo III,** ffilme, de Lawrence Olivier, o que me ocorre é precisamente, e praticamente só (além do texto), o trabalho do actor. Talvez houvesse no filme outros actores importantes (não era Claire Blloom, quem interpretava Lady Anne?), mas é obsessivamente Olivier que evoco. De facto...No espectáculo do Teatro da Cornucópia é esse creio, um ponto a ter em conta. Simplesmente neste espectáculo o desequilíbrio é maior porque não era possível que o grupo pudesse dar a Luís Miguel Cintra a réplica tão eficaz quanto este exigia. Ressalva-se o caso de Manuela de Freitas que se coloca no mesmo nível interpretativo numa personagem que a intérprete puxa a uma altura que talvez não seja a dela. Ora este desequilibrio, inevitável como se dizia, surge agravado por outras opções de fundo que têm a ver com perspectivas do encenador que vêm do seu primeiro grande espectáculo (**O Anfitrião**). A principal dessas opções está ligada ao respeito pelo texto em que Cintra se mostrou sempre duma grande coerência. A meu ver, um criador teatral não tem que respeitar formalmente um texto, tem que respeitar, em primeiro lugar, a relação que esse texto vai permitir criar entre o espectáculo e o público. Não se trata de sacrificar um texto aos gostos, ou falta de gosto, do público, mas de conciliar as razões mais autênticas desse texto, que são as suas razões, cénicas e não as suas razões literárias, e as razões de um público que tem a ver com as suas capacidades de entendimento e fruição, as quais dependem de outros e complexos factores.

Em relação ao texto português deste espectáculo pode dizer-se que é o resultado de um dos mais belos trabalhos de aportuguesamento de um texto estrangeiro que temos visto no nosso teatro. Mas posso também dizer que o texto podia ter sido depurado, reduzido (em termos quantitativos) sem que isso prejudicasse a sua verdade teatral; talvez, pelo contrário, ganhasse em densidade, deixem passar o sacrilégio, e em comunicabilidade o que perdesse em extensão. E ganhasse portanto capacidade de captar o público sem por isso sacrificar qualquer dos seus valores. É que o público não tem culpa, como não têm os nossos actores, de não conhecer Shakespeare. Os ingleses, grande parte deles, é que o conhecem e nem por isso precisam de estar sentados em bancos pouco cómodos perto de quatro horas para ver **Ricardo III.** Não se trata de ter pena do público nem de ser contra o espectáculo. Pela minha parte sou ferozmente pelo espectáculo e é por sê-lo que utilizo este distanciamento, mas não deixo de ser obrigado a entender as razões do público.

Parecendo estar a falar de aspectos periféricos ao espectáculo é, no entanto, de algumas das suas coisas essenciais que estou a falar. Porque o que há nele de essencial é, em primeiro lugar, o texto português; é, em segundo lugar, o trabalho como actor de Luís Miguel Cintra. Mas de um e de outro destes valores não se devem separar nem a leitura dramatúrgica nem a opção ideológica do encenador em relação à sua personagem. Trabalho genial sob o ponto de vista de conseguimento físico, psicológico, comunicante, da personagem, é mais discutível a sua interpretação histórica e ideológica, já que Ricardo III surge aqui como um ser que exprime o seu carácter diabólico (ele é o Mal absoluto) e nessa qualidade organiza o teatro da sua perversidade, não surge como um homem que tem determinadas relações históricas com o Poder. Essa evacuação da carga histórica do texto (mas não estará já em Shakespeare?) parece reduzir o interesse da personagem e portanto do espectáculo. Reduzir em termos muito relativos. Aliás, investigações recentes provaram, parece que Ricardo III não foi tão mau como Shakespeare o pintou, arquétipo da sede Poder, que se confunde aqui com a sede do Mal, com o que se este teatro, esta personagem nos mostrassem a sexualização da conquista do Poder.

O leitor já percebeu que estou a ver o espectáculo da Cornucópia a uma bitola muito alta, que é aquela a que os seus próprios espectáculos se colocam normalmente. E não faltam razões para justificar essa bitola. A começar pelo espaço cénico, espaço que não é apenas o da acção, reiventado por Cristina Reis sobre um possível teatro isabelino; espaço que abre com um extenso vazio, lugar possível de uma batalha, sinalizado por enormes rosas vermelhas e brancas, as cores dos poderes em guerra. Pobre é o lugar da representação, até talvez feio, com a fealdade dos bastidores porque é disso que se trata: este espectáculo é também a imagem de um teatro sem meios que utiliza uma vulgar cadeira de pau com uma pequena coroa pintada para simbolizar o trono, que utiliza fatos pobres porque são esses os sinais não de uma corte ou de um reino mas de um teatro, o nosso, o dos grupos independentes, que sobre essa corte e esse reino trabalha como sobre formas produtivas de um teatro outro. Abrem-se alçapões e à luz das velas, luz pobre, surgem os fantasmas, não por serem aí os lugares em que os mortos estão enterrados mas porque o nosso teatro é isso mesmo: uma série de alçapões onde seres fantasmáticos teimam em resistir, em lutar. Espectáculo sobre Shakespeare este espectáculo é também sobre Coimbra Martins (tomando-se o ex—é ex?-—ministro da Cultura como o símbolo de uma corte sem dinheiro, sem imaginação, sem capacidade). O que importa assinalar é precisamente a inteligência com que o encenador resolveu os problemas postos pela pobreza de que foi obrigado a servir-se e que em nada diminui o poder estético do espectáculo. Este passa do corvo embalsamado para a pomba viva da criança e também essa passagem é um símbolo. Poucos actores, sem figurantes, espaço diminuto, decoração nula. É através da luz, da música de Paulo Brandão executada ao vivo, da sinalização (caso das bandeiras, das espadas, dos alçapões, dos espaços de representação superior, que se tornam espectáculos de público com a presença da Mãe de Ricardo a ver a batalha perdida), é através do corpo-a-corpo dos actores, que o encenador realiza o milagre, isto é, a ultrapassagem das suas aparentemente insuperáveis dificuldades. Há, no entanto, um aspecto em que ele não consegue ir tão longe como se esperaria: na direcção de actores. Para além das dificuldades postas pela interpretação destas personagens e deste texto, talvez (talvez) Luís Miguel Cintra não tivesse podido dirigir tão profunda e rigorosamente, como é costume, os seus actores, até pelo facto do seu papel ser tão absorvente.

Pelo que ficou dito, percebeu-se que há neste espectáculo vários espectáculos, a começar pelo próprio texto e a acabar no espaço cénico, independentemente do rigor da sua articulação. Entre um e outro, há o espectáculo sublime de Luís Miguel Cintra: oiçam os ruídos que faz com a garganta, vejam como lança como uma víbora a língua de fora, vejam a sua composição física como causa horror (e também fascínio?) sem quaisquer exageros de caracterização. Outro espectáculo: o de Manuela de Freitas, de quem a energia da sua presença e a espantosa força vocal constituem algo de admirável.

Os restantes intérpretes procuram encontrar o tom certo e por vezes conseguem-no, excepto os mais jovens, que não foram possivelmente tão bem dirigidos como necessitariam. O caso de Dalila Rocha é um caso especial porque o seu registo trágico não joga com os outros registos. Pergunto-me se o encenador não usou intencionalmente essa capacidade da actriz no sentido de sublinhar mais a teatralidade da personagem. Penso haver nos actores, especialmente Luís Lucas e José Manuel Mendes, maior capacidade de se aproximarem dos intérpretes principais, mas talvez isso decorra do facto de serem mais ricas as personagens masculinas. Talvez uma segurda visão dele me obrigue a alterar o que uma primeira impressão me deixou.

Repenso este **Ricardo III,** repenso este simples facto: que esta peça de Shakespeare só agora tenha sido estreada em Portugal não é isso sinal do que temos ainda para andar? Mas também do muito que já andámos, e sobretudo um grupo como este?

Repenso o espectáculo, releio as críticas já publicadas, autocritico-me pelo atraso do meu texto. Sinto-me isolado nas minhas incertezas, na minha flexibilidade. Mas não será o teatro, sobretudo este teatro que é ao mesmo tempo grande e frágil, feito dessas incertezas, procura de uma perfeição impossível, superação dessas fragilidades, desse desprezo a que tem sido votado, desse inverno do nosso descontentamento que vivemos em todas as estações do ano, pedindo licença para citar Shakespeare, razão de ser deste arrazoado que se perde no desejo de entender e de amar.

TRIBUNAL JUDICIAL DO 3.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA

ANÚNCIO

P.º 9379/3.ª

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução ordinária n.º 9379 3.ª secção.

Exequentes — Manuel Constantino da Fonseca.

Executado — T.I.F. — Transformação, Importação e Fabrico Ld.ª, com sede na Rua Luís Derouet, 11-A Lisboa.

Lisboa 30 de Maio de 1985

O Juiz de Direito,
(Assinatura ilegível)
O Escrivão de Direito,
(Assinatura ilegível)

«DL» 14/6/85 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DO 10.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio.

Execução SUMÁRIA. n.º 4 165 2.ª secção.

Exequentes – TECHNAL PORTUGUESA, SISTEMAS DE ALUMÍNIO, Ld.ª.

Executado – ALUFERMEC – Sociedade Metalúrgica, Ld.ª, com sede na Estrada Nacional, n.º 247, Odrinhas, Sintra.

LISBOA, 28 de Maio de 1985

O Juiz de Direito,

A) Celestino Cabanas Bento

Pel'O Escrivão de Direito,

a) Fátima Rosa Batista

D.L. 14/6/85 – 1.º Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 1.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de 30 dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do anúncio citando os réus para no prazo de vinte dias, findo o prazo dos éditos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, em extracto, é o seguinte: Ser a acção julgada procedente e para todos os efeitos legais declarado o menor Wilson de Jesus das Neves filho do réu.

Acção ordinária n.º 740 3.ª Secção.

Autor Ministério Público.

Réu Américo José de Freitas, ausente em parte incerta e com a última conhecida em Albufeira, Montechoro, na «Eteimar, SARL».

Lisboa, 3 de Maio de 1985.

O JUIZ DE DIREITO

(assinatura ilegível)

O ESCRIVÃO ADJUNTO

(assinatura ilegível)
D.L. 14/6/85 – 1.º PUB.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
1.º JUÍZO
ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de 30 dias, que começarão a contar-se da 2.ª e última publicação do anúncio citando os réus para no prazo de vinte dias, findo o prazo dos éditos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, em extracto, é o seguinte: ser a acção julgada procedente e provada e consequentemente, a menor MARIA HELENA DIAS ser reconhecida como filha do Réu, para todos os efeitos legais.

Acção de Investigação de Paternidade n.º 2353. 2.ª Secção.

Autor MINISTÉRIO PÚBLICO.

Réu ARMANDO DOMINGOS HENRIQUES, com última residência conhecida na Rua do Salvador, 38-2.º-Esq.º, em Lisboa.

Lisboa, 14 de Maio de 1985.

O JUIZ DE DIREITO,
(João Manuel Crespo Gois Pinheiro)

O ESCRIVÃO ADJUNTO,
(Mário Matias Monteiro)

D.L. 14/6/85 – 1.º Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO
P.º 25/84-CIT

Com o presente se anuncia que pela 1.ª secção do 1.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, sito na Av.ª Almirante Reis n.º 130-6.º, Lisboa e na acção emergente de contrato individual de trabalho, com processo sumário, registados sob o n.º 25/84, em que é autor CARLOS ALBERTO PEREIRA e ré, UNIAÇO-INDÚSTRIAS E REPRESENTAÇÕES LD.ª, com última residência conhecida na Rua de Santa Marta, n.º 62-A e B em Lisboa, neles correm éditos de TRINTA DIAS, citando a ré, para no prazo de OITO DIAS, findo o dos éditos contados da segunda e última publicação deste anúncio, contestar, querendo, a referida acção, sob pena de não o fazendo ser condenada no pedido, cujo duplicado se encontra nesta secção à disposição da ré.

Lisboa, 7 de Junho de 1985

O Juiz de Direito,
a) Jorge dos Santos
O Escrivão
a) Maria de Jesus Amaral

«DL» 14/6/85 — 1.ª Pub.

TEATRO DO BAIRRO ALTO
R Tenente Raul Cascais 1 A
1200 Lisboa
Tel 661515 • 669205

teatro do bairro alto

teatro da Cornucopia

RICARDO III

de

SHAKESPEARE

3.ª feira a sábado às 21 h.
Domingo às 16 h.

DL CINEMA CRÍTICA

"Um amor na alemanha"

de Andrezej Wajda

Jorge Leitão Ramos

Apesar de, nos últimos anos, Wajda ter rodado filmes fora da Polónia, o seu cinema continua tomado por inquietudes que podem, sem abuso, ser transplantadas para o espaço polaco e para as questões que Wajda — nem sempre da melhor forma, convenhamos — vem assumindo como centrais: em Um amor na Alemanha **o cerne está na culpabilidade colectiva face a um caso individual. O cenário é o da Alemanha nazi mas não se esgota aí.**

Se quisermos olhar atentamente este filme, veremos que o que nele se interroga é o totalitarismo vulgar, não à escala do Estado mas ao nível de uma pequena cidade, de um limitado grupo de pessoas. O nazismo, como fenómeno de massas, como histeria colectiva, como máquina de guerra, como hediondo sistema de extermínio, o nazismo como fenómeno macrossocial está longe de **Um amor na Alemanha.** Em seu lugar estão pessoas, reveladas porque evoluindo no interior de um sistema totalitário, nem dele vítimas nem dele agentes decisivos: a vertigem de que este filme fala é a de um colectivo «forçado» à ignomínia porque o sistema o permite e o medo — ou inconfessados sentimentos — a tanto leva.

Não há nazis neste filme, não há emblemas: mesmo Mayer, o pobre chefe local das SS, é um homem que desempenha o seu papel a contragosto. Então o que há em **Um amor na Alemanha?**

Há uma mulher, casada com um soldado em campanha e com um filho jovem, que se apaixona perdidamente por um prisioneiro polaco, trabalhador forçado numa pequena cidade alemã. É um amor louco e lúbrico, impudente e imprudente (quer dizer, transgressor da ordem moral e da ordem política) que vai provocar reacções de escândalo; denúncia e punição (ele será enforcado, ela encarcerada num campo de concentração).

O interessante da história é que é narrada a partir de hoje: um homem de meia-idade (filho da mulher em causa) investiga, no presente, esse «caso» de guerra — e depara, invariavelmente, com a mesma recusa de culpa. Ninguém foi responsável, foi o nazismo, e, depois, para quê lembrar, desenterrar essas coisas do passado? Ou seja: para Wajda, o essencial não é voltar à Alemanha de 1941, repetir testemunhos para que a Terra não esqueça. O que importa é saber como assumir hoje esse passado: recalcando-o, iludindo-o ou olhando-o nos olhos?

Hanna Schygulla é a vertiginosa protagonista de um amor interdito, neste filme em que Wajda volta aos tempos ominosos do nazismo

Um amor na Alemanha é tanto mais insidioso quanto o filme não mostra nenhum personagem que aja segundo determinações ideológicas (isto é, o nazismo não é a causa do drama, apenas o caldo onde as pessoas se movem). Denunciantes, cúmplices ou mesmo executores, todos são movidos ou por ocultos interesses pessoais (espantosa a personagem erguida por Marie-Christine Barrault) ou por inconfessado despeito, ou pelo cumprimento do dever, ou apenas por medo. Wajda recusa nitidamente a diluição da culpa na esfera do político-ideológico (o Nazismo) para olhar, com fixidez, os indivíduos um a um. E perguntar, sem resposta, o que fazer com as vergonhas que trazemos do passado.

A lateralização do colectivo e a sequente viragem para a esfera individual é, desde há duas décadas, a irresistível tendência do melhor cinema que se faz a Leste da Europa. Há uma vontade de ecncontrar rostos humanos onde a tradição só aconselhava tipagens de classe. É um caminho, não isento de perigos, que permite que cada consciência se defronte consigo mesma — e não fuja para o acalmante lugar anónimo de célula de um corpo social sem rosto.

Hitler, Estaline, Salazar foram tiranos e, depois, alíbis; é bom ir desmontando — memsmo sem alardes — o paternalismo colectivo a que, muito ou pouco, nos acolhemos outrora ou, em dias de hoje, outros espaços que continuam a servir-nos de manto. O nome de Deus, do Império, ou da Classe Operária serve — tantas vezes — para evitar que nos olhemos ao espelho sem horror...

FICHA:

Título original: Eine Liebe in Deutschland.
Realização: Andrzej Wajda (RFA-França-1983)
Argumento: Boleslaw Michalek, Agnieszka Holland e A. Wajda, segundo romance homónimo de Rolf Hochhuth.
Fotograria: Igor Luthor.
Cenários: Alan Starski, Gotz Heymann e Jurgen Henze.
Música: Michel Legrand.
Montagem: Halina Prugar-Ketling.
Produção: Artur Brauner.
Interpretação: Hanna Schygulla **(Paulina Kropp),** Piotr Lysak **(Stanislaw Zasada),** Marie-Christine Barrault **(Maria Wyler),** Elisabeth Trissenaar **(Elsbeth),** Armin Mueller-Stahl **(Mayer),** Daniel Olbrychski **(Wiktorczyk),** etc.
Distribuição em Portugal: Filmes Castello Lopes.
Cinema: Quarteto-Sala 3
Classificação: Para maiores de 16 anos
Duração: 132 minutos

Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública
Direcção Operacional Distribuição Sul

CENTRO DISTRIBUIÇÃO ALMADA

AVISO AOS CONSUMIDORES

Avisam-se os consumidores de energia eléctrica em baixa tensão que, devido a trabalhos a efectuar nas instalações desta empresa, se procederá à interrupção do fornecimento de energia eléctrica, nos locais e períodos abaixo mencionados, no próximo dia 16/06/85 (domingo).

CONCELHO DE ALMADA:
Feijó (Zurara) das 7h00m às 13h00m

CONCELHO DO SEIXAL:
Casal do Sapo (Casal do Sapo), Fernão Ferro (Pinheiral, Morgado)
das 7h00m às 17h00m
Paivas (Páscoa)
das 6h00m às 14h00m

CONCELHO DE SESIMBRA:
Marco do Grilo (Carvoeiros)
das 7h00m às 17h00m
Qt.ª do Conde (Unificado, Salgueiro, Roma, Espinha, Cal, Boa Água) das 10h00m às 14h00m
Por motivo de segurança, durante o período de interrupção de fornecimento de energia, as instalações deverão ser consideradas permanentemente em tensão.

Direcção Operacional Distribuição Sul
Centro Distribuição Almada
O Responsável
José Resende Nascimento

Almada, 12 de Junho de 1985

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II
SALA GARRETT
DE 3.ª A DOMINGO DAS 18.30 ÀS 20
TEATRO DA HORA DE PONTA
com a peça
ELA NÃO SABIA SONHAR
de DENISE CHALEM
com FERNANDA BORSATTI E SÃO JOSÉ LAPA
encenação JACINTO RAMOS
SALA EXPERIMENTAL
DE 3.ª A SÁBADO ÀS 21.45
SÁBADO E DOMINGO ÀS 16.30
A PAIXÃO DE MESTRE AFONSO DOMINGUES
de ANTÓNIO PATRÍCIO
encenação JOSÉ GIL
com
MÁRIO PEREIRA – LYGIA TELLES
LURDES NORBERTO – CARLOS DUARTE
ESPECTÁCULO NÃO ACONSELHÁVEL A M. 12 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA À 2.ª FEIRA

ROTEIRO CULTURAL

Isabel de Castro e Gabriel Jorge-Costa, numa cena da peça «Serpente de Génesis»

Teatro

● Na Sociedade Nacional de Belas Artes, pelas 21.30 horas, é estreada a peça «**Serpente de Génesis**», da autoria de Sérgio Santos. Com interpretação de Isabel de Castro e Gabriel Jorge-Costa, encenação do próprio autor e cenografia de José Barbieri, a peça põe em cena uma mulher que resolve escrever um monólogo para «auto-representar-se».

● No Anfiteatro de Ar Livre (tenda) da Fundação Gulbenkian, o **Teatro de La Claca,** de Barcelona, apresenta mais uma vez a peça «Antologia». Esta companhia utiliza uma ampla variedade de técnicas, algumas derivadas dos fantoches e marionetas. La Claca, dando mais ênfase ao visual do que à narração, faz com que o vulgar pareça notável e o macabro, maravilhoso.

● «**Um Cadáver Esquisito**», que sobe hoje ao palco do Anfiteatro 1 da Faculdade de Letras de Lisboa, às 21 horas, é o primeiro projecto Indício, uma associação cultural que tem como objectivo «criar condições para a existência e consumação de projectos culturais». A peça é de Nuno Artur Silva, tem encenação e cenografia de Luís Miguel e a interpretação está a cargo de Arnaldo Moreira, Elsa Simões, Luís Miguel e Teresa Gomes, entre outros.

Música

● Integrados nas festas da cidade de Lisboa, promovidos pela Câmara Municipal, realizam-se hoje dois concertos. O primeiro, pela Banda da PSP, tem início às 18.30 horas, nas Ruínas do Convento do Carmo. O segundo, tem lugar no Teatro Municipal de São Luiz, onde os «**Novos Solistas de Viena**», sob a direcção do maestro Gert Meditz interpretam obras de Mozart, Haydn e Strauss.

● O Jamaica, no Cais do Sodré, continua a animar as noites lisboetas, entre as 22 e as 24 horas, com música bem seleccionada. Assim, hoje, quem por lá passar, pode beber um copo ao som «Do Brasil»: **Música Popular Brasileira...** e não só!

● «Desculpem Qualquer Coisinha» é o título do novo álbum de **Paulo de Carvalho,** que esta noite é apresentado no palco da Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, a partir das 21.30 horas. O espectáculo é dividido em duas partes, sendo a primeira preenchida por alguns dos êxitos do cantor, e a segunda pela apresentação do seu novo álbum.

Arraiais

● Como é hábito nesta época do ano, quando se festeja o Santo António, padroeiro de Lisboa, em vários pontos da cidade realizam-se arraiais populares. Quem gostar pode-de dirigir à **Praça da Figueira** a partir das 21 horas, ou ainda ao **Parque Desportivo da Junta de Freguesia de Benfica.** Na **Rua das Francesinhas,** no ringue do BSB, das 22 à meia noite e trinta, também há arraial, organizado pelo Esperança Atlético Clube e Grupo Desportivo de Santos.

Dança

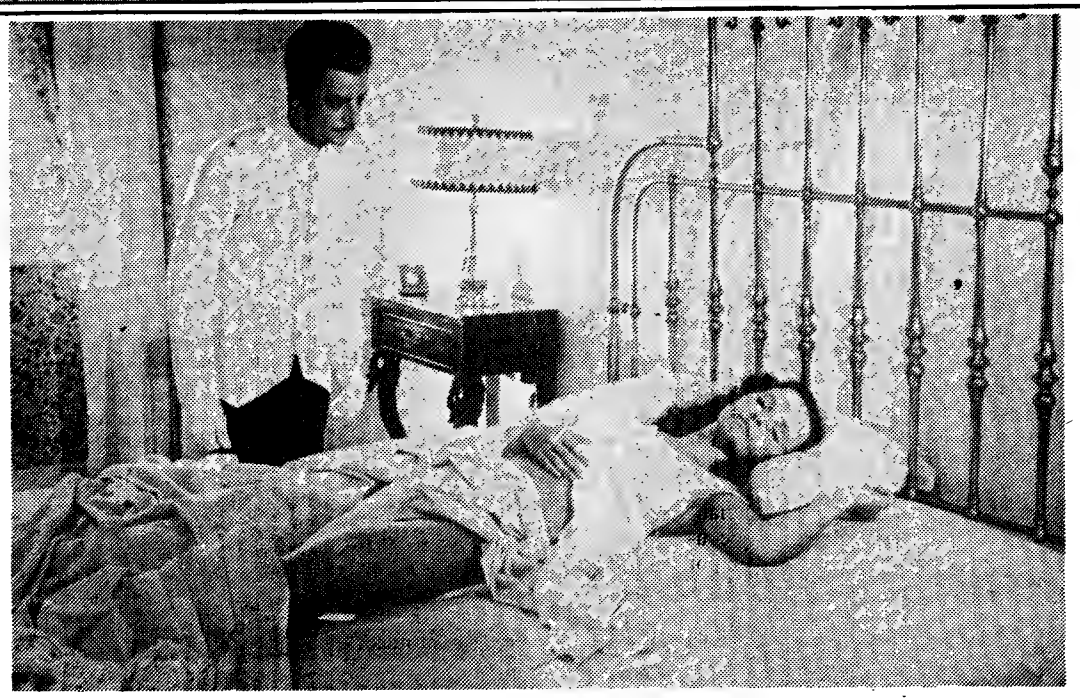
● O **Grupo Sétima Posição** apresenta esta noite mais um espectáculo de dança, pelas 21.45 horas, no Teatro Municipal Maria Matos.

Exposições

● Até ao dia 16 ainda pode ver as exposições de **Luís Pinto Coelho** e do arquitecto **Júlio Gil,** no Casino Estoril, das 15 às 24 horas. O primeiro destes autores apresenta-se com tapeçaria, pintura, fotografia, cerâmica e serigrafia. Júlio Gil mostra ao público os originais das ilustrações da obra «Tesouros da Literatura Popular Portuguesa».

● Encerra hoje a exposição designada «**Da Arte à Escola/da Escola à Arte-III**», na Escola Secundária da Baixa da Banheira. Das 9 às 12.30 horas e das 14 às 17 horas podem ser vistas obras de Agostinho Nogueira Lopes, Álvaro Espadanol, António Matos, Jorge Caseirão, Pedro Portugal e Sílvia Carmo alunos da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa.

DL CINEMAS



Uma cena do filme «Sexo Louco».
Realização de DINO RISI, com LAURA ANTONELLI e GIANCARLO GIANNINI.
Em exibição no Estúdio 444

Ⓟ

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

OS AMANTES DE MARIA
de Andrei Konchalovsky
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 2

BABY — O SEGREDO DA FLORESTA PERDIDA
(para maiores de 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.45 h

Alfa 3

JERRY, TU ÉS LOUCO
de Jerry Lewis
(para maiores de 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h
5.ª semana

Alfa Club

TERRA SANGRENTA
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 e 24 h

Apolo 70

— T. 763319

HOTEL NEW HAMPSHIRE
de Tony Richardson
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 e 24 h

Ávila

— T. 539930

O FIO DA NAVALHA
de John Byrum
(para maiores de 16 anos)
14.30, 17, 19.15 e 21.45 h

Avis

— T. 547163

INFIDELIDADES
(interd. men. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

OS AMANTES DE MARIA
de Andrei Konchalovsky
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Caleidoscópio

— T. 795093

NEM GUERRA, NEM PAZ
de Woody Allen
(não acons. men. 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Capitólio

— T. 372358

A SENHA DO GOZO
(para maiores de 18 anos)
15, 17, 19, 21 e 23 h

Castil

— T. 530194

A RAPARIGA DO TAMBOR
de George Roy Hill
(para maiores de 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cineblogo

— T. 556824

JOVENS SEM RUMO
de James Foley
(para maiores de 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
A SOMBRA ASSASSINA
(não acons. men. 18 anos)
24 h

Cine Camões

— T. 324194

UMA VIDA NA ESCURIDÃO
de Bhappi Sonie
(n. acons. men. de 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

RUAS SELVAGENS
de Daniel Steinmann
(para maiores de 18 anos)
14, 16.30 e 21.30 h

AVALANCHE
de Corey Allen
(n. ac. a men. de 18 anos)
24 h

Cinemateca

KUMATTY
de G. Aravindam
18.30 h

Cine Portela

— T. 2524761

Sala 1

TUDO PODE ACONTECER QUANDO UM POLÍCIA E UM LADRÃO DECIDEM COLABORAR POR... 48 H
(para maiores de 12 anos)
16 e 21.45 h

Sala 2

THE RILLING FIELDS — TERRA SANGRENTA
(para maiores de 12 anos)
15.30, 21.30 e 24 h

City Cine

— T. 549999

UM CADÁVER DE SOBREMESA
(não acons. men. 13 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Condes

— T. 322523

O EXTERMINADOR IMPLACÁVEL
de James Cameron
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

O EXTERMINADOR 2
(para maiores de 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

GENTE GIRA
(para maiores de 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

BREAKDANCE 2
15.30 e 18.30 h
Sáb., dom. e feriados, às 15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

SEXO LOUCO
de Dino Risi
(para maiores de 18 anos)
15, 17, 19, 21.30 e 24 h

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

NO REINO DE TARKA
(para maiores de 6 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Sala 2

SOLTEIROS... E TARADOS
de Neal Israel
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 3

O EXTERMINADOR IMPLACÁVEL
de James Cameron
(para maiores de 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Forum Picoas

— T. 541037

Auditório 1
ANA
de António Reis e Margarida Cordeiro
(para maiores de 12 anos)
19.30 h

Auditório 2
O PECADO MORA AO LADO
de Billy Wilder
(n. ac. a men. de 13 anos)
19 e 22 h

Gemini

— T. 734009

JOVENS SEM RUMO
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

A MULHER PÚBLICA
de Andrzej Zulawski
(para maiores de 18 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24 h

Sala 2

JOGOS DE AMOR
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império

— T. 555134

A FÚRIA DO HERÓI
(para maiores de 16 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

O EXTERMINADOR IMPLACÁVEL
de James Cameron
(para maiores de 16 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Sala 2

AMADEUS
de Milos Forman
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Londres

— T. 801313

AMADEUS
de Milos Forman
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Montecarlo

— T. 681117

VIVA A MÚSICA
(não acon. men. 16 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

BABY — O SEGREDO DA FLORESTA PERDIDA
de B. W. L. Norton
(para maiores de 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Nimas

— T. 574362

UM LUGAR NO CORAÇÃO
de Robert Benton
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

RELAÇÕES ESCALDANTES
(para maiores de 18 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Olímpia

— T. 325309

CONVULSÕES ERÓTICAS
(para maiores de 18 anos)
Sessões contínuas

Pathé

— T. 821933

CLASSE
c/ Jacqueline Bisset
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30 e 21.30 h
A GRANDE FESTA DO DISCO DANCE
(para maiores de 12 anos)
24 h

Politeama

— T. 326305

O GRANDE COMBATE
c/ Cheng Lung
(não acons. men. 13 anos)
às 14.15, 16.30, 19 e 21.30

Promotora

— T. 637180

A VERDADEIRA HISTÓRIA DE FRANKENSTEIN
(Interd. menores 13 anos)
15.15 e 21.30 h

Quarteto

— T. 771378

Sala 1

O BAILE
de Ettore Scola
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.15 h
1941, ANO LOUCO EM HOLLYWOOD
de Steven Spielberg
(para maiores de 18 anos)
23.30 h

Sala 2

O HOMEM QUE SABIA DE MAIS
de Alfred Hitchcock
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45 e 19

JOGOS DE GUERRA
Estreia
(maiores de 12 anos)
às 21.15 h

DO FUNDO DO CORAÇÃO
de Francis F. Copolla
(para maiores de 18 anos)
23.30 h

Sala 3

UM AMOR NA ALEMANHA
de Andrzej Wajda
(para maiores de 16 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h

Sala 4

TESTEMUNHA DE UM CRIME
de Brian de Palma
(para maiores de 18 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h

Quinteto

— T. 573407

2010 — O ANO DO CONTACTO
de Peter Hyams
(para maiores de 6 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

CARRIE
de Brian de Palma
(para maiores de 18 anos)
24 h

Restelo

— T. 610375

O CAÇA-POLÍCIAS
(para maiores de 12 anos)
15.30 e 21.30 h

Roma

— T. 889192

O EXTERMINADOR
(para maiores de 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

— T. 548560

PICANTE... MAS NÃO MUITO
de Sergio Martino
(n. ac. a men. de 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge

— T. 579144

Sala 1

BRAZIL
(para maiores de 16 anos)
15, 18 e 21.15 h

Sala 2

PASSAGEM PARA A ÍNDIA
de David Lean
(para maiores de 12 anos)
14.15, 17.45 e 21 h

Sala 3

ENCONTRO COM O AMOR
de Ulu Grosbard
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

7.ª Arte

— T. 730715

ASAS DA LIBERDADE
de Alan Parker
(para maiores de 18 anos)
14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

A RAPARIGA DO TAMBOR
de George Roy Hill
(para maiores de 16 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

TESTEMUNHA DE UM CRIME
de Brian de Palma
(para maiores de 18 anos)
13, 15, 17, 19 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

OS AMANTES DE MARIA
de Andrei Konchalovsky
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim

— T. 706666

TOP SECRET — ULTRA SECRETO
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Vox

— T. 880808

A ÚLTIMA VALSA
(não acons. men. 13 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Xenon

— T. 368480

RUAS SELVAGENS
de Daniel Steinmann
(para maiores de 18 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodíaco

— T. 570151

ONDE SE METEU A 7.ª COMPANHIA?
(para todos)

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio Lido — «Baby — O Segredo da Floresta Perdida», às 15.30 e 21.30 (maiores de 6 anos)
AMADORA — Cine-Teatro Lido — «Viva a Música», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
AMADORA — Cine Plaza — «Passagem para a Índia», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
AMADORA — Babilónia — «Os Amigos de Alex», às 15.15, 18.15 e 21.30 (maiores de 12 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «Espiões por Conta Própria», às 15 e 21.30 (maiores de 6 anos)
SINTRA — Carlos Manuel — «O Guerreiro Sagrado», às 21.30 (maiores de 12 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS — Stadium — «Francesca, um Amor Impossível», às 21.30 (não acons. men. 18 anos)
CARCAVELOS — Atlântida — «O Caça-Polícias», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
ESTORIL — Casino — «Encontro com o Amor», às 17 e 21.30 (maiores de 12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Fugitivos do Inferno», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
ALMADA — Incrível — «O Caça-Polícias», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos

Porto

ÁGUIA DE OURO — «Esquadrão da Vingança», às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 (maiores de 18 anos)
FOCO — «Os Amantes de Maria», às 14, 16.30 e 21.45 (maiores de 16 anos)
OLÍMPIA — «De Calcinhas Cor-de-Rosa», às 14.15, 16.30 e 21.00 (não acons. men. 18 anos)
PEDRO CEM — «A Amante do Tenente Francês», às 15, 18.30 e 21.30 (não acons. menores 13 anos)
SÃO JOÃO — «Christiane F.», às 15.30 e 21 (maiores de 18 anos)
TRINDADE — «História do Soldado», às 15.30, 18 e 21.45 h (maiores de 12 anos)

SE
estiver cansado
procure boiar
e não hesite
em pedir socorro

CML

"não deite papeis no chão"

Farmácias

Lisboa

PERMANENTE

ALVALADE: Líbia, Av. da Igreja, 4-B-C (T. 891681); **ARCO DO CEGO - ESTEFÂNIA: Delio** Rua Açores 32-34 (T. 572388); **AVENIDAS NOVAS — AV. JOÃO CRISÓSTOMO: Cosmos**, Av. João Crisóstomo, 44-C (T. 40592); **BAIRRO DE CHELAS: Serejo**, zona J, lote 531, loja B (T. 852611); **BENFICA - SANTA CRUZ: Lavinha**, R. Eng. Paulo de Barros, 28-A (T. 708242); **CAIS DO SODRÉ: Africana**, R. Bernardino Costa, 43-45 (T. 369120); **CALVÁRIO: Monge**, R. dos Lusíadas, 30-32 (T. 636704); **ENCARNAÇÃO: Zira**, P. das Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **JARDIM DOS ANJOS: Confiança**, Av. Almirante Reis, 46-A (T. 821653); **LAPA: Paiva da Costa**, R. da Lapa, 105-107 (T. 664414); **LUMIAR: Central do Lumiar**, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 758063); **RATO: Cunha**, R. da Escola Politécnica, 18 (T. 325455); **ODIVELAS: Central de Odivelas**, Al. Infante D. Henfique, 1 (T. 9811203); **PONTINHA: Pimentel**, Az. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328).

REFORÇO

AJUDA: Moura, T. da Memória, 55 (T. 630944); **AREEIRO: Garantia**, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A-B (T. 887300); **CAMPO DE OURIQUE: Linaida**, R. Ferreira Borges, 30 (T. 660955); **CAMPOLIDE -BAIRRO DA LIBERDADE: Salutar**, R. B, 75-A-B, Bairro da Liberdade (T. 533411); **GRAÇA: Morão**, L. da Graça, 63 (T. 860700); **JARDIM ZOOLÓGICO: Alegria**, E. de Benfica, 180-A-B (T. 780511);**PAMPULHA - JANELAS VERDES: Lealdade**, R. do Olival, 226-228 (T. 663441); **PRAÇA DA ALEGRIA: Brites Moita**, P. da Alegria, 33-34; **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SALDANHA: Dalva**, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 545225); **XABREGAS: Salter**, R. de Xabregas, 63-65 (T. 381185); **BRANDOA - AMADORA: Correia**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda

ALMADA: Silva Júnior, Av. 25 de Abril, 9 (T. 2768030). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Rainha Santa**, R. Sociedade Fua Piedense, 50-A (T. 2299182). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Baptista Marques**, R. da Boa Vontade, 17-B (T. 2298572). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Piçarra**, Av. do Bocage, 65-A (T. 2074771). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Cardoso**, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino**. Até às 19 horas; **AMORA: Nobre Guerreiro**, R. Dr. Emídio C. Mendes, 314 (T. 2212923). Até às 22 horas; **TORRE DA MARINHA: Alves Velho**, L. de Camões, 27 (T. 221132). Até às 22 horas; **MONTIJO: União Mutualista**, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Louro**, R. Frei António das Chagas (T. 24491). Permanente; **Soromenho**, R. Machado dos Santos, 24 (T. 22691). Permanente; **Portugal**, R. Camilo Castelo Branco (T. 23211). Até às 22 horas.

Linha de Cascais

ALGÉS: Combatentes, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 166 (T. 2104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Moderna**, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 2191235). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE; Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Até às 22 horas; **OEIRAS: Central**, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Permanente; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. A. Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Mendes Junqueiro**, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **SÃO PEDRO DO ESTORIL: São Pedro**, R. 9 de Abril (T. 2683052). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE; Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326), Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Lopes**, R. Hangar, 3 (T. 260008). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cordeiro**, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Melo, P. D. João I, 9-B (T. 932756). Permanente; **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25 (T. 932210). Até às 22 horas; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523). Permanente; **QUELUZ: Serra e Pinto**, Av. D. António C. Sá, 50-GE (T. 957619). Até às 22 horas; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 251872). Até às 19 horas; **CACÉM: Silva Duarte**, R. Elias Garcia, 167 (T. 9248120). Permanente; **MEM MARTINS: Miranda Garcia**, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A T(. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Araújo**. Até às 22 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Vila (T. 9231070). Permanente; **COLARES, Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias

MOSCAVIDE: Santa Bárbara, R. Francisco M. Beato, 75-A (T. 2518918). Permanente; **SACAVÉM: Lourenço**, Av. Almirante Reis, 31C (T. 2518151). Até às 22 horas; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 2531240). Permanente.

Coimbra

CENTRAL, R. da Sofia, 19-21 (T. 22089); **SALVA SOARES**, R. Vasco da Gama, 44, Bairro Norton de Matos, (T. 711454); **DUARTE**, C. de Santa Isabel, 46 (T. 812413).

TEATROS

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — — Tel. 89 70 17

(De quarta a sábado, às 21.45).
«CONFERÊNCIA DE ALTO NÍVEL».

Teatro Nacional D. Maria II

Praça D. Pedro IV — Tel. 37 22 48

De terça a domingo às 18.30 e 20 h
Teatro na hora de ponta com a peça
«ELA NÃO SABIA SONHAR»
de Denise Chalem
encenação de Jacinto Ramos
com Fernanda Barasatti e São José Lapa

Sala Experimental

De 3.ª a sábado às 21.45

Sábados e domingos às 16.30
«A PAIXÃO DE MESTRE AFONSO DOMINGUES»
de António Patrício. Encenação de José Gil, com Mário Pereira, Lydia Teles, Lourdes Norberto e Carlos Duarte.

Ocarina

Trav. do Poço da Cidade (ao Bairro Alto) — Tel. 37 29 99

(Às segundas, quartas, sextas e domingos, às 19.00).

«O PARAÍSO NÃO ESTÁ À VISTA», de R. W. Fassbinder, pelo **GRUPO DE TEATRO MAIZUM.**

Teatro Maria Vitória

Parque Mayer — Tel. 37 17 40

(De terça a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00, 20.30 e 22.45).
«NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO!», de Mário Zambujal, Henrique Santana e Francisco Nicholson.

Teatro da Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 32 00

(De terça a sábado, às 21.30.)

«A NOITE DAS TRÍBADES», de Per Olov Enqvist. Encenação de Fernanda Lapa. Cenários e figurinos de Jasmim com Françoise Ariel, António Capeto, Alexandre Sousa e Margarida Carpinteiro.

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

(De 2.ª a domingo, às 21.45. Sábados e domingos, às 21.45 e 16.00).
«FININHO MAS JEITOSINHO». Original de João Bettencour. Versão portuguesa de César Oliveira e Raul Solnado. Com Carlos Miguel, Simone de Oliveira e Filipe Ferrer. **(12 anos).**

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86

(De terça a sábado às 21.30. Domingos às 16.00).
«O BEIJO DA MULHER ARANHA».

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Cascais, 14 (ao Bairro Alto) — Tel. 66 15 15/66 92 05

(De terça a sábado, às 21.00; domingos às 16.00.)

«RICARDO III», de Shakespeare.

Teatro Infantil de Lisboa

R. Leão Oliveira — Tel. 63 99 74

(Todos os sábados, domingos e feriados, às 16.00).
«GRAÇAS E DESGRAÇAS NA CORTE D'EL-REI TADINHO».

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

(De terça a sexta, às 21.45; sábados, domingos e feriados, às 16.00 e 21.45).
«BOEING! BOEING!», de Marc Camoletti. Adapt.: César de Oliveira e Raul Solnado.

Teatro do Século

R. Século 41

De terça a sábado às 21.30

«ARTIMANHAS DE SCAPIN» de MOLIÉRE. Encenação de Rogério Carvalho. Cenografia de José Manuel Castanheira. Figurinos de Michel Ribó.

Teatro do Nosso Tempo

R. José Fontana — Tel. 57 40 37

(Às quintas, sextas e sábados, às 21.45).
«CANDIDATURA ZERO», interpretada por Adélia Loureiro, António Vasco, Elisa Lisboa e Maria José Pascoal.

Comuna

Av. Calouste Gulbenkian — Tel. 720818

(Quintas, sextas e sábados, às 21.15. Domingos, às 17)
«QUATRO PARA QUATRO»

(Sábados e Domingos, ás 15.00)
«HISTÓRIA DE UMA COZINHA»

Teatro da Graça

Trav. de S. Vicente (à Voz do Operário) — — Tel. 87 56 26

(De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00 e 21.30)

«TODOS OS CÓMICOS ACABAM COM UMA CANÇÃO» de Catherine Hayes. Encenação: Carlos Fernando. Interpretação: Anna Paula, Carlos Fernando e Teresa Madruga. Grupo **TEATRO HOJE.**

A Barraca

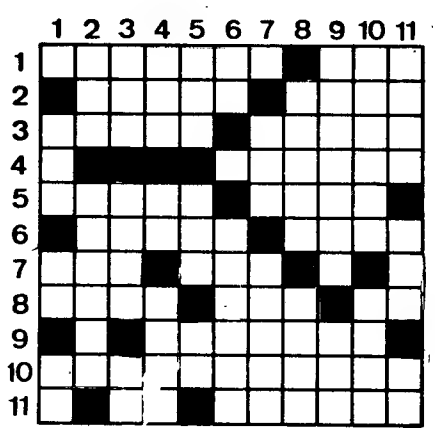
R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00
(Sábados e domingos, às 11.00)

«O CAMINHO DO COMBOIO». Criação colectiva de Celina Afonso, Eurico Pires e Victor Pi. Grupo **Fio d'Água.**

Ultimas sessões com este espectáculo para crianças.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14 454



HORIZONTAIS:

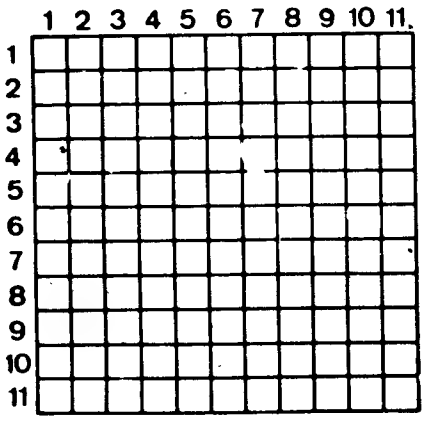
1 Pessoa que habita ou come em hospedaria, pensão, hotel ou restaurante. Preposição.
2 Moeda de cinco reis (ant). Rei dos mariandinos que deu hospitalidade aos argonautas.
3 Arquipélago dos Navegadores. Remedias.
4 Desvia.
5 Ampla. Penúria (pop).
6 Tornar a atar. Nome de flor.
7 Rio da Suíça. Freguesia do concelho de Alenquer.
8 Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria. Fruto da ateira. O mesmo que uma (ant. e pop).
9 Desvairadas.
10 Avocaremos.
11 O mais. Móvel sobre o qual se come.

VERTICAIS:

1 Nome de astro. Preposição e artigo. Ouro (s.q).
2 O mesmo que opa. Equipas.
3 Preposição. Raera. Apelido.
4 O sustento. Gálio (s.q). Nome de homem.
5 Letra grega. Prendo. Prefixo de negação.
6 Concede. Prenderia.
7 Catedrais. Prender.
8 Labor. Pato-bravo.
9 Descarados. Estime.
10 Escavaras. Costumes.
11 Espécie de corça corpulenta da América. Nome de mulher. Sadia.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 294



HORIZONTAIS:

1 Palácio do sultão de Constantinopla junto do Bósforo e do mar de Mármara. Amónio (s.q).
2 Bradara. Cidade de Itália.
3 Rio da Sibéria. Moedas de prata da ex-Índia Portuguesa.
4 Cidade do Japão. Batráquio. O sono das crianças.
5 Rebentarias.
6 Boro (s.q). Becas.
7 Pessoa muito parecida com outra. Antiga capital da Birmânia.
8 Era cristã. Lavrar. Zombar.
9 O mesmo que até. Verseja. Naquele lugar.
10 Autores. Pronome pessoal. Preposição e artigo.
11 Abreviatura de Santíssimo Sacramento. Sadios.

VERTICAIS:

1 Rei fabuloso do Egipto que teria vivido por 700 (aC). Terceiro filho de Adão e Eva.
2 Rumores. Cratera.
3 De Roma.
4 Rádio (s.q). Aqui. Palmeiras da Amazónia.
5 Induzirias.
6 Primeira das duas sílabas que são cada lado de uma folha de papel. Cobalto (s.q). Amónio (s.q).
7 Cravaram.
8 Preparara com ópio. Pertences.
9 Seguia. Rio de França.
10 Esmonca. Plebeu (fig).
11 Miriare. Lugares onde se guardam ossos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 453

HORIZONTAIS:

1 QUEM. ACABA.
2 Urraca. Ca. Soba.
3 Era. Ota. Irá.
4 Dó. Oval. Ais.
5 Isara. Ia.
6 Pã. Marcha.
7 Artur. Ra.
8 Ânia. Atino.
9 Hopo. Asta!
10 Uva. Acostai.
11 Aire. Pó. Aro.

VERTICAIS:

1 Quediva. SUA.
2 Urros. Vi.
3 Era. Apanhar.
4 Ma. Orário.
5 COVA. TAPA.
6 Âatá. Mu. Oco.
7 Aliara. Op.
8 Ás. Ar. Tas!
9 Boia. Crista.
10 Abrilhantar.
11 Aas. Oaio.

PROVÉRBIO: Quem acaba, sua cova tapa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 293

HORIZONTAIS:

1 Lailo. Rumor.
2 Em. Errar. Re.
3 Io. Rã. Ta! És.
4 Riu. Ria. Mat.
5 Arno. Ar. Aro.
6 Saíra. Arcas.
7 Sado. Aas.
8 Errai.
9 Abano. Avisa.
10 Roma. Traíra.
11 AMora. Ias.

VERTICAIS:

1 Leiras. Pará.
2 Amoiras. Bom.
3 Unia. Amo.
4 Ler. Ordenar.
5 Orar. Aoro.
6 Ia.
7 Ratara. Aaro.
8 Ura. Raiva.
9 Maçã. III.
10 Orearas. Sra.
11 Restos. Caãs.

Rádio

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; **17.00**: Informação regional; **17.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Música portuguesa; **20.15**: Automobilismo; **21.00**: Movimento; **21.30**: Livre e directo; **23.30**: Último jornal. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; **16.37**: Solos de viola dedilhada; **16.45**: Árias de óperas; **17.00**: Ciclo Beethoven; **17.30**: Música de todos os quadrantes; **18.00**: Poesia; **18.05**: Música vocal; **18.40**: Músida de tecla, de Scheidt; **18.58**: Música, de Chopin; **19.30**: Cancioneiro popular português; **20.00**: Ciclo barroco; **20.40**: Antologia dos músicos portugueses; **21.30**: Dicionário sonoro do teatro; **22.30**: Música de viola dedilhada; **23.00**: «A Canção da Terra», de Mahler; **00.10**: Sonatas; **01.00**: Fecho. Noticários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Tarde à portuguesa; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**: Automóvel Clube de Portugal; **20.00**: Conta corrente; **21.00**: Espaço Informação; **21.30**: Quando o telefone toca; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Porgramas religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: Passatempo; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Pé de vento; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Musonautas. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Meia-tarde; **16.00**: Rua Capelo; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Memorando; **20.00**: Programa da LARR; **20.30**: Do dia para a noite; **21.00**: Horizonte; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Diário do desporto; **23.00**: Clube dos coleccionadores; **24.00**: Sessão da meia-noite; **02.00**: Estação de serviço.

FM-Estéreo

15.00: Estaminé do ritmo; **16.00**: A cor do som; **18.00**: Entrecampos; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **21.00**: Vista alegre; **22.00**: Oceano Pacífico; **24.00**: Último metro; **02.00**: Estação de serviço. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP 1

18.00 «Tempo dos mais Novos»
— Animação, com «A Magia de Disney»: Walt Disney e os seus numerosos e qualificados desenhadores elevaram o desenho animado norte-americano a um nível de qualidade insuperável. Serão exibidos os filmes «Louco por Aviões», o primeiro filme de Mickey Mouse e «Flores e Árvores», o primeiro filme colorido de Walt Disney.

18.35 «Notícias»
Breve resumo noticioso.

18.50 «Sobre os Rios que vão»
Primeiro programa.

19.20 «O Museu do Hermitage»
Durante muito tempo, o Hermitage estava integrado no Palácio de Inverno de Leninegrado e era tido como propriedade da família imperial. Só mais tarde, nos princípios do século XIX, é que começou a adquirir características de Museu.

19.45 «Boletim Meteorológico para a Agricultura»

20.00 «Telejornal»
Notícias do país e do estrangeiro pela bitola da RTP.

20.28 «Boletim Meteorológico»
Informação fornecida pelo Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

20.35 «A Sucessora»
Marina recorda-se de diálogos que teve com Roberto e Juliana sobre Olívia. Está desconfiada de que ela e Alice foram traídas por Roberto. Ela apanha um susto com a chegada de Roberto à saleta e acompanha-o até à piscina colocando a foto dentro de um livro na estante. Miguel conta a Guilhermina e Luiza que foi convidado a candidatar-se a deputado. E elas ficam felizes. Marina diz a Adélia que não confia em ninguém naquela casa, nem mesmo no seu marido, pois querem que ela morra e talvez estejam envenenando a sua comida. Isabel pede a Adélia que vá com ela à Igreja da Glória para marcar a data de seu casamento. Ao saber, por António, que Roberto foi com Juliana a casa de Olívia, Marina manda preparar o carro e sai de casa.

Derradeira oportunidade para ver o detective Columbo na RTP-1

«A Sucessora»: mais um episódio

21.10 «Columbo»
Último Episódio: no ambiente do Cinema e Televisão, um produtor vê-se ameaçado com a suspensão dos seus filmes, devido ao pouco êxito obtido. E para ele, especializado em filmes policiais, o melhor meio de manter o seu programa é um assassínio.

22.55 «Brigada Victor Jara»
Programa musical gravado na Aula Magna da Universidade de Lisboa, comemorando o 10.º aniversário da fundação deste grupo musical.

00.00 «Último Jornal»

Será mesmo hoje que veremos o espectráculo da Brigada Victor Jara?

RTP 2

19.30 «Desenhos Animados»
Os Filhos da Pantera Cor-de-Rosa.

20.00 «Recordações»
Primeiro episódio: a morte repentina de Harrison Sturgess leva a família a procurar ajuda junto do excêntrico Edgar e do austero James. Clara, viúva de Harrison, os seus filhos Clement e a Mãe Sturgess vão, cada um deles enfrentar a morte à sua maneira, enquanto Edgar se enamora da criada da família. Intérpretes: Ruth Springford, Gerad Parkes, Alan Scarfe, Gordon Pinsent, Janet Amos, Mark Polley, Kate Parr, Dixie Seatle. Produtor e realizador: Herb Roland.

21.00 «Directo/2»
«Turismo de Verão»

22.30 «Jornal da Noite»

AMANHÃ

RTP-1

11.00 «Tempo dos Mais Novos»
13.05 «Jornalinho»
14.10 «O Pai Murphy»
15.00 «Revista de Touros»
15.30 «O Homem e a Terra»
16.05 «12.º Prémio de Lausane»
17.00 «História das Invenções»
18.05 «A Semana que Vem»
19.10 «Aquele Bar»
19.45 «Totoloto»
20.35 «Concurso 1, 2, 3»
23.30 «Última Sessão — Holocausto 2000»

RTP-2

18.00 «Troféu»
20.00 «Animação»
20.25 «The Black Stuff»
21.20 «O Renascimento»

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES SOS
A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VIDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 — 89 98 26
Av. S João de Deus 13B ● R de Macau 8-1 LISBOA

SE QUER BEBER, O PROBLEMA É SEU
Se quer parar de beber o problema é nosso.
Venha falar connosco, venha a uma reunião dos
ALCOÓLICOS ANÓNIMOS
2.as 4.as 6.as às 19 horas
Trav. do Corpo Santo, 32

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...
RTP 1 — 22.55 «Brigada Victor Jara»
RTP 2 — 21.00 «Directo/2»

20.35 «A Sucessora»
Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

PORTE PAGO

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54/5 — 32 02 71/2/3 Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro: 32 11 54 Redacção: 32 02 71/2/3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte, 115-1.° — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84
Preço do "DL" na Madeira 50$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Fundador Joaquim Manso — Director A. Ruella Ramos — Director adjunto Fernando Piteira Santos

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
00.10	**3,40 m**	05.59	**1,50 m**
12.37	**3,40 m**	18.22	**1,50 m**
Dia 15			
00.57	**3,40 m**	06.38	**1,40 m**
13.20	**3,50 m**	19.01	**1,30 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	11º
VIANA DO CASTELO	13º
VILA REAL	9º
PORTO	14º
COIMBRA	13º
CABO CARVOEIRO	17º
PORTALEGRE	12º
LISBOA	17º
ÉVORA	14º
BEJA	14º
FARO	16º
SAGRES	15º
PONTA DELGADA	14º
FUNCHAL	18º

PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ

Céu pouco nublado apresentando-se muito nublado durante a manhã na faixa costeira Ocidental. Vento fraco do Quadrante Oeste. Nebulina durante a madrugada e manhã.

Cooperação europeia debatida por Craxi e Miterrand

O primeiro-ministro italiano, Bettino Craxi, e o presidente francês, François Mitterrand, reuniram-se, ontem, em Florença, para analisar a cooperação europeia e a próxima cimeira da CEE. Os dois dirigentes conferenciaram em privado, enquanto os seus ministros da Defesa, dos Negócios Estrangeiros, e outros, se encontravam com os seus homólogos no Palácio Pitti, residência da família Medici na época do Renascimento.

Um colaborador de Craxi, que pediu o anonimato, disse que o primeiro-ministro italiano iria «pressionar bastante» para um tratado de cooperação europeia que ajude a reduzir o desemprego e a inflacção e a lançar empreendimentos conjuntos económicos, tecnológicos, sociais e mesmo políticos. o mesmo assessor acrescentou que a posição francesa a este respeito está entre o apoio italiano à iniciativa e a oposição de outros membros da Comunidade Económica Europeia.

Craxi e Mitterrand e os seus ministros voltarão a reunir-se, hoje, após o que darão, à tarde, uma conferência de Imprensa conjunta.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º PRÉMIO — 59 443 — 54 000 CONTOS
2.º PRÉMIO — 39 718 — 12 000 CONTOS
3.º PRÉMIO — 57 098 — 6 000 CONTOS

O 3.º prémio foi vendido aos balcões da Casa da Sorte

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA - BRAGA - PORTO - AVEIRO - COIMBRA - SETÚBAL - FARO

Lotaria Nacional

INFORMAÇÃO

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

A LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS
59443 — 54.000.000$00
39718 — 12.000.000$00
57098 — 6.000.000$00

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO
59442 — 569.400$00
59444 — 569.400$00

PRÉMIOS DE 180 CONTOS
[illegible]

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

30.000$00 — 098, 443 e 718
24.000$00 — 124, 235, 366, 402, 452, 630, 678, 727, 910 e 985
9.000$00 — 19, 57, 68 e 85
4.800$00 — (terminação) 3

PRÉMIOS DE 12.000$00 (CENTENAS)
39 701 a 39 800, 57 001 a 57 100 e 59 401 a 59 500

NOTA: O direito aos prémios prescreve em 16/12/85

ESTA INFORMAÇÃO NÃO CONTEMPLA A ACUMULAÇÃO DE PRÉMIOS, NEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL

Lisboa, 14/6/85

A Casa Viola aconselha: Jogue na Lotaria. É mais fácil, tem mais hipóteses e pagamos qualquer prémio no próprio dia.

CASA VIOLA — "A SORTE QUE TOCA"

LISBOA — BRAGA — ESTORIL — VISEU

/D/E/C/A/R/A/S/

DESMOND TUTU, o vencedor do Prémio Nobel da Paz, e mais 13 militantes anti-«apartheid» figuram numa lista de raptos que se encontra na posse de um esquadrão de trinta negros pagos por brancos. A informação foi tornada pública durante uma conferência de Imprensa realizada em Joanesburgo e na qual se adiantou que os que figuram na lista são supostos desaparecer à média de quatro por dia a partir de quarta-feira passada até domingo, o aniversário dos incidentes do Soweto em 1976. Na conferência, organizada pela Frente Democrática Unida, o reverendo Frank Chicane adiantou ser provável que o esquadrão capturasse Tutu e outros reféns para fazer exigências internacionais.

ADOLF HITLER continua a integrar a lista dos cidadãos de honra do Estado da Renânia-Vestefália. A decisão foi tomada pela maioria dos deputados regionais do Partido Democrata-Cristão alemão-federal (CDU) que ontem votaram contra a proposta dos deputados sociais-democratas do SPD, os quais pretendiam que aquele título fosse retirado a Hitler. Adolf Hitler foi nomeado cidadão honorífico de Zulpich, uma localidade com cerca de 17 mil habitantes, há cinquenta e dois anos.

FRANK SINATRA é o protagonista de uma série de banda desenhada — Donesbury — que resolveu dedicar a sua atenção às relações do cantor com a Mafia. Donesbury é uma das bandas desenhadas mais populares nos Estados Unidos, mas a sua nova série desencadeou um escândalo político e jornalístico. Com efeito, alguns dos 835 jornais assinantes daquela BD recusaram-se a publicar a parte respeitante a Sinatra por «razões legais e éticas». No «filete» de segunda-feira, publicado no «Washington Post», entre outros, aparecia a «voz do presidente Reagan», na Casa Branca, a conceder a medalha da liberdade a Sinatra «pelo seu amor ao país e pela sua generosidade com os menos afortunados». No último quadrado, via-se Sinatra rodeado por membros da família mafiosa Gambino...

JOÃO CABRAL MELO NETO, o cônsul-geral do Brasil no Porto, manifestou-se «surpreendido» com a notícia da Imprensa brasileira sobre o seu pedido de demissão. Em declarações à ANOP, Melo Neto disse «não saber absolutamente nada, nem sequer a origem dessa notícia», que desmentiu «formal e categoricamente». A demissão do cônsul-geral do Brasil no Porto foi noticiada pelo diário brasileiro «O Globo». Melo Neto afirmou repetidas vezes que se trata de uma «mentira» e lembrou que foram criados dez consulados-gerais do Brasil de primeira classe, declarando não saber «porque é que esta mentira não é dirigida a qualquer um dos outros nove».

FIDELIS CABRAL D'ALMADA, ministro da Educação, Cultura e Desportos da Guiné-Bissau foi quarta-feira eleito membro do Conselho Executivo da UNESCO, tendo substituído, neste cargo, Mário Cabral que recentemente declarou que as suas funções, tanto a nível do partido como do governo, o impediam de seguir de perto as actividades da organização. Fidelis Cabral D'Almada, de 56 asnos, foi eleito por unanimidade pelos membros presentes do Conselho Executivo, que conta com 50 delegados, representando 160 Estdos membros da UNESCO. Licenciado em Direito e titular de um diploma de jornalismo, Fidelis Cabral é membro suplente do «bureau» político do PAIGC.

AMÂNDIO DE AZEVEDO, ministro do Trabalho demissionário, acusou ontem o PS de falta de coragem para alterar as leis laborais, ao discursar na inauguração de um centro de férias do INATEL na estância termal de Luso. Amândio de Azevedo afirmou que por esse motivo não lhe foi possível consolidar a política de trabalho que guiara para o seu ministério. O ministro demissionário falava perante a equipa dirigente do Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos trabalhadores. À cerimónia assistiram também o governador civil de Aveiro, o presidente da Câmara da Mealhada e o bispo de Coimbra, que procedeu à benção das instalações.

Cancro intestinal é hereditário

Os pólipos intestinais, um dos causadores do cancro do cólon, são hereditários, pelo que a doença mortal que provocam também o poderá ser, revelaram quarta-feira investigadores norte-americanos.

Os resultados do estudo, realizado por peritos da Universidade estadual do Utah, serão úteis para reduzir os índices de cancro do cólon e do recto, os dois tipos desta doença mais comuns entre a população dos Estados Unidos.

A investigação demonstrou que 25 por cento de todos os casos analisados, cujos familiares padeciam de cancro do cólon, tinham pólipos.

O trabalho, publicado no último número do "New England Journal of Medicine", indica que existe um tipo de pólipos que tende, geralmente, a degenerar em cancro: os adenomatous.

Literatura infantil em Oliveira de Azemeis

Com a presença de Manuela Eanes; efectua-se esta tarde na Escola Secundária de Oliveira de Azeméis uma sessão solene para entrega dos prémios aos vencedores do concurso de literatura juvenil «Ferreira de Castro», com o qual se presta homenagem à memória do grande romancista.

Nos próximos dois dias, estarão patentes exposições de filatelia, pintura, trabalhos de alunos e obras do escritor. Hoje, antes da sessão solene, houve um almoço com a participação de alunos, professores, funcionários da Escola, e convidados, além de uma palestra a cargo de um elemento da secção portuguesa da Amnistia Internacional. A terminar, realiza-se um concerto.

Demis Roussos "desviado"

O cantor grego Demis Roussos encontra-se a bordo do avião da companhia norte-americana TWA que hoje foi desviado para Beirute — revelou uma editora discográfica em Roma.

Demis Roussos, que hoje completa 40 anos, deveria comparecer hoje num Festival de Música Popular em Siena (Itália) e partir para Londres no sábado.

Diário de Lisboa

LER ESCREVER

Suplemento literário

N.º 208 14 de Junho de 1985

Pescador à linha

Luis Veiga Leitão

FRANZ KAFKA e a poesia — Segundo Gustav Jalouch, autor do livro «Conversações», 1961, e na tradução de um artigo de Elviro Rocha Gomes: «E o poeta . . .?» — teria perguntado Jalouch. «O poeta — responde Kafka — não é bem aquele homem maravilhoso cujos pés se encontram na terra enquanto a cabeça vagueia pelas nuvens. Isso é naturalmente uma imagem bastante habitual no campo imaginativo das pequenas convenções burguesas. É uma ilusão de desejos ocultos que nada tem a ver com a realidade. Na verdade, o poeta é sempre muito mais pequeno e mais fraco que a média social. Ele sente por isso o peso da existência terrestre muito mais intensamente que os outros homens. O seu canto é para ele, pessoalmente, um grito. A arte é para o artista uma dor através da qual se liberta para uma nova dor.»

Perguntaram a um poeta que viajava no comboio «Sete Colinas» o que era o Amor. Depois de o ter visto, por acaso, no desbobinar da paisagem, respondeu: «Um ninho de garça sobre um poste de alta tensão». E logo acrescentou que os grandes amores vivem na iminência de perigos maiores.

Continua na pág. 2

Os trevos

Ana Paula Portugal

ELA buscava uma reciprocidade afectiva — e tão empenhada estava nisso que até as próprias palavras eram delicados gestos . . .

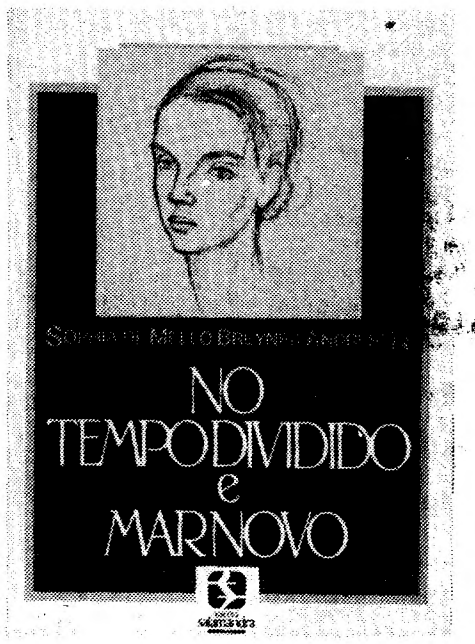
«Apanho-te ou não uma destas minúsculas flores?» — interrogava-se Luísa com o lhar disperso, pelas flora envolvente. Era uma paisagem com água a deslizar, cascatas de espuma branca, espaço luminoso, aves em chilreio. Ambas por ali se passeavam como se dessem passos num tempo fora do tempo. Que sensação!

— Virás a ser uma excelente

Continua na pág. 2

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

No tempo dividido e mar novo



Soneto de Eurydice

Eurydice perdida que no cheiro
E nas vozes do mar procura Orpheu:
Ausência que povoa terra e céu
E cobre de silêncio o mundo inteiro.

Assim bebi manhãs de nevoeiro
E deixei de estar viva e de ser eu
Em procura de um rosto que eram o meu
O meu rosto secreto e verdadeiro.

Porém nem nas marés, nem na miragem
Eu te encontrei. Erguia-se somente
O rosto liso e puro da paisagem.

E devagar tornei-me transparente
Como morte nascida à tua imagem
E no mundo perdida esterilmente.

Ilustração de Arpad Szenes

Diário de Lisboa
LER ESCREVER

Nota por escrito

«O menos que se pode dizer de vários prémios literários que por aí vigoram é que são altamente meritórios. Todos sabemos porquê: porque permitem que saiam da gaveta muitos originais que estariam condenados a lá ficarem sabe-se lá por quanto tempo. E nestes tempos em que se metem na gaveta tantas coisas, pena é que também as obras literários tenham esse destino...

Mas... será que muitos desses prémios tiram mesmo os versos, os contos, a literatura infantil do engavetismo? Infelizmente não, infelizmente não...

Há por aí muitos galardões de prestígio que se resumem à «massa» que dão. Os moços concorrem, alguns consagrados concorrem, recebem umas boas dezenas de contos que lhes fazem, é certo, bem bom jeito — a vida está mesmo má, caramba! — mas os livros não são editados, continuam tão ignorados como antes, ou pior do que antes, pois agora o silêncio custa mais. Estou em crer que, arrastando com todas as dificuldades, os autores prefeririam como prémio a edição da obra...

Quando a contrariedade prejudica a literatura infantil, pesa mais. Repitamos com o poeta: «Mas as crianças, Senhor...»

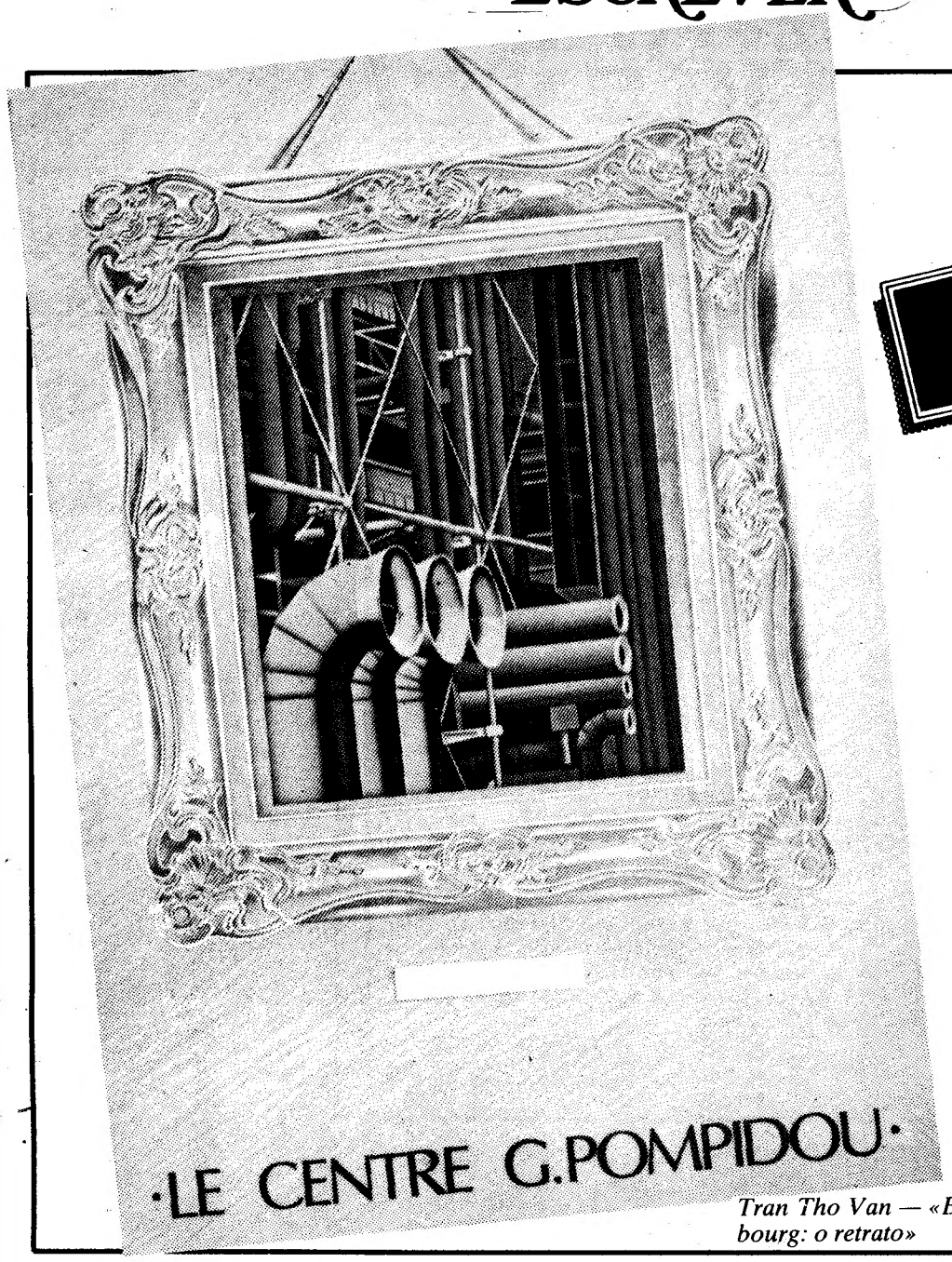
Há dias, em encontro com o escritor António Mota, perguntei-lhe pelo destino do seu **O rapaz do Loredo,** em tempos premiado na Associação Portuguesa de Escritores. Vim a saber que lá continuava na gaveta. E no entanto os jornais falaram de António Mota, e houve entrevistas, e **O rapaz do Loredo** andou nas bocas do mundo. Em vão, pois nunca passou à letra de forma...

Em resumo, recordando António Aleixo, **entrega-se o fato ao dono e a miséria continua...**

Eu sei quanto uma edição envolve pesados encargos. Mas as entidades, que dão prémios é urgente que descubram um novo processo de premiar da melhor maneira: editando.

Tudo o que não é assim — é pouco.

M.C.



Tran Tho Van — «Beaubourg: o retrato»

PARIS PAS CHER (VIII)

Ram

Prenom Sa

Paris, 20 de Maio de 1984

Olá Jacinto,
para quem cultura é muito mais
como um dia me disse na redacção de «o ponto»

Vou de novo voltar a LISBONNE TRÈS CHERE. É o fim desta rubrica que não cumpriu exactamente o proposto.

Mas algo foi cumprido. De Paris para as páginas culturais avia-se em geral o luxo. Centro Pompidou para aqui, Centro Pompidou para ali, êxtases estéticos, orgasmos ersatz. Ora Pompidou evoca-me repressão, polvilhada quando muito de veleidades mundano-artísticas visando a associação de tal nome a um centro em cujo «hall» figura como testemunho a carranca do indivíduo fabricada por Vasarely.

Aliás, Centro Pompidou não faz parte do meu léxico. Se utilizei essa denominação é porque estou a escrever para Lisboa. Para mim, aquilo é Beaubourg. Mas um nome é apenas um nome. O Centro Pompidou podia chamar-se oficialmente Beaubourg que não seria por tão pouco que eu passaria a passar cartão à retrospectiva de (por exemplo) Bonnard ou à de Picasso (se fosse o caso). Lembrei-me de Picasso porque foi ele que disse: «Não gosto de Bonnard. Não quero ser tocado pelo que ele faz. [...] Ele obedece à natureza, não a transcende. [...] A meu ver, que ele tenha um pouco mais de sensibilidade que um outro só é um defeito suplementar.»

Não se trata sequer de concordar com Picasso ou de opor-me às romarias que visitam Bonnard. Borrifo-me. Mas entre Ali e o rei do seu país, sou por Ali e contra o rei. Por isso escrevi a Ali. De Paris, para esta página, escrevi de Ali. Sem me importar com o facto de Ali não ser considerado matéria cultural, sem me importar como facto de a repressão de que ele é vítima não ser parisiense. Foi em Paris que eu tive conhecimento dessa repressão: Através dos jornais e da televisão franceses.

Quer dizer que não é por Beaubourg se chamar Centro Pompidou que eu não me ocupo dele.

Há outra razão. Há sempre outra razão. Se — como Groucho — preferi o lixo ao luxo, é porque sei que não poderia ser honesto «compte-rendeur» da «grande mentira» cultural. Grande mentira entre aspas porque se trata da citação de um artigo publicado num Film Culture do princípio dos anos 60. E não poderia ser um honesto «compte-rendeur» porque estou-me realmente (de realeza) nas tintas para tudo o que o meu sexto sentido me diz não me servir para o que quero fazer. Não me interessa o funcionarismo crítico, informar por obrigação, manter disciplinadamente em dia a agenda do que sai, recomendar o que é «***** imprescindível» (?) ver, o que é «**** importante» (?) ver, o que é «*** sim» (?) para ver, o que é «** talvez» (?) para ver, o que é para «* não» (?) ver, o que é para inglês ver.

Dos acontecimentos chamados culturais só me inte-

Os trevos

Continuação da pág. 1

actriz — afirmava Lena, um sorriso no rosto macilento.

— Talvez... — respondia Luísa, o corpo em pequenos saltos pelo solo que iam pisando.

— É melhor eu ir à tua frente. O rio tudo alaga e... — sugeriu Lena segura do seu convívio com o campo. E deslizou através da erva, vergando maciamente os caules.

—«Conseguirei eu oferecer-te uma destas flores?» — ia pensando Luísa, a sensibilidade rendida à natureza a que se entregavam. Os olhos presos ao amarelo das flores, ao verde das ervas, à transparência do rio Sabor...

— Gostaria de fazer amor nestas águas quando a Lua se desenhasse pela noite — disse, a cabeça rodando em direcção ao Sol. — Que luz! Que céu este, Lena!

«Sobe estas montanhas, não tenhas receio...» — cantou Lena ao notar o desejo de Luísa em penetrar os montes que ao longe as pareciam esperar.

— Um dia fá-lo-ei — respondeu Luísa.

E depois, num tom de voz mais baixo:

— Se me acompanhares...

Lena, exuberante, falava sobre a paisagem que as embriagava a ambas.

Luísa interrompeu-a:

— Os Cantábricos são femininos!

Depois, sentiu uma vontade louca de colher uma flor — e debruçou-se sobre pétalas e corolas.

— Sim? — perguntou Lena, um tom irónico na voz.

— Sim. Repara nas suas linhas... Tão insinuantes e suaves! Que sólida fragilidade! Dá-me sempre a impressão de que foram concebidos por um pederasta ou por uma Safo qualquer por aqui perdida... Por alguém intimamente ligado à matéria e que por isso mesmo os erotizasse, dando-lhe uma hibridez sexual perfeita — esclareceu Luísa o seu pensamento.

— Curioso! Não é que tens razão, Luísa? E só agora reparo nisso, só agora... É sempre assim: quando nos habituamos às coisas, perdemos a capacidade de as ver. E eis que tu, uma estrangeira nesta terra... — As suas palavras afogaram-se sob uma chuva repentina e um repentino granizo.

— Fabuloso isto, Lena! — maravilhou-se Luísa.

— Diacho! — lamentou-se Lena a abotoar o casaco de malha.

— Fugimos? — perguntou Luísa.

— Não! Aprecio a chuva... — disse Lena, o casaco roxo batido por fibras brancas.

— Não é que está a nevar?! Deus, Lena! Não te parece fabuloso que caia granizo e neve em Maio? — fascinou-se Luísa, as mãos abertas para as inesperadas partículas brancas.

E a gargalhar, desfazendo-se pelo mundo que a rodeava, lançou nos cabelos de Lena os trevos que havia um tempo conservava na sua boca.

— Ena, tantos! — disse Lena.

Tão poucos, Lena! — disse Luísa.

Pescador à linha

Continuação da pág. 1

Os Anjos Andam Nus, de Filomena Cabral. Além de outras faces (toda a obra literária, como objecto de arte, é um poliedro), há na escrita da autora um certo ritmo, musicalidade, afloramento poético que na ficção a tornam ímpar. Face relevante, a meu ver. Porque sem um grão de poesia não há criatividade que valha a pena. Daí, parafraseando o conceito «poundisano», pobre da escrita que se afasta muito da música. Por atrofia, morre.

Fernando Fernandes, jovem poeta do livro inédito «Asilo de Águas». Ouçamo-la: «Não esqueço a voz que persiste em dedos leves / Não esqueço que silêncio me deixa encostado aos outros imortais / Não é inútil nascer sobre as pedras / necessário é saber abrir o corpo para o lado mais sereno da terra.»

Ramiro S. Osório

Sahara

...duo ressa (eventualmente) falar dos que para mim são oxigénio ou anidrido carbónico. Quanto ao resto... é quase tudo.

Ao fim e ao cabo, não sou um mercenário da cultura. Ninguém me paga para entreter a manutenção da «grande mentira». Não sou bolseiro nem correspondente. O meu Paris não é o das ajudas de custo, não tenho casa, roupa lavada, nem mesa posta por nenhuma Gulbenkian. O meu Paris não é o dos tachões, nem o dos grandes arranjinhos, mas o dos pequenos.

Não posso dizer que leio o «Le Monde» ou o «Libé». O meu Paris é o dos jornais encontrados nos cestos dos papéis do metro. Paris está a arder, Paris está fogo. Leio os jornais que os outros deitam fora.

O meu Paris é o daqueles de que só vemos o último acto, nos teatros em que é possível passar-se misturado com os fumadores do intervalo, o Paris dos que conhecem toda as estações de metro em que é possível entrar sem bilhete, descendo as escadas rolantes que sobem, o Paris da comida bidimensional (presunto de Parma, chocolate suíço, salmão), facilmente escamoteável entre a camisola e a camisa. Tudo isto dá trabalho, faz perder muito tempo, cria outro ângulo de visão, é pois natural que os «compte-rendus» sejam outros. Nós frequentamos outra esfera. Por necessidade e, sobretudo, por gosto.

Para mim, Paris é acordar, levarmos o puto à escola, voltarmos a correr para a cama, e por volta das onze atravessarmos o Champs de Mars a patinar, até Beaugrenelle, «walkman», vento nos cabelos, algum sol, muito salmão, à noite revermos pela terceira vez a segunda parte de Dancin', de Bob Fosse, na primeira fila do Palais des Congrès (bilhetes a 7 contos; Bonnard — apesar de tudo — é mais barato).

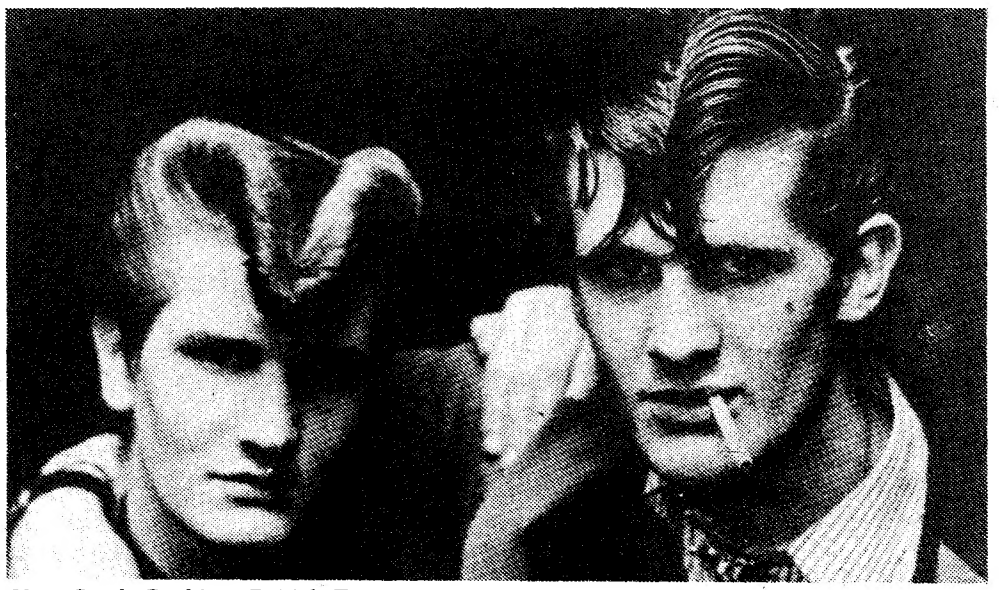
Será que Paris continua a ser um festim sem fim? Poderá continuar-se a considerar um privilégio ter assistido na sua juventude à chegada da Primavera a Paris? Será que os que não conheceram esse acontecimento não sabem o que é a doçura de viver, tal como quem não viveu os anos antes da revolução? Não sei. Sei que cada vez mais me apetece viver em Sahara Springs. Onde me sinto viver é sempre Sahara Springs.

Pop Styles — ou a mania do estilo

Fernando Guerreiro

«já não se vive e se exprime através de um estilo; hoje, não se vive e não se exprime senão para o estilo»

P. Bollen (in LONDRES, Autrement)



Chris Steele Perkins, British Eyes

A primeira ideia é esta: a de que a ideia de **mania** tem a haver com a de **estilo**. **Mania**, que vem de **mão** e que associa num mesmo gesto de eleição (escolha), físico, constante fixação no acto de **diferenciação** da mão, da forma e que, nessa medida, se torna o próprio termo equivalente (se não coincidente) de **estilo**.

E o que é o **estilo**? Se não o que não existe?!... Melhor, o que existe apenas — daí se diferenciando do **útil** e do **devido** — de ser uma pura escolha (em que ele se singulariza) do indivíduo. «Tens de encarar o nada como se ele fosse alguma coisa. Tirar alguma coisa desse nada. E depois deitá-lo fora de novo.» (Andy Wharol, **From A to B and Back again**, Picador.) O «prosaico» é assim o outro lado do «não-estilo», já que o não-estilo, por seu turno, pode ser sempre a forma restritiva como, pela negativa, se pode ainda realizar a singularidade do indivíduo.

Deste modo, o estilo é sempre o **maneiraco** — e é essa passagem pela **mão** que o confirma sempre como **maneira**, escolha pessoal, confecção (metonímica) do indivíduo («Na nossa época, o tornar sensível a materialidade das coisas, do mesmo modo que o constante 'parti pris' do físico, constituem as preocupações centrais dos criadores» — Michael Craig Martin citado por Nadine Descendre, in «L'École des artistes», LONDRES, **Autrement**, hors série, n.º 6, Março/1984).

Daí que no estilo convirjam essas duas determinações aprentemente tão distintas: a da **pluralidade** e a da **singularidade** (a do múltiplo e a do restrito — como delimitação, escolha de uma seita/grupo ou e um indivíduo). Podemos mesmo admitir que hoje o indivíduo só é definível em função de um grupo (por pequeno ou grande que seja esse grupo).

Compreende-se porquê. Em primeiro lugar, é a **multiplicidade das opções**, das fixações e dos estilos possíveis (cf. o livro de Ted Polhemus e Lynn Procter: «**Pop Styles — An A-Z guide to the world where fashion meets Rock'n'Roll**, Vermilion, 1984), que permite que, por um lado, a questão do estilo se **relativize** (e o importante da relativização não é o

Jean Paul Gaultier, Primavera de 1985

seu conteúdo liberal ou democrático mas que uma forma-padrão deixe de se poder apresentar como **absoluta**) e que, por outro lado, qualquer escolha, e este é o momento de descolagem (e de fixação) decisivo, se torne, possa em si ser sempre vivida como um **absoluto** (deste modo, é o próprio **arbitrário**, o aleatório, que se torna a lei e a necessidade-agora da ordem da negatividade e da singularidade — do absoluto).

Em segundo lugar, o próprio **estilo** — isto é, o momento, a prática de diferenciação do estilo — coloca-se sempre sob a forma do plural e do **múltiplo**. Se o estilo deixa de se basear numa **necessidade** (norma) que o fundamenta (motiva) como funcional e necessário, absoluto («o movimento 'punk' libertou o estilo da lei do significado, fez dele um sinal vazio de sentido, uma pura superfície»; «liberto do peso da expressividade o estilo podia enfim tornar-se um objecto puro» — Patrice Bellon, «Le Ballet des Masques», LONDRES, **Autrement**), o estilo passa então, a ser compreendido também numa relação fechada, invertidas sobre si, **autista**, em que se têm de se manifestar simultaneamente **traços de diferenciação** (o elemento «novo», a marca da minha mão e da minha mania, «griffe») e **elementos de identificação/reconhecimento** (que liga o elemento novo ao «modelo» a que ele se acrescenta e que repõem esse modelo como suporte da própria prática de diferenciação e da identidade do grupo).

Mas há ainda um terceira razão pela qual o estilo é sempre, ao mesmo tempo, **maníaco** (da ordem da fixação do indivíduo) e selectivo, de **grupo**. É necessário sempre um elemento de confirmação, **narcísico**, que confirme essa prática de diferenciação quer em relação a um modelo (Claude-Gilbert Dubois refere-se a um processo de «imitação diferenciante», a propósito do maneirismo — «**Le maniérisme**», PUF) quer em relação a um **écran de percepção (gosto: reconhecimento** — no duplo sentido do termo, o mimético e o narcísico) do grupo.

Porque o estilo, a ser alguma coisa, é pelo menos duplamante isto: a constatação de uma pluralidade (sempre em aberto) de sentidos (práticas) possíveis e a afirmação de que não há um «grau zero do estilo» (um «estado natural» ou «nulo» do estilo). Pelo contrário, a questão da diferenciação do Sujeito e do indivíduo (**é sempre em função de um outro que eu, pela imitação ou pela negativa, me construo: existo**) coincide sempre com a da construção (eleição) de um **artifício** pelo qual o Sujeito, mesmo que ilusoriamente — e num movimento em tudo fictivo —, se distingue e diferencia dessa outra ficção que é a de um «estado comum» (ou «neutro») do indivíduo.

Leroi-Gourhan, nos seus estudos (**«O Homem e a matéria»**, por exemplo), tem chamado a atenção para esse dado «não inocente» da antropologia: só há homem (melhor ainda — Sujeito, indivíduo) quando há **utensílio**, artifício — isto é, quando a mão **facciona** o objecto e o desvia, no seu sentido, do seu anterior uso/circuito (o termo é o adoptado por Paulo Varela Gomes e nele convergé a dupla determinação de **confecção/feitura** e a de **afecto/artifício**: de certo repararam como, etimologicamente, a **afectação** se encontra sempre muito perto do **afecto**, como se todo o excesso de paixão, sentimento, se tivesse sempre de traduzir — seria mesmo a sua forma de se manifestar, de vir à su-

Continua na pág. 4

Gerúndio

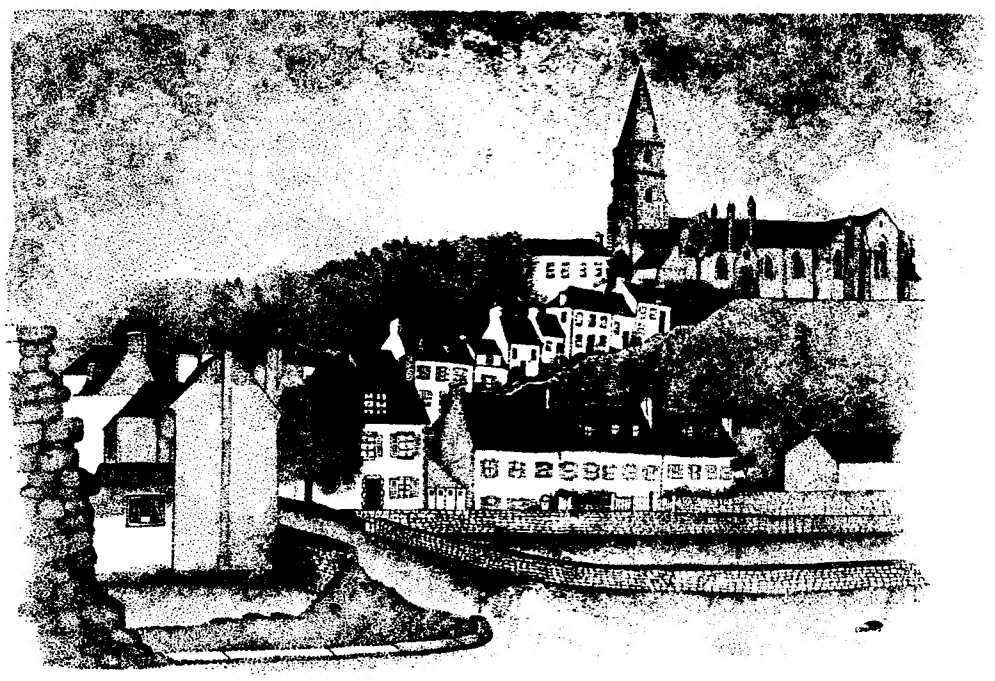
Pedro Alvim

Ergue-se
ao longe
oração
gramatical:

aprumado
bosque
em verbo
cerrado.

Sujeito
quem
o murmura

— e se perde
no gerúndio
da lonjura...



Fernando Belo

Por lapso, no último número do «Ler/Escrever», não se referenciou a data e o primeiro local de publicação do artigo *«Tocar as raias da loucura»*, do dr. Fernando Belo. Trata-se, de facto, de um texto escrito em 1979, a pedido da revista *Fenda*, de Coimbra, para um número especial sobre o tema *A Loucura*. Esse número especial da *Fenda* veio a ser publicado em 1982, incluindo o texto de Fernando Belo que na passada semana aqui reproduzimos. Do lapso pedimos desculpa à *Fenda* e ao dr. Fernando Belo.

Diário de Lisboa LER ESCREVER

Miss Jane Pittman

«HAVIA diversos anos que eu tentava convencer Miss Jane Pittman a contar-me a história da sua vida, mas de todas as vezes que lho pedia ela respondia-me que não havia história nenhuma para contar. Eu dizia-lhe que ela tinha mais de cem anos, fora uma escrava neste país (EUA), e portanto tinha de haver uma história. Quando a escola fechou para as férias do Verão, em 1962, voltei à plantação onde ela vivia. Disse-lhe que queria a sua história antes de a escola reabrir, em Setembro, e que não aceitaria um não como resposta.

«Não aceita?» — disse ela.

«Não, senhora».

«Então acho melhor dizer qualquer coisa» — disse ela.

«Não tem de dizer nada» — disse Mary.

Mary Hodges era uma mulheraça de pele castanha, com sessenta e poucos anos, que vivia na mesma casa que Miss Jane e olhava por Miss Jane.

«Se eu não disser, ele vai continuar a serrazinar-me até à morte» — disse Miss Jane.

«Para que quer saber coisas a respeito de Miss Jane?» — disse Mary.

«Ensino História — disse eu. — Estou certo de que a história da vida dela pode ajudar-me a explicar coisas aos meus alunos».

«Que mal têm esses livros que já tem?» — disse Mary.

«Misse Jane não está neles» — disse eu.

«Não há problema, Mary» — disse Miss Jane.

«Não é obrigada a dizer nada, a não ser que queira» — disse Mary.

«Ele vai continuar a importunar-me».

«Não vai, se lhe disser que não ponha cá mais os pés» — disse Mary. «E posso sempre pedir a caçadeira emprestada ao Etienne».

«Quando quer começar?» — disse Misse Jane.

«Quer dizer que está de acordo?» — disse eu.

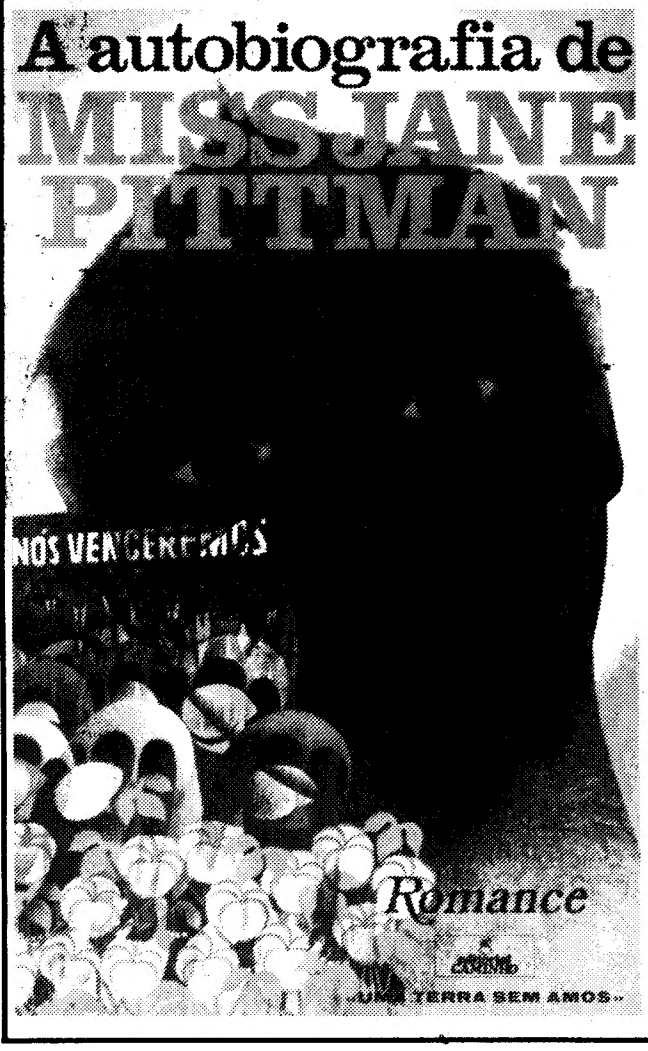
Limitaram-se a olhar para mim. Não consegui ler o pensamento de Miss Jane. Quando uma pessoa tem mais de cem anos é difícil saber o que está a pensar. Mas Mary andava apenas pelos sessenta e tal e eu li-lhe o pensamento sem dificuldade. Continuava a querer pedir a caçadeira emprestada ao Etienne.

«Segunda-feira está bem?» — perguntei.

«Segunda-feira serve» — disse Miss Jane.

Eu planeara gravar a história de Miss Jane em fita magnética, naquele Verão, antes de a escola reabrir. Ao fim das primeiras duas semanas tive a certeza de que o conseguiria. Mas na terceira semana as coisas começaram a andar mais devagar e quase pararam por completo. Miss Jane começou a esquecer tudo. Não sei se o fazia de propósito, se não, mas de repente não conseguia lembrar-se de nada. A única coisa que me valeu foi que havia outras pessoas lá em casa todos os dias que eu a entrevistava, as quais tinham muito gosto em me ajudar de todos os modos possíveis. Miss Jane voltava-se constantemente para uma delas para que respondesse...»

Em resumo: através do esforço de Ernest J. Gaines é proporcionada ao leitor «A Autobiografia de Miss Jane Pittman», uma mulher negra de 110 anos do Sul dos Estados Unidos. Miss Jane foi escrava e assistiu à guerra civil, mas viveu o suficiente para ser testemunha do movimento pelos direitos cívicos dos anos 50. Um livro indispensável, editado pela Caminho, numa tradução exemplar de Fernando Pinto Rodrigues. Capa de António Domingues.



Pop styles

Continuação da pág. 3

perfície — numa **maquinaria do artifício**).

Não há estilo, assim, que não seja ao mesmo tempo **narcísico** e de **grupo** (porque, como escrevem T. Polhemus e Lynn Proctor, «a fonte mais característica de estilos **pop** é **a rua**, op. cit., p. 6): Filmes como «Mad Max», de George Miller, «The Warriors» e «Streets of Fire» de Walter Hill, ou «The Outsiders» de F.F. Coppola, entre outros (para simplificar o **western pós-nuclear spaghetti** de realizadores como Enzo Castellani ou Folco Luci), têm apresentado como alternativa à célula (sistema) familiar, e para preencher essa mesma função de elo narcísico colectivo, um outro modelo, o **gang** (ou o **grupo**), que agora já não assenta em lanços de sangue (no factor consanguíneo) mas que se congrega, conjuga, em torno de algo muito mais aleatório e que resulta de uma **pura escolha**, artifício (ou seja, uma identidade de roupas, de música ou de atitudes). Que esse modelo se projecte numa era pós-nuclear (i.e., ao mesmo tempo **postumamente** — e não só no futuro — e como **impossível**) só acentua ainda mais como ele é já, hoje, uma verdade testada e experimentada (e não só no imaginário) de grupo.

Sabe-se como, do ponto de vista do estado actual das práticas artísticas, a música vai à frente (constitui em muitos aspectos uma actividade de ponta) — e não só ela: também a moda, o filme e o vídeo. E nela, não são tanto as formas que aí se manifestam que vão à frente, como os **afectos**, as atitudes que aí se imiscuem e experimentam — do mesmo modo que os novos esquemas de produção e de circulação, de impregnação e de **camuflagem** dos produtos. Não é assim de estranhar que uma obra que se pretenda inscrever no redemoinho sem centro dete (per)-curso, escolha de preferência a forma adoptada desde início por Ted Polhemus e Lyn Proctor no seu livro («**Pop Styles**...»): a de um **catálogo**, a de um mero recenseamento de opções (escolhas) possíveis e de atitudes. O seu livro é assim um **pronto-a-vestir** (ou despir): uma **montra**, um puro mostruário de estilos. Que nessa diversidade cada um possa escolher aquilo que melhor se coaduna com o seu desejo (mania — ou vício), é, talvez, o que de mais «profiláctico» se pode hoje pretender de qualquer obra, produto.

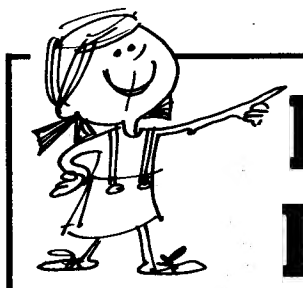
«Então, a Pop-Arte pegou no interior e fez dele um exterior; pegou no exterior e fez dele um interior.» (Andy Wharol, **Popisms**.)

Elogio de Fernando Echevarria

(particularmente pelo seu livro "Fenomenologia")

António Ramos Rosa

Escrever é um exercício que se torna alto através da sombra e num rigor oblíquo que traz o timbre da água e a superfície densa. E em esfera se alarga a uma transparência que é atenção animal da luz mais viva a iluminar a ausência. Ou uma atmosfera de estar a ver as árvores se move a umas palavras de clara nitidez e de intensa densidade. Terra, é a terra que dizes em linhas e meandros e em alta inteligência na escultura branca dos vocábulos e em torres lúcidas que se erguem até ao longe de só haver o branco solo deserto.



ESTANTE INFANTIL

TÍTULO — Fugiu o canário
AUTOR — Neil e Ting Morris
ILUSTRADOR — Anna Clarke
TRADUTOR — Rita Veiga
EDITOR — Editorial Verbo

TODA a leitura deve ser uma fonte de prazer, na medida em que o acto de conhecimento é sempre — deve ser sempre — uma festa.

Levava-nos muito longe esta discussão do que dá e do que não dá prazer, do que traz consigo um acto de festa (de alegria) ou de como se tem de comportar um livro nos domínios do entretém e dos tempos livres.

Pessoalmente entro em festa quando encontro juntos uma criança e um livro. O puro acto de ler, de encontrar as palavras, jogar com elas, participar delas, assimilá-las, utilizá-las como importante, fundamental instrumento para o desenvolvimento da inteligência e domínio da expressão eis o que dá relevo imediatamente para sustento de uma referência crítica.

Neste livro de Neil e Ting Morris pretende-se a construção do livro como material de conhecimento do mundo, da realidade exterior, não tanto pelo que realmente se diz, mas pelo que se leva a criança a participar, visualmente. O texto serve de apoio a gravuras de página inteira onde os leitores devem procurar animais, plantas, instrumentos de trabalho, frutos, objectos os mais diversos.

Este processo pode contribuir para habituar a criança ao livro, este ser frágil cada vez mais agredido pelos audiovisuais mas, também por causa disso, cada vez mais indispensável.

Importa despertar a convivência com o livro desde a mais tenra idade. Se me é permitida a imagem., a criança deve tomar contacto com o livro ainda no ventre materno. Livros como **Fugiu o canário** podem chamar a atenção dos mais pequeninos para este objecto precioso que é o livro. Razão suficiente para que seja aqui mencionado.

MÁRIO CASTRIM